Manuela Dias: 'Não queremos mais a história de princesa. Agora, queremos a da babá', diz autora que adapta 'Vale tudo' SEGUNDO CADERNO

O GLOBO

Irineu Marinho (1876-1925) — (1904-2003) *Roberto Marinho*

RIO DE JANEIRO, **SEGUNDA-FEIRA, 1 DE ABRIL DE 2024** ANO XCIX · Nº 33.110 • PREÇO DESTE EXEMPLAR NO RJ • **R$ 6,00**

CONTA QUE NÃO FECHA

Benefícios da Previdência crescem três vezes mais que os contribuintes

Em dez anos, alta média do número de pagamentos foi de 2,2%, contra 0,7% do aumento de quem contribui

Estudo mostra que, entre 2012 e 2022, o crescimento médio anual no número das pessoas que contribuem para a Previdência foi de apenas 0,7%, enquanto o aumento na quantidade de benefícios pagos foi de 2,2%, ou seja, o triplo. O especialista em políticas públicas Rogério Nagamine, que elaborou o estudo a partir de dados da Pnad, alerta que, mesmo que a economia cresça e puxe o emprego formal, o desequilíbrio permanecerá. Para analistas, isso reforça os argumentos pela discussão de uma nova reforma previdenciária. PÁGINA 11

FERNANDO GABEIRA

É possível revisitar 1964 e usá-lo para avançar diálogo no presente PÁGINA 2

DEMÉTRIO MAGNOLI

Pacto expresso na Lei da Anistia corrompeu memória nacional PÁGINA 3

RACHEL MAIA

O país precisa respeitar e acolher todas as deficiências PÁGINA 12

JOAQUIM FERREIRA DOS SANTOS

O Brasil é um imenso primeiro de abril SEGUNDO CADERNO

Entreouvindo no Planalto

— Vamos em frente, que atrás vem gente!

Ministros aumentam repasses a prefeituras de seu reduto eleitoral

As pastas do Turismo e da Integração destinaram, apenas em janeiro de 2024, mais recursos do que em todo 2023 para prefeituras dos estados de seus ministros. PÁGINA 4

STF tem três votos contra a tese das Forças Armadas como poder moderador

Em seu voto, ministro Flávio Dino lembrou que a Constituição prevê a função militar como "subalterna" ao poder civil e criticou interpretação distinta da Carta. PÁGINA 8

Oito dos 38 ministros relembram ditadura nos 60 anos do golpe

Depois de o presidente Lula ter vetado posicionamentos institucionais do governo sobre a data, menos de um quarto do primeiro escalão se manifestou de forma pessoal. PÁGINA 8

MÁRCIA FOLETTO

De saída da Avenida Brasil

Em 12 anos, 33 mil pessoas deixaram de morar ao longo da mais extensa via expressa do Rio ou na faixa de 500 metros às margens dela. Episódios de violência e o preço dos aluguéis motivam o grande número de placas de "aluga-se" ou "vende-se" ao longo da via, e desafiam governos a deter êxodo de uma área com boa infraestrutura. PÁGINA 13

Governo quer usar EBC para reverter desaprovação

Planalto pretende ampliar divulgação de ações do Executivo no canal governamental e quer estreitar comunicação com evangélicos nos veículos da empresa. PÁGINA 7

ENTREVISTA/JEFFREY GLENN

'Vacina é importante, mas precisamos de um antiviral'

Virologista americano afirma que vacinas não darão conta da dengue, e fala da parceria com brasileiros para desenvolver droga que vá além da prevenção contra a doença. PÁGINA 10

PREPARAÇÃO DESDE JÁ

O GLOBO lança Guia do Enem

Estudantes contam a partir de hoje com o Guia de Estudos do Enem, um roteiro completo para se dar bem na prova. PÁGINA 9

VATICAN MEDIA/AFP

Na Páscoa, Papa apela por cessar-fogo

Na missa, Francisco clama ainda pela libertação de reféns em Gaza. Com quase seis meses, guerra motivou ontem alguns dos maiores protestos contra Netanyahu em Israel. PÁGINA 20

PRECONCEITO NOS EUA

Eleições alimentam sentimento anti-imigração

EXPATRIADOS DO BRASIL Acirramento político no ano eleitoral americano agrava situação de imigrantes nos EUA, principal destino de brasileiros que emigram, relata EDUARDO GRAÇA. PÁGINA 19

ESPORTES

Botafogo garante vaga na Copa do Brasil 2025

Alvinegro confirma o título da Taça Rio ao vencer de novo o Boavista, e minimiza prejuízo pela eliminação precoce do Carioca. PÁGINA 21

RODRIGO CAPELO

Futebol brasileiro precisa sair de enrascada para ter liga PÁGINA 21

Opinião do GLOBO

Persistência do analfabetismo envergonha Brasil

Meta de erradicar chaga neste ano não será cumprida — segundo o IBGE, há 9,3 milhões de analfabetos

É desalentador que o Brasil ainda tenha 9,3 milhões de analfabetos, total apontado para 2023 pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), do IBGE. Embora isso represente apenas 5,4% da população brasileira, é gente demais — o número supera a população de Pernambuco (9 milhões). A persistência do analfabetismo mostra que sucessivos governos têm falhado na missão essencial de fornecer educação básica.

É verdade que a parcela de analfabetos tem caído, mas muito lentamente. Em 2022, os brasileiros que não sabiam ler ou escrever representavam 5,6% da população. O ritmo de queda deixa evidente que o Brasil não cumprirá a meta traçada no Plano Nacional de Educação (PNE) de erradicar o analfabetismo até o final deste ano. Faltam recursos, gestão eficiente e campanhas de incentivo para levar os adultos à sala de aula.

A pesquisa do IBGE mostra que 90% dos analfabetos (8,3 milhões) são adultos com mais de 40 anos, sinal de que os esforços das últimas décadas junto a crianças e adolescentes têm surtido efeito. Na faixa de 15 a 17 anos, o analfabetismo é de apenas 0,05%. "A concentração de analfabetos na população com mais idade tem relação com as melhorias da educação básica no país", afirma Adriana Beringuy, coordenadora da pesquisa.

As estatísticas expõem também a disparidade regional. O analfabetismo no Nordeste (11,2%) é quase o quádruplo do verificado no Sul (2,8%) e no Sudeste (2,9%). Não deveria ser difícil para o Ministério da Educação, em conjunto com estados e municípios, combater um problema localizado.

Os números refletem a ineficácia — ou, no mínimo, insuficiência — das políticas públicas para Educação de Jovens e Adultos (EJA), destinadas a quem não cursou ensino fundamental ou médio. Infelizmente, nos últimos anos, os governos não têm dado a atenção necessária a elas. Em 2014, foram destinados R$ 820 milhões à EJA. Em 2021, os recursos alcançaram o menor patamar, apenas R$ 6 milhões.

A educação brasileira já tem problemas demais para ter de enfrentar questão tão básica, já superada na maioria dos países emergentes. No Brasil, mesmo alunos considerados alfabetizados encontram obstáculos para ler e escrever. Uma pesquisa encomendada por Itaú Social, Fundação Lemann e BID em 2022 constatou que, na fase de alfabetização, 40% das crianças enfrentam dificuldades. De acordo com os pais, 10% estão bem abaixo do esperado para leitura e escrita, parcela que sobe para 24% nas áreas vulneráveis.

Todos os brasileiros, independentemente da idade, deveriam ter acesso à educação. O analfabetismo segrega o cidadão. Quem não sabe ler ou escrever vive apartado do mundo. Não é incomum encontrar adultos analfabetos que nunca saíram da comunidade em que moram porque não conseguem identificar o número ou o destino dos ônibus e temem se perder. Vivem um isolamento forçado. No mercado de trabalho, são costumeiramente marginalizados. As redes sociais por onde tudo circula não existem para eles. O mínimo que o Estado pode lhes oferecer é a oportunidade de estudar, não importando a idade. Mas não basta abrir as portas da escola. É preciso incentivá-los a frequentar a sala de aula, mostrando o mundo que se abre para quem sabe ler e escrever. Não se trata apenas de educação. Trata-se sobretudo de dignidade.

Acordo do Mercosul com países europeus fora da UE é promissor

Negociações com bloco formado por Liechtenstein, Noruega, Islândia e Suíça deverão ser retomadas em abril

A longa tradição brasileira de se fechar ao exterior costuma retardar a negociação de acordos comerciais. Quando há protecionismos dos dois lados da mesa, as conversas se alongam. É o caso do acordo do Mercosul com a União Europeia (UE), há mais de 20 anos para ser fechado em definitivo. A visita recente do presidente francês Emmanuel Macron ao Brasil poderia ter desanuviado um pouco o clima, mesmo assim ele manteve a resistência ao tratado.

O bloco formado por Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai assinou até agora pouquíssimos acordos comerciais: com Israel em 2007, Egito em 2010, Palestina em 2011 e Cingapura no final do ano passado. Nesse quadro tímido de abertura para o comércio, é promissora a retomada das negociações com a Associação Europeia de Livre-Comércio (Efta), formada por Suíça, Noruega, Islândia e Liechtenstein — países que não fazem parte da UE.

A Efta decidira esperar o desfecho das negociações entre Mercosul e UE, mas, como não há previsão para que as duas partes se entendam, os quatro países se informaram estar dispostos a voltar a conversar. Foi agendada para abril uma reunião em Buenos Aires.

O Mercosul precisa aproveitar a retomada dessas negociações. Houve um primeiro entendimento com a Efta em 2019, pouco depois do acordo preliminar com a UE. Mas as pressões de agricultores europeus — sobretudo franceses — e o descaso do governo Jair Bolsonaro com o meio ambiente praticamente congelaram a aproximação não apenas com a UE. Também com a Efta.

Da mesma forma que a UE, a Efta considerava a política ambiental bolsonarista um obstáculo ao tratado comercial. As maiores resistências partiam da Noruega, cuja primeira-ministra, Erna Solberg, afirmou em agosto de 2019 que um acordo com o Mercosul chegaria em "péssimo momento". A Noruega suspendeu doações a projetos do Fundo Amazônia.

No fim do ano passado, Macron classificou de "antiquado" o acordo preliminar entre UE e Mercosul e, pouco depois, confirmou que os europeus não dariam seu aval a ele. Na visita ao Brasil, repetiu sua posição contrária. Outro fator dificulta o avanço do acordo. A eleição para o Parlamento Europeu, marcada para junho, deverá levar a mudanças na alta burocracia da UE em Bruxelas. Para os eurocratas, 2024 é um ano pouco indicado para importantes negociações comerciais.

No caso da Efta, os obstáculos são menores. O Ministério da Fazenda calculou que um acordo contribuiria com US$ 5,2 bilhões para o PIB brasileiro em 15 anos. Outra vantagem está na simplicidade, em comparação com a UE. Em vez de precisar do aval da Comissão Europeia, do Parlamento Europeu e dos legislativos de 27 países, tanto Mercosul como Efta exigem apenas a ratificação dos respectivos Parlamentos. Na Suíça há a necessidade de referendos. Nada, porém, que inviabilize o acordo ou os benefícios das trocas comerciais. Diante da demora e da hesitação da UE, uma conclusão rápida das conversas que serão retomadas em abril com a Efta seria muito bem-vinda.

Artigos

oglobo.globo.com/opiniao/
cartas@oglobo.com.br

FERNANDO GABEIRA

blogs.oglobo.globo.com/opiniao
editoria.artigos@oglobo.com.br

1964, o passado já passou?

Acordei bem cedo para ir à Cinelândia, no Centro do Rio. Queria o silêncio e a luz da manhã para gravar sobre 1964. Confesso que, ao ligar a câmera, me veio à cabeça um poema de Mário Quintana: "Quando se vê, já são 6 horas! Quando se vê, já é sexta-feira!". Quando se vê, passaram 60 anos.

Meus suspiros eram secundários diante do fato histórico e do próprio lugar. Escolhi a Cinelândia, porque estava lá no dia do golpe, mas também porque ouvi tiros vindos do Clube Naval, sabia que a rádio Mayrink Veiga resistia ali perto, e desse lugar partiram também os amigos que foram buscar as armas prometidas, e jamais entregues, pelo Almirante Aragão.

Mais tarde, da Cinelândia, se podia ver a multidão com rosários, marchando com Deus, pela família e propriedade. A sorte estava lançada.

Na Cinelândia aconteceram grandes manifestações da resistência, inclusive a Passeata dos Cem Mil, que levou às ruas artistas como Clarice Lispector, a admirável escritora intimista que não se enquadrava no gênero engajado, tão em moda na época.

As coisas sempre começavam na Candelária e terminavam na Cinelândia, mesmo depois do fim da ditadura. Para abrigar tanta gente, o Comício das Diretas foi na Candelária. Na verdade, esse trecho da Avenida Rio Branco, da Candelária à Cinelândia, foi o palco mais completo de grande parte de nossa História.

Lembro-me daquele período como um tempo marcado pela Guerra Fria. No entanto, com tantas assembleias, debates, manifestações, era um tempo de presença. Sentíamos o cheiro e o calor do outro, daí a grande dor pelos que morreram ao longo dessas décadas.

Hoje, somos imagens luminosas numa tela. Nossa carne e sangue transfiguram-se em bytes; daqui a pouco seremos substituídos por uma réplica que falará como nós. Aquela multidão com rosários disposta a dar ouro pelo bem do Brasil se transformou, foi para a porta dos quartéis, invadiu os prédios dos três Poderes em 8 de janeiro de 2023. Mas as Forças Armadas se recusaram a aderir a uma aventura golpista.

> ***A Guerra Fria acabou, mas os corações, principalmente os fígados, não abandonam o estado bélico***

A internet lançou milhões de novos atores na cena política. A agressividade aumentou, brigam as correntes umas contra as outras, brigam contra quem não quer brigar, brigam contra quem briga mais levemente.

Análises políticas mais elaboradas são uma atividade de risco. Apanha-se de todo lado. Mas, felizmente, a descoberta do Brasil, com seus recursos naturais, é uma conquista relativamente nova, dos tempos de crise ecológica.

Não voltamos a 1964, dificilmente voltaremos. Apesar do tom sombrio dos debates, do tsunami de fake news, do crescimento da extrema direita, de governos autoritários ao redor do mundo, da própria hipótese da ruína da democracia americana, da volta do Trump, tudo isso não responde às necessidades de uma época ameaçada pela destruição ambiental e pela desigualdade de renda.

O fato de não voltarmos, creio eu, nos ajuda a lembrar 1964. E isso não tem nada a ver com radicalismo. É possível revisitar uma época e usá-la para avançar o diálogo no presente.

A Guerra Fria acabou, mas os corações, principalmente os fígados, não abandonam o estado bélico. Novos temas entraram em cena para inflamar os ânimos: a imigração no Norte, a violência urbana e corrupção em países do Sul.

Não há nada, no entanto, que não possa ser discutido e resolvido num clima de paz e liberdade. Aliás, esse é o fundamento de nossa política externa, é o traço singular da visão brasileira do mundo.

Precisamos ser o que escrevemos que somos. Nossa habilidade em pacificar conflitos pelo mundo vai por água baixo se não demonstrarmos aqui o que prega a sabedoria mineira: as ideias brigam, as pessoas não.

GRUPO GLOBO

Princípios editoriais do Grupo Globo: http://glo.bo/pri_edit

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

PRESIDENTE: João Roberto Marinho
VICE-PRESIDENTES: José Roberto Marinho e Roberto Irineu Marinho

O GLOBO

é publicado pela Editora Globo S/A.

DIRETOR-GERAL: Frederic Zoghaib Kachar
DIRETOR DE REDAÇÃO E EDITOR RESPONSÁVEL: Alan Gripp
EDITORES EXECUTIVOS: Letícia Sander (Coordenadora), Alessandro Alvim, André Miranda, Flávia Barbosa, Luiza Baptista e Paulo Celso Pereira
EDITOR DO IMPRESSO: Miguel Caballero
EDITOR DE OPINIÃO: Helio Gurovitz

Rua Marquês de Pombal, 25 - Cidade Nova - Rio de Janeiro, RJ
CEP 20.230-240 • Tel.: (21) 2534-5000 Fax: (21) 2534-5535

EDITORES
Política e Brasil: Thiago Prado - thiago.prado@oglobo.com.br
Rio: Rafael Galdo - rafael.galdo@oglobo.com.br
Economia: Luciana Rodrigues - luciana.rodrigues@oglobo.com.br
Mundo: Leda Balbino - leda.balbino@sp.oglobo.com.br
Saúde: Adriana Dias Lopes - adriana.diaslopes@sp.oglobo.com.br
Segundo Caderno: Marcelo Balbio - balbio@oglobo.com.br
Esportes: Thales Machado - thales.machado@oglobo.com.br
Fotografia: André Sarmento - asarmento@oglobo.com.br
Home e redes sociais: Tiago Dantas - tiago.dantas@oglobo.com.br
Audiência: Gabriela Goulart - gab@oglobo.com.br
Acervo e Qualificação: William Helal Filho - william@oglobo.com.br

SUPLEMENTOS
Boa Viagem: Marcelo Balbio - balbio@oglobo.com.br
Rio Show: Inês Amorim - ines@oglobo.com.br
Ela: Marina Caruso - mcaruso@oglobo. com.br
Bairros: Milton Calmon Filho - miltonc@oglobo.com.br

SUCURSAIS
Brasília: Thiago Bronzatto - thiago.bronzatto@bsb.oglobo.com.br
São Paulo: Renato Andrade - renato.andrade@sp.oglobo.com.br

ATENDIMENTO AO ASSINANTE
www.portaldoassinante.com.br ou pelos telefones: 4002-5300 (capitais e grandes cidades)
0800-0218433 (demais localidades)
WhatsApp: 21 4002 5300
Telegram: 21 4002 5300

ASSINATURA MENSAL
com débito automático no cartão de crédito, ou débito automático em conta-corrente (preço de segunda a domingo) para RJ, MG, SP e ES: R$ 169,90
(O Globo não faz cobranças em domicílio)

VENDAS EM BANCA
Dias úteis: RJ, SP, MG e ES: R$ 6,00
Domingos: RJ, SP, MG e ES: R$ 10,00
Carga tributária aproximada de 20%

O GLOBO não entra em contato para cobrança de multa ou renovação da assinatura. Desconsidere qualquer contato a respeito desses temas. Para ter O GLOBO em seu ponto de venda, escreva para vendasavulsas@edglobo.com.br

FALE COM O GLOBO:
Geral (21) 2534-5000 **Classifone** (21) 2534-4333
Assinaturas 4002-5300 ou oglobo.com.br/assine

AGÊNCIA O GLOBO DE NOTÍCIAS: Venda de noticiário: (21) 2534-5595 Banco de imagens: (21) 2534-5777
Pesquisa: (21) 2534-5201

PUBLICIDADE Noticiário: (21) 2534-4310 Classificados: (21) 2534-4333 Jornais de Bairro: (21) 2534-4355
Missas, religiosos e fúnebres: (21) 2534-4333.
Plantão nos fins de semana e feriados: (21) 2534-5501

A marca do manejo florestal responsável

Leia aqui a Declaração Conjunta ao FSC

_ **SEG** _ Fernando Gabeira _ Demétrio Magnoli (quinzenal) _ Miguel de Almeida (quinzenal) _ Irapuã Santana (quinzenal) _ Washington Olivetto (quinzenal)
_ **TER**_ Merval Pereira _ Carlos Andreazza _ **QUA**_ Vera Magalhães _ Elio Gaspari _ Bernardo Mello Franco _ Roberto DaMatta (quinzenal) _ **QUI**_ Merval Pereira _ Malu Gaspar
_ **SEX**_ Vera Magalhães _ Flávia Oliveira _ Pedro Doria _ Bernardo Mello Franco _ **SÁB**_ Carlos Alberto Sardenberg _ Eduardo Affonso _ Pablo Ortellado _ **DOM**_ Merval Pereira _ Dorrit Harazim _ Bernardo Mello Franco

DEMÉTRIO MAGNOLI

blogs.oglobo.globo.com/opiniao
editoria.artigos@oglobo.com.br

1964, memórias corrompidas

A esquerda ouviu, mortificada, o recado de Lula:

— O que eu não posso é não saber tocar a história para frente, ficar remoendo sempre.

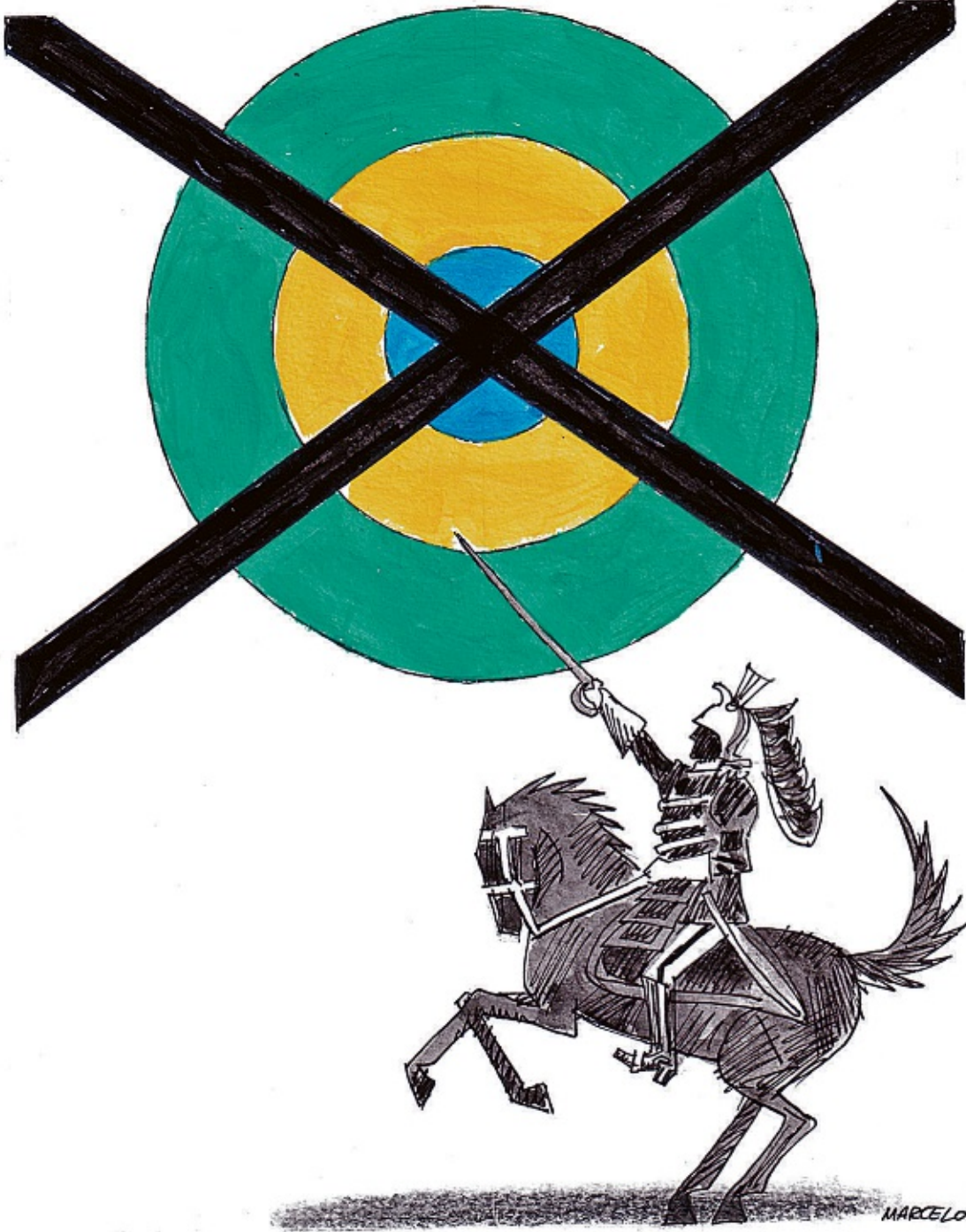
O governo não participou de atos de memória sobre os 60 anos do golpe de 1964 e, ao contrário do que planejava o ministro Silvio Almeida, não houve nem haverá um pedido estatal de desculpas pelas violações de direitos humanos da ditadura militar. A motivação presidencial é péssima: não melindrar os quartéis. Haveria, porém, razão melhor: a ausência de um consenso nacional mínimo sobre essa parte sombria de nosso passado recente.

O pacto cívico-militar da transição, expresso na Lei de Anistia, corrompeu a memória nacional. Decretada em 1979, a lei destinava-se a proteger torturadores e assassinos.

De Sarney a Dilma, passando por FH e Lula, sucessivos governos confirmaram o pacto original, impedindo que o sistema de Justiça produzisse conclusões incontestáveis. Ao contrário da Argentina ou do Chile, nunca prendemos ninguém por crimes definidos como imprescritíveis. Não imitamos nem mesmo a África do Sul, que inscreveu tais crimes e os nomes dos criminosos em documentos judiciais. Mais que impunidade, escolhemos navegar por águas turvas.

Consequência: corrompeu-se a memória dos militares. As Forças Armadas continuam a batizar o golpe de Estado como revolução. Nas escolas militares, justifica-se o regime ditatorial. Nos dias 31 de março, ordens do dia quase celebram a ruptura da ordem democrática. Uma facção minoritária de generais e coronéis embarcou na trama golpista de Bolsonaro. Os quartéis melindrados convenceram Lula a esquecer o passado.

O pacto da anistia também corrompeu a memória das correntes de esquerda que se engajaram na luta armada. A reação à impunidade foi buscar uma espécie de reparação simbólica. A Comissão de Anistia tornou-se palco de celebrações das lideranças da opção aventureira. Nos círculos da esquerda derrotada, os guerrilheiros caídos foram convertidos em heróis da resistência. Por essa via, evitou-se a revisão crítica da estratégia das ações violentas "exemplares".

A resistência efetiva à ditadura lastreou-se na firmeza de líderes políticos que insistiram em participar dos processos eleitorais viciados, na clareza das correntes de esquerda que rejeitaram a luta armada, na persistência dos movimentos sociais. As ações armadas emanaram da teoria do "foco guerrilheiro", inspirada em Fidel e Guevara. Segundo sua lógica subjacente, a vanguarda em armas acenderia a faísca da revolta das massas. Na prática, porém, os assaltos a bancos, os sequestros de diplomatas e os ensaios de guerrilha na selva apenas ofereceram pretextos para o endurecimento da repressão estatal.

Na esquerda, a dura lição choca-se com a muralha do negacionismo. Poucos atrevem-se à defesa explícita da estratégia da luta armada, mas a corrupção da memória exprime-se por outros atalhos, como o apego ao regime castrista em Cuba e às ditaduras aliadas na Venezuela e Nicarágua. O valor das liberdades políticas e do sistema democrático circunscreve-se à retórica oportunista para consumo interno. Denuncia-se Bolsonaro, mas não Maduro ou Putin.

A narrativa protocolar da esquerda "anti-imperialista" sobre 1964 aponta o dedo acusador na direção dos Estados Unidos. É certo que a Casa Branca e a CIA ofereceram amparo ao golpe (e, também, que a reviravolta política promovida por Jimmy Carter acelerou, desde 1977, a "abertura" no Brasil). Entretanto o golpe teve as cores do Brasil.

1964 foi tramado nas nossas elites econômica, intelectual e militar. Contou com apoio significativo das classes médias urbanas e dos principais veículos de comunicação. O regime que dele resultou não era uma peruca imposta por malvados estrangeiros. Infelizmente, o bolsonarismo tem raízes sociais e históricas.

No Chile, no Uruguai e até na Argentina formaram-se consensos nacionais básicos sobre as ditaduras de meio século atrás. O Brasil, viciado na conciliação por cima, prefere ofuscar sua história, perpetuando estéreis guerras de narrativas. No fundo, é para conservar esse hábito que Lula decidiu não "ficar remoendo".

ARTIGO

Esporte, indústria movida a IA

EDUARDO TEGA

Há grande expectativa no setor de tecnologia e inovação desde que o governo federal anunciou que encomendou à ministra da Ciência, Tecnologia e Inovação, Luciana Santos, a elaboração até junho de um plano concreto para o desenvolvimento e o uso da inteligência artificial (IA) no país. Vê-se, nessa intenção, a possibilidade de aplicar estratégias que a própria Academia Brasileira de Ciências (ABC) apresentou, em novembro do ano passado, e a esperança é que outros setores-chave sejam incluídos nesse plano.

A conclusão da ABC era que seria necessário um investimento anual de R$ 1 bilhão por ano para que o Brasil buscasse um lugar na lista das 20 nações mais competitivas em inteligência artificial. Até agora, vimos o esforço do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT) de Lula em aplicar R$ 170 milhões, via Finep, para o desenvolvimento da IA no setor industrial. A questão é que, além de claramente insuficiente, o valor não contemplava setores que precisam ser incluídos, como o esporte, principal ferramenta do *soft power* brasileiro e campo em que podemos nos desenvolver rapidamente. Há duas razões para isso.

A primeira é que o mercado da bola passa atualmente pela hiperprofissionalização, com o movimento das Sociedades Anônimas do Futebol (SAFs), que trazem aportes de dinheiro significativos e precisam otimizar gastos, engajar torcedores e encontrar soluções tecnológicas. Tudo isso estimula o desenvolvimento de *sportstechs* (startups voltadas para o esporte e o entretenimento), capazes de funcionar como criadoras de soluções que, uma vez que funcionem, podem ser aplicadas em qualquer entidade esportiva do mundo.

> ***SAFs trazem aportes de dinheiro significativos e precisam otimizar gastos e encontrar soluções tecnológicas***

Segundo, porque o esporte tem muito campo para avançar como promotor de desenvolvimento social. Apenas 3% dos atletas que disputam a Copa São Paulo de Futebol Júnior chegam à elite, segundo estudo publicado em 2024. Todos os anos, escolinhas e departamentos de base dos clubes, de futebol ou não, produzem uma enormidade de dados de desempenho de crianças e adolescentes. Mas a dificuldade de processar e entender esses dados permanece, uma vez que tudo isso está sujeito a falhas e vieses humanos dos mais diversos. A revolução que a inteligência artificial já ensaia trazer para o campo e a quadra pode não apenas identificar com mais precisão talentos antes desperdiçados, como também abrir um enorme campo de desenvolvimento e exportação da própria IA.

Mesmo sem ajuda, o Brasil já demonstra ter plenas condições de se posicionar no setor de esporte e entretenimento: de 2018 a 2022, o país reuniu investimentos da ordem de US$ 805,5 milhões nessas empresas, segundo relatório de 2023 da consultoria SportstechX, baseada em Berlim. Como resultado, há startups brasileiras que já conseguiram exportar suas soluções para os mercados europeu e americano, além de oportunidades mapeadas em potências do Oriente Médio, como a Arábia Saudita, nação apaixonada por futebol que manifestou interesse em trocas de tecnologia.

Já vendemos jogadores, já sediamos grandes eventos, temos entrada em grandes mercados consumidores de esporte e entretenimento. Agora, é fundamental que o esporte seja visto e estimulado como indústria brasileira de enorme penetração no exterior, numa parceria fundamental entre MCT e Ministério do Esporte, para que o Brasil seja capaz de conquistas de enorme visibilidade no campo da inovação.

Eduardo Tega, mestre em governança esportiva pela Uefa, é fundador da Sportheca

ARTIGO

Força de paz não é uma questão de marketing

OTÁVIO SANTANA DO RÊGO BARROS

Mês passado, uma roda com jornalistas de grande expressão discutia a crise atual do Haiti e as consequências para a população e para a região.

Impossível não vincular a história recente do Haiti às nossas Forças Armadas. Já se passaram 20 anos desde que tropas brasileiras foram destacadas para aquele país, atendendo a uma solicitação da Organização das Nações Unidas (ONU) para compor a Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti (Minustah).

Em 2010, logo depois do terremoto que destruiu o país, comandei o 1º Batalhão Brasileiro de Força de Paz (Brabat 1). Cheguei ao Haiti ainda com corpos soterrados pelos escombros. Vivi por sete meses em Porto Príncipe, ocasião em que deparei com as mazelas seculares da antiga colônia francesa, agravadas pelas condições dantescas que o sismo provocou na região.

O tremor ceifou a vida de 250 mil pessoas e deixou um sem-número de feridos. A missão que se aproximava do fim, com a transferência programada do poder às autoridades haitianas, foi prolongada até 2017. A prioridade foi redirecionada para a ajuda humanitária, com o Brasil assumindo-se principal ator na operação dirigida pela ONU.

Toneladas de alimentos, remédios, cobertores, garrafas d'água etc. foram transportadas por aeronaves da Força Aérea Brasileira e por navios da Marinha do Brasil. Um enorme esforço do governo brasileiro para minimizar as agruras da população.

Essa missão de paz marcou profundamente uma geração de nossos militares. Perto de 35 mil homens e mulheres foram postos à prova em seu profissionalismo. Somos, até hoje, citados como exemplo de sucesso pelo Departamento de Operações de Paz (DPO), estrutura responsável na ONU por conduzir essas missões.

> ***De generais a soldados, deram o melhor de si em prol de um ideal que parece hoje escapar ao ser humano: construir genuína solidariedade***

Voltando à roda de jornalistas. Na esteira de avaliações sobre o envolvimento de militares no cenário político-partidário dos últimos anos, alguns dos profissionais criticaram a atuação das tropas brasileiras no Haiti, atribuindo o sucesso captado pela opinião pública a uma campanha bem-sucedida de marketing.

Afundar a perna até o joelho em água pútrida, mesclada com lixo, dejetos animais e humanos, na favela de Cité Soleil enquanto patrulhávamos não é questão de marketing.

Fazer as honras fúnebres aos 18 militares que perderam a vida esmagados entre escombros provocados pelos tremores não é questão de marketing.

Acolher milhares de feridos, muitos amputados, nas instalações de saúde no Campo Charlie, fornecendo-lhes comida, água e carinho, não é questão de marketing.

Enfrentar terremotos, furacões e tempestades tropicais arrasadores, enquanto convivíamos com pobreza e insalubridade na "cozinha do inferno", não é questão de marketing.

Submeter-se ao perigo real de perder a vida em solo estrangeiro, em nome da paz, ao enfrentar bandidos sanguinários e muito bem armados, não é questão de marketing.

Escarafunchar paredes instáveis, ainda sob impacto de tremores secundários, na busca de pessoas que urravam por socorro, não é questão de marketing.

Se, após a retirada das tropas estrangeiras do Haiti, das estruturas civis conduzidas pela Minustah e a redução do apoio econômico de muitos governos estrangeiros, o país voltou a sofrer instabilidades, não é aos homens e mulheres das forças brasileiras que deve ser imputado o insucesso.

Enquanto lá estiveram, desde generais a simples soldados, deram o melhor de si em prol de um ideal que parece hoje escapar ao ser humano: construir genuína solidariedade para com o semelhante.

Enfim, relembrando o lema dos boinas azuis: tudo pela paz!

Otávio Santana do Rêgo Barros é general de divisão da reserva

NA WEB
COMPROMISSOS SUSPENSOS
Alckmin com Covid-19
Vice-presidente testa positivo para o vírus após almoço com Lula e Macron
PARA ACESSAR APONTE O CELULAR PARA O QR CODE

EM ANO DE ELEIÇÕES

Ministros do Turismo, Integração e Cidades aumentam repasses a prefeituras aliadas

SARAH TEÓFILO, PATRIK CAMPOREZ, BERNARDO LIMA, DIMITRIUS DANTAS E CAIO SARTORI
politica@oglobo.com.br
BRASÍLIA E RIO

A seis meses das eleições municipais, os ministérios do Turismo e da Integração Nacional turbinaram os cofres de prefeituras dos estados de origem dos seus ministros e liberaram, só em janeiro, mais recursos a esses municípios do que em 2023 inteiro. No Ministério das Cidades, por sua vez, a quantia equivale a quase metade do total destinado no primeiro ano do governo Lula. As pastas afirmam seguir critérios técnicos na distribuição da verba.

Em comum, os ministérios são comandados por indicados de partidos aliados — União Brasil e MDB — e, nos três casos, os municípios mais contemplados são administrados pelo mesmo grupo político dos ministros. O dinheiro do governo federal servirá para obras como pavimentação de ruas, construção de praças e até a instalação de pórticos nas entradas das cidades.

Tucumã e Medicilândia, cidades no interior do Pará que, juntas, não chegam a 100 mil habitantes, vão receber essas estruturas para desejar boas-vindas a visitantes. Sem tradição turística, os municípios lideram o ranking das que mais foram contempladas com recursos do Ministério do Turismo neste ano. Ambas têm à frente prefeitos do União Brasil, o mesmo partido do ministro Celso Sabino.

Em nota, a pasta diz que "tem firmado convênios com vários estados para incremento da infraestrutura turística". Em 2023, o ministério não havia liberado recursos ao Pará.

Agora, dos R$ 23 milhões em convênios com cidades paraenses publicados neste ano, 62% foram para prefeituras do União Brasil. A sigla elegeu prefeitos em só sete da 144 prefeituras do estado na última eleição (quando ainda era DEM), menos de 5% do total.

Esses investimentos têm servido de trunfo eleitoral aos prefeitos, que divulgam as obras e a boa relação com o ministro nas redes sociais.

— Três convênios já liberados. Uma grande reforma no terminal rodoviário, no mercado municipal e os dois pórticos das cidades. Temos, sim, que ser gratos ao nosso ministro Celso Sabino — celebrou o prefeito de Tucumã, Dr. Celso Lopes Cardoso (União), que deve concorrer à reeleição.

O prefeito disse que os recursos foram enviados por causa do trabalho junto a parlamentares e ao governo federal. "Conseguimos a verba porque o município precisa e fez o dever de casa com as exigências que a lei manda", diz Cardoso, em nota.

Já em Medicilândia, o próprio Sabino esteve na cidade em fevereiro para anunciar o repasse de R$ 4 milhões para erguer uma nova rodoviária na cidade.

— Medicilândia hoje tem dois deputados e conseguimos agora, também, um espaço no Ministério do Turismo — disse o ministro, em discurso ao lado do prefeito Julio Cesar do Egito (União Brasil). Procurado, o prefeito não retornou.

Também do Pará, o ministro das Cidades, Jader Filho, foi outro a despejar verba nos municípios de aliados Em pouco mais de dois meses, a pasta publicou convênios que preveem o envio de R$ 232,6 milhões a prefeituras do estado, quase metade dos R$ 470 milhões autorizados ao longo de 2023. A maior fatia desses recursos (77,7%) ficará com prefeitos emedebistas, que comandam 60% dos municípios.

FOTOS DE REPRODUÇÃO

Divulgação nas redes. Ministro das Cidades, Jader Filho, com prefeito de Ananindeua, Dr. Daniel Santos, e a mulher, a deputada Alessandra Haber (MDB-PA)

Ganhou pórtico. Celso Sabino, do Turismo, anuncia obras com investimento do governo federal ao lado do prefeito Julio Cesar do Egito, do União Brasil, em Medicilândia

IRMÃO GOVERNADOR

O ministério nega influência política e alega seguir uma portaria de 2023 para definir quais cidades terão prioridade. "Os critérios consideram os indicadores socioeconômicos e o tamanho da população beneficiada", diz a pasta, ressaltando a maioria de prefeituras do MDB no estado.

Jader Filho preside o diretório do MDB no Pará, estado governado por Helder Barbalho, seu irmão. Os dois são filhos do senador Jader Barbalho. Ananindeua, que teve Helder como prefeito até 2013, foi a mais contemplada com convênios neste ano. O município de quase 500 mil habitantes receberá R$ 22 milhões para obras viárias e de saneamento. Já a capital, Belém, ainda não teve convênios aprovados neste ano.

Ananindeua tem como prefeito o ex-presidente da Assembleia Legislativa paraense Dr. Daniel Santos, também do MDB, pré-candidato à reeleição. Ele afirma que os recursos são fruto de emendas que parlamentares indicam para a cidade, incluindo a sua mulher, a deputada Alessandra Haber (MDB-PA). É o ministério, contudo, que decide a ordem de municípios que serão contemplados primeiro e também é responsável pelos trâmites legais da assinatura dos convênios.

O casal esteve com Jader Filho na sede da pasta no dia 22 de fevereiro. A reunião foi registrada nas redes sociais por Santos.

— Os convênios já tinham saído (quando houve a reunião). Nossa pauta era política. O ministro é presidente do MDB no estado e temos eleições — disse o prefeito.

Mesmo nos casos dos convênios firmados no ano passado, a previsão é que boa parte do dinheiro seja desembolsado neste ano, segundo documentos analisados pelo GLOBO. Em Alenquer, por exemplo, o prefeito emedebista Tom Farias terá um superlativo impulso financeiro para quebrar um tabu local — desde 2000 um comandante do município não consegue se reeleger. A cidade deve receber R$ 13,1 milhões em abril para implantar um sistema de abastecimento de água potável.

VERBAS PARA O AMAPÁ

O ministro da Integração Regional, Waldez Góes, também ampliou a liberação de recursos para prefeituras de seu estado, o Amapá, às vésperas da disputa eleitoral. Foram R$ 61,8 milhões em convênios em janeiro, 19,6% a mais que o liberado em todo o ano passado. Governador do estado por quatro mandatos, Waldez é aliado do senador Davi Alcolumbre (União-AP), fiador de sua indicação ao cargo. O grupo político da dupla tem a maioria das 16 prefeituras do estado como aliadas. A exceção é Macapá, administrada por Antônio Furlan (MDB).

Embora a cidade do adversário político também tenha entrado na lista de beneficiadas, ao ficar com 28,2% dos recursos neste ano, mais da metade (53,4%) foi destinado para prefeituras do União Brasil, legenda de Alcolumbre, e do PDT, partido do ministro. As cidades de correligionários dos dois representam seis das nove que tiveram convênios publicados em janeiro. "Os projetos aprovados para a disponibilização de recursos são apresentados pelos entes (estaduais ou municipais)", diz a pasta.

Com uma população 34 vezes menor que a capital, Macapá, a cidade de Tartarugalzinho, de 12.945 habitantes, foi a segunda mais contemplada no ano ao fechar dois convênios com a pasta em janeiro, no valor de R$ 12,5 milhões. Somando o que já havia sido reservado em 2023, contudo, o município assume a liderança no ranking, com 35,2 milhões, mais que o dobro dos R$ 16,8 milhões de Macapá, que não recebeu nenhum centavo no ano passado.

— Faço reivindicações aos parlamentares, como todo prefeito. Se tenho poder de articulação e infelizmente o outro (prefeito) não está conseguindo, aí vai da gestão política — disse o prefeito Bruno Mineiro (União), pré-candidato à reeleição.

Tebet apoia Nunes, mas rejeita agenda com Bolsonaro

Ministra do Planejamento e Orçamento de Lula diz que prefeito de São Paulo 'não me deu motivos para não apoiá-lo'

ANDRÉ CORRÊA

Tebet. Ministra teve embates com o ex-presidente na campanha de 2022

RENATO S.CERQUEIRA/ATO PRESS/25-01-2024

Nunes. Prefeito quer apoio de Bolsonaro para evitar divisão de votos da direita

BIANCA GOMES
bianca.gomesl@sp.oglobo.com.br
SÃO PAULO

A ministra do Planejamento e Orçamento, Simone Tebet, confirmou que irá subir no palanque do prefeito de São Paulo, Ricardo Nunes, também filiado ao MDB. No entanto, em entrevista à CNN Brasil anteontem, ela rejeitou fazer campanha ao lado do candidato à reeleição quando o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) também estiver presente.

— Bolsonaro não estando (eu subo no palanque de Nunes). A gente pode ir em dias diferentes — disse a ministra do governo Lula (PT), para quem o atual prefeito da capital paulista é um democrata. — Até agora, o Ricardo Nunes não me deu ainda nenhum motivo para não apoiá-lo. Obviamente que vou ver qual é a plataforma de governo dele, se ele vai continuar defendendo a democracia e os valores com os quais eu comungo. O que me recuso é subir num palanque de bolsonarista — concluiu.

A presença de Tebet na campanha de Nunes era uma incógnita, dada a aproximação do prefeito com Bolsonaro. A ex-senadora, que foi candidata do MDB à Presidência da República em 2022, protagonizou embates com o ex-presidente na campanha eleitoral e aderiu à candidatura de Lula no segundo turno.

O prefeito se aproximou do ex-presidente com o objetivo de minar a pré-candidatura do deputado federal bolsonarista Ricardo Salles (PL), o que poderia dividir os votos da direita na cidade. Simone foi uma das vozes do MDB contrárias à participação do prefeito na manifestação bolsonarista que reuniu 185 mil pessoas na Avenida Paulista no dia 25 de março.

> *"Obviamente que vou ver qual é a plataforma de governo dele (Nunes), se ele vai continuar defendendo a democracia e os valores com os quais eu comungo. O que me recuso é subir num palanque de bolsonarista"*
>
> **Simone Tebet,** ministra do Planejamento e Orçamento, sobre reeleição de Ricardo Nunes

> *"Ela (Tebet) está mesmo empenhada em reeleger o Nunes ou já fez acordo em Brasília para sabotar a campanha?"*
>
> **Fabio Wajngarten,** advogado do ex-presidente Jair Bolsonaro e defensor da reeleição de Nunes

A declaração de Tebet repercutiu negativamente entre aliados de Bolsonaro.

Ao GLOBO, Fabio Wajngarten, advogado do ex-presidente e ex-secretário de Comunicação, afirmou que Tebet atrapalha a pré-campanha ao atacar Bolsonaro. Na semana passada, Nunes e Bolsonaro almoçaram juntos na casa de Wajngarten, em São Paulo.

— É curioso ver a ministra do Lula, que é filiada ao MDB, mesmo partido do prefeito Ricardo Nunes, optar por atacar o presidente Bolsonaro em vez de unir esforços. Enquanto isso, ela silencia sobre o principal oponente do prefeito (o pré-candidato do PSOL, deputado federal Guilherme Boulos). Será que ela está mesmo empenhada em reeleger o Nunes ou já fez acordo em Brasília para sabotar a campanha e eleger o Boulos? Fica a pergunta — disse Wajngarten, principal patrocinador da campanha de Nunes no entorno do ex-presidente, que chamou Tebet de "sem votos" que atrapalha uma "eleição ganha" em São Paulo.

Na capital paulista, o PT se uniu em torno do principal opositor de Nunes na briga pela prefeitura, Guilherme Boulos. Sua vice será a ex-prefeita Marta Suplicy, que deixou a secretaria municipal de Relações Internacionais do emedebista para retornar ao PT e compor a chapa de esquerda. Espera-se inclusive a presença do presidente Lula no palanque do líder sem-teto.

DECLARAÇÃO REPROVADA

Aliados de Nunes afirmam, reservadamente, que o apoio de Tebet contribui para demonstrar que a pré-candidatura do chefe do Executivo Municipal paulistano está inserida em uma frente ampla, com políticos de diferentes espectros políticos.

No entanto, correligionários do prefeito consideraram as declarações da ex-senadora na CNN como "desastrosas", por acreditarem que o ataque a Bolsonaro foi desnecessário e contribui para gerar mais tensão com o bolsonarismo.

Uma pessoa próxima ao prefeito ressalta que a ministra desqualificou Nunes ao afirmar que, "até o momento", o prefeito não lhe deu motivos para não o apoiar. Procurada, a campanha de Nunes não se manifestou.

Mesmo com a sinalização de que deverá subir ao palanque do colega de partido, não se sabe, ainda, exatamente como se dará a participação de Tebet na campanha. Alguns aliados de Nunes acreditam que o envolvimento da ministra ainda será submetido à aprovação de Lula.

EBC revê programação e busca foco em evangélicos

Estatal vai dar mais espaço a ministros e ampliar a divulgação de ações do governo no CanalGov; mudanças também estão previstas na TV Brasil e na rede de emissoras de rádio. Material produzido será aproveitado nas redes sociais

JENIFFER GULARTE
jeniffer.gularte@bsb.oglobo.com.br
BRASÍLIA

JOÉDSON ALVES/06-04-2023

Olho na audiência. Estúdio de TV da EBC em Brasília durante apresentação de telejornal: mudanças na programação incluem maior espaço para ministros

Com a piora dos índices de avaliação do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a Empresa Brasil de Comunicação (EBC) passou a integrar a estratégia do Palácio do Planalto de melhorar a comunicação do governo. A estatal vai rever a grade de programação do CanalGov, seu braço governamental, para dar mais espaço a ministros, ampliar a divulgação de ações das pastas, além de incluir em sua programação mais evangélicos — segmento em que o petista enfrenta resistências. Apesar dos baixos índices de audiência, a ideia é que os materiais produzidos pelos profissionais da empresa sejam recortados para divulgação também nas redes sociais.

Criada por Lula em 2007 para ser uma espécie de "BBC brasileira", em referência à rede de pública de comunicação britânica, a empresa é alvo de críticas ao longo dos governos por servir para acomodar apadrinhados políticos e pelo histórico de alinhamento ao presidente da República em sua programação.

O ex-presidente Jair Bolsonaro, que chegou a prometer privatizar a EBC, entregou seu comando a militares, que passaram a ocupar os principais postos de comando. A programação da TV Brasil, principal canal de televisão da empresa, costumava ser interrompida com frequência para exibir discursos e eventos em que o então presidente era a estrela.

Na atual gestão, Lula escolheu o jornalista Hélio Doyle para chefiá-la. Doyle, no entanto, foi demitido no ano passado após se envolver em polêmica ao divulgar uma declaração anti-Israel em uma rede social. O jornalista foi substituído pelo historiador Jean Lima, filiado ao PT e que já havia ocupado cargos na gestão de Dilma Rousseff e do ex-governador Agnelo Queiroz, no Distrito Federal.

Com a mudança no governo federal, a programação da TV Brasil voltou a ter questionamentos sobre um possível alinhamento. No mês passado, por exemplo, a oposição criticou o fato de a emissora reservar apenas 2 minutos para tratar da corrupção na Petrobras em seu especial de uma hora e meia sobre os dez anos da Operação Lava-Jato. Procurado pelo GLOBO, Lima disse que o noticiário busca abordar todos os lados da notícia e que o ex-juiz Sergio Moro e o ex-procurador-geral da República Rodrigo Janot, que atuaram nos casos relacionados à operação, foram convidados a participar, mas não aceitaram.

Agora, após Lula cobrar ministros a se empenharem mais na divulgação de ações do governo, a empresa terá o papel de tentar impulsionar agendas positivas. Entre as mudanças previstas está a de dobrar o espaço dos titulares das pastas no programa Bom Dia, Ministro, que passará a ser exibido duas vezes por semana no CanalGov. Cada edição tem duração de uma hora e destaca ação de um ministério durante uma entrevista.

PÚBLICO FEMININO

Em outro movimento alinhado ao Planalto, a emissora estatal também tem planos de se aproximar de evangélicos, passando a ouvir mais religiosos ao longo da sua programação. Não há, porém, previsão de programa específico voltado para o tema, como a produção mexicana "Maria Madalena", exibida de novembro a fevereiro na TV Brasil. A ideia é apenas ampliar a presença de pessoas deste segmento ouvidas.

> **1.790**
> **Número de funcionários da EBC**
> No fim do governo anterior, eram 1.767 na empresa criada em 2007 para ser uma "BBC brasileira"

> **0,21%**
> **Audiência em janeiro**
> Orçamento da emissora este ano é de R$ 792 milhões. No ano passado, foi de R$ 840 milhões

Pesquisas internas mostram que a maior parte do público que assiste à TV Brasil é formado por mulheres, de classe C, D e E, acima de 50 anos — embora não haja um recorte por religião na aferição de público, a direção da empresa entende que parte deste público é evangélico. O governo ainda testa formas de aproximação com esse grupo, mais identificado com Bolsonaro.

A ideia é que essa estratégia não se resuma ao canal governamental, mas seja também replicada nos demais veículos da EBC: nos outros canais de televisão — TV Brasil e Canal Educação —, Rádio MEC e oito emissoras de rádio, e duas agências de notícia — Agência Brasil e Agência Gov.

Além das mudanças na programação, a EBC também tem investido em ampliar seu alcance. Após Lula reclamar por não ter conteúdo nacional para assistir em viagens ao exterior, a empresa lançou na semana passada a TV Brasil Internacional, inicialmente em aplicativo de streaming, por site e antena parabólica digital em 12 países: Argentina, Uruguai, Paraguai, Chile, Bolívia, Venezuela, Colômbia, Equador, Peru, Guiana Francesa, Guiana e Suriname.

Na semana do Sete de Setembro, o projeto entrará em uma segunda fase, com lançamento por sinal a cabo que chegará a 79 países. A seleção dos países foi discutida com o principal conselheiro para assuntos internacionais do presidente Lula, Celso Amorim e com o Itamaraty. Entre os critérios adotados para a expansão na primeira fase foram países lusófonos e próximos ao Brasil.

— Temos um público potencial de 4,5 milhões de brasileiros no exterior — afirmou Lima.

Segundo Lima, a criação da versão internacional não trouxe custos extras. O site foi desenvolvido pela equipe de TI da EBC. Para o desenvolvimento da segunda fase, quando será necessário contratação de equipe e estrutura e convênios com operadora a cabo, há previsão inicial de que sejam necessários investimentos de R$ 10 milhões.

No governo Bolsonaro, a empresa teve orçamento que variou entre R$ 897 milhões (2020) e R$ 720 milhões (2022) — em valores corrigidos pela inflação. O valor teve um acréscimo no ano passado, quando foi para R$ 840 milhões, mas voltou a cair neste ano, quando tem R$ 792 milhões previstos para ser gasto.

A EBC tem 1.790 funcionários, pouco mais do que os 1.767 no fim do governo passado. A audiência da TV Brasil, principal canal da empresa, contudo, continua tímida. Em janeiro deste ano, a média da emissora foi de 0,21% dos televisores ligados em sua programação.

Lula se encontra com Paes e filia Anielle ao PT no Rio

Presidente vai conversar sobre o vice na chapa à reeleição do prefeito; ministra é aposta para 2026

CRISTIANO MARIZ/21-3-2024

Estratégia. Anielle Franco e Lula: filiação de ministra será no Circo Voador

CAIO SARTORI
caio.sartori@oglobo.com.br

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva volta amanhã ao Rio, com compromissos relacionados a três aspectos centrais da relação do petista com o estado: o apoio à reeleição do prefeito Eduardo Paes (PSD) na capital, o fortalecimento do PT por meio da filiação da ministra da Igualdade Racial, Anielle Franco, e o aceno à indústria naval em Niterói, com o início da dragagem do Canal de São Loureço.

Com Paes, Lula vai inaugurar o Impa Tech, a graduação em Matemática do Instituto de Matemática Pura e Aplicada. A sede principal do Impa é no Horto, na Zona Sul, mas o novo campus fica na região do Porto Maravilha. Além de estarem juntos no compromisso público, Paes e Lula conversarão sobre a eleição carioca. Na semana passada, o PT nacional decidiu que o presidente deverá atuar de forma mais direta nas disputas do Rio e do Recife.

Lula participa ainda da filiação Anielle ao PT no Circo Voador. A ministra é vista pode ser candidata ao Senado ou puxar votos para a Câmara na eleição de 2026.

Processo n° 0226544-82.2013.8.19.0001
Classe/Assunto: Ação Civil Pública
Autor: Procon/RJ
Réu: Via S/A

Síntese da ação

Tratou-se de Ação Civil Pública ajuizada pela Fundação de Proteção e Defesa do Consumidor – PROCON/RJ, em face da Via S/A, objetivando a condenação desta última na obrigação de ***(i.)*** em todas as publicidades veiculadas na TV, mídia impressa ou qualquer outro meio publicitário utilizado no Estado do Rio de Janeiro, apontar o valor da parcela sempre em fonte de tamanho inferior ao tamanho de fonte adotado para a divulgação do preço de venda à vista, sob pena de multa; ***(ii.)*** reparar os danos materiais e morais causados aos consumidores individualmente considerados; e, ***(iii.)*** publicar em dois grandes jornais de circulação do Rio de Janeiro/RJ, em quatro dias intercalados, a parte dispositiva da sentença favorável.

Sentença

"Ante o exposto, JULGO PROCEDENTE EM PARTE O PEDIDO para condenar o réu a obrigação de fazer consistente em informar em todas as publicidades, veiculadas em qualquer tipo de mídia ou qualquer outro meio publicitário, o valor da parcela sempre em tamanho inferior ao tamanho destacado para a divulgação do preço do produto para venda à vista, na forma do art. 1° *da* Lei Estadual 6419/13; c/c art. 37, §1 0, do CDC, sob pena de multa no valor de R$10.000,00 para cada veiculação em desconformidade com o determinado nesta sentença. **Condeno o réu, ainda, à publicação da parte dispositiva da sentença, às suas expensas, em dois jornais de grande circulação desta Capital, em quatro dias intercalados, sem exclusão de domingo, em tamanho mínimo de 20cmX20cm em uma das dez primeiras páginas dos jornais, na forma do item 6 do pedido aduzido na inicial**."

60 ANOS DO GOLPE

Em voto, Flávio Dino diz que 'função militar é subalterna'

Ministro diz que ainda há 'ecos desse passado que teima em não passar', em julgamento sobre os limites das Forças

GUSTAVO MORENO/SCO/STF/21-03-2024

Plenário virtual. Dino: não existe "poder militar" no Brasil, e Defesa deve ser notificada de resultado do julgamento

MARIANA MUNIZ
mariana.muniz@bsb.oglobo.com.br
BRASÍLIA

Em voto divulgado ontem, data que marcou os 60 anos do golpe militar de 1964, o ministro Flávio Dino, do Supremo Tribunal Federal (STF), classificou a ditadura como "abominável" e chamou a atenção para o fato de que, ainda hoje, na sua opinião, existem "ecos desse passado que teima em não passar".

O voto de Flávio Dino foi dado no julgamento de uma ação que trata sobre os limites constitucionais da atuação das Forças Armadas e sua hierarquia em relação aos Poderes. A análise começou na sexta-feira no plenário virtual do Supremo e deve durar até o dia 8.

"Com efeito, lembro que não existe, no nosso regime constitucional, um 'poder militar'. O poder é apenas civil, constituído por três ramos ungidos pela soberania popular, direta ou indiretamente. A tais poderes constitucionais, a

"A tais poderes constitucionais, a função militar é subalterna, como aliás consta do artigo 142 da Carta Magna"

Flávio Dino, ministro do STF, em voto proferido em julgamento de uma ação que trata dos limites constitucionais da atuação das Forças Armadas

função militar é subalterna, como aliás consta do artigo 142 da Carta Magna", apontou, o ministro.

No julgamento, Dino concordou com o posicionamento do relator, Luiz Fux, para quem a Constituição não possibilita uma "intervenção militar constitucional" nem encoraja uma "ruptura democrática". O ex-ministro da Justiça do governo Lula fez apenas uma ressalva e determinou que o resultado do julgamento seja encaminhado para o Ministério da Defesa.

De acordo com Dino, é preciso que haja a difusão para todas as organizações militares, inclusive escolas de formação, de aperfeiçoamento e instituições similares.

"POTENCIAL DELETÉRIO"

"A notificação visa expungir desinformações que alcançaram alguns membros das Forças Armadas — com efeitos práticos escassos, mas merecedores de máxima atenção pelo elevado potencial deletério à Pátria", alegou o ministro.

Na manifestação, Dino fez uma dura crítica a juristas e profissionais do Direito que "emprestaram os seus conhecimentos para fornecer disfarce de legitimidade a horrendos atos de abuso de poder". Ele também afirmou que os "resquícios do passado" podem ser vistos na própria necessidade de o Supremo ter que se pronunciar sobre o tema, e reforça, assim como o relator, que não existe "poder militar" no Brasil.

Além de Fux e Dino, também já votou o ministro Luís Roberto Barroso, presidente da Corte, que seguiu o mesmo entendimento.

Segundo Fux, apesar de a lei mencionar que o presidente da República tem autoridade suprema sobre as Forças Armadas, ela "não se sobrepõe à separação e à harmonia entre os poderes". A questão chegou ao STF por uma ação do PDT em 2020. O partido questiona pontos da lei que regula o emprego das Forças Armadas e que tratam da atribuição do presidente para decidir a respeito do pedido dos demais Poderes sobre seu emprego.

Mesmo após veto de Lula, 8 dos 38 ministros lembram golpe

Presidente havia determinado que governo não promovesse manifestações

BRENNO CARVALHO/5-12-2023

"Brasil interrompido". Silvio Almeida criticou ditadura em longo texto

GABRIEL SABÓIA E CAIO SARTORI
politica@oglobo.com.br
BRASÍLIA E RIO

Sete dos 38 ministros ignoraram a orientação do presidente Luiz Inácio Lula Silva, que determinou que o governo não promovesse manifestações em memória dos 60 anos do golpe militar, e fizeram ontem postagens de repúdio ao regime nas redes sociais. Em reunião com auxiliares no início do mês, Lula argumentou que o objetivo do veto era evitar que a data fosse usada para "conflagrar o ambiente político do país".

Em São Paulo, um ato organizado pelo Movimento Vozes do Silêncio reuniu petistas históricos, como o ex-ministro José Dirceu, e nomes da esquerda, como a deputada federal Luiza Erundina (PSOL-SP), com recados a Lula e ao ex-presidente Jair Bolsonaro. A decisão de Lula de o governo não promover eventos foi questionada, sob alegação do direito de posicionamento e à memória. Os atos golpistas de 8/1 foram lembrados e houve pedidos de punição a Bolsonaro.

Ministro dos Direitos Humanos, pasta que ficaria incumbida de organizar atos pela memória do golpe, Silvio Almeida fez um longo texto sobre a data. "Por que ditadura nunca mais? Porque queremos um país social e economicamente desenvolvido, e não um 'Brasil interrompido'", escreveu Almeida.

O ministro da Educação, Camilo Santana, destacou a importância de não deixar a data "cair no esquecimento" e ressaltou que "a mancha deixada por toda dor causada jamais se apagará".

O ministro-chefe da Secretaria de Comunicação Social, Paulo Pimenta, disse que a responsabilidade de defender a democracia "é um desafio que se renova todos os dias". Paulo Teixeira, do Desenvolvimento Agrário, lembrou as vítimas do regime militar, assim como a ministra das Mulheres, Cida Gonçalves. "Faço minha homenagem a todas as pessoas presas, torturadas ou que tiveram seus filhos desaparecidos e mortos na ditadura militar. Que o golpe instalado há 60 anos nunca mais volte a acontecer e não seja jamais esquecido", publicou a ministra.

Ministra dos Povos Indígenas, Sonia Guajajara lembrou as mortes dos povos originários durante a ditadura, enquanto o Advogado-Geral da União, Jorge Messias, e a ministra da Igualdade Racial, Anielle Franco, aproveitaram para homenagear a ex-presidente Dilma Rousseff, que foi torturada durante o regime.

Ex-vice de Bolsonaro, o senador Hamilton Mourão (Republicanos-RS) defendeu o golpe em seu perfil no X (ex-Twitter). Mourão disse que a "nação se salvou a si mesma" em 31 de março de 1964. (*colaborou Julia Noia*)

53% descartam novo regime militar, diz Datafolha

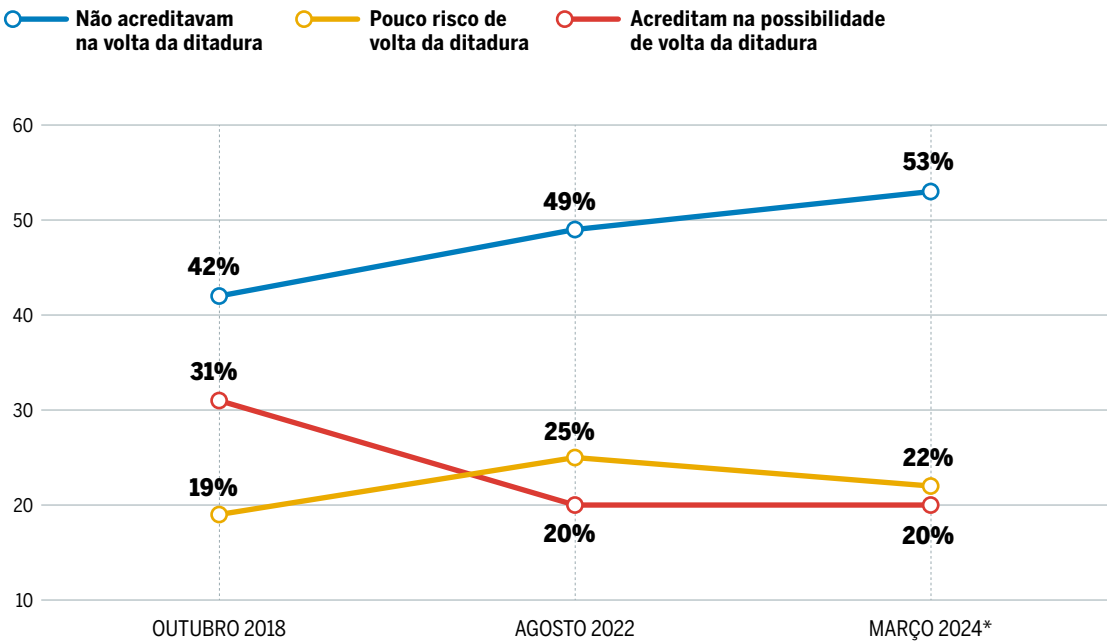
Percentual é o maior da série histórica em dez anos, de acordo com o instituto; parcela dos que veem possibilidade é de 20%

Uma pesquisa do Datafolha divulgada ontem mostrou que 53% dos eleitores não acreditam na volta de uma ditadura no Brasil. O índice é o maior da série histórica dos últimos dez anos, segundo o instituto. Os que acreditam na possibilidade somam 20%, enquanto 22% acham que há pouco risco de retrocesso democrático. Foram ouvidas 2.022 pessoas em 147 cidades entre 19 e 20 de março. A margem de erro é de dois pontos percentuais para mais ou para menos.

Na pesquisa anterior, em agosto de 2022, 49% não acreditavam em um novo regime ditatorial, 25% viam pouca chance e o percentual dos que acreditavam na volta da ditadura também era de 20%. Mais brasileiros acreditavam no retorno do regime de exceção em outubro de 2018, quando Jair Bolsonaro foi eleito presidente. No levantamento do Datafolha feito na época, 31% consideravam essa possibilidade, o maior índice da série histórica. Outros 42% não temiam o risco e 19% viam pouca chance.

O Datafolha publicou no sábado o resultado de um levantamento mostrando que 63% dos entrevistados desprezam o 31 de março de 1964, quando houve o golpe militar, e 28% veem motivo para comemoração. Outros 9% não souberam responder. Em abril de 2019, 57% dos ouvidos pelo instituto sugeriram o desprezo, 36% afirmaram que a data deveria ser celebrada e 7% não souberam opinar.

Do ponto de vista de adesão política, a pesquisa mostra que 58% dos bolsonaristas autodeclarados dizem que a data deve ser desprezada. Para 33%, é necessário que o golpe seja lembrado.

COMO OS ELEITORES VEEM A POSSIBILIDADE DE VOLTA DO REGIME MILITAR

*Entrevista com 2.022 pessoas em 147 cidades em 19 e 20 de março.
A margem de erro é de 2 pontos percentuais para mais ou para menos.
Fonte: Datafolha

EDITORIA DE ARTE

Brasil

NA WEB

MICRO-ÔNIBUS DESGOVERNADO

Atropelamento e morte em procissão

Motorista fugiu depois de acidente em Jaboatão dos Guararapes (PE)

PARA ACESSAR APONTE O CELULAR PARA O QR CODE

PARA SE DAR BEM NO ENEM

Guia do GLOBO indica como já planejar os estudos

BRUNO ALFANO
bruno.alfano@extra.inf.br

Se o calendário oficial para o Enem 2024, com as datas de inscrição e de realização da prova, ainda não saiu, o cronograma de preparação do estudante pode começar já. O GLOBO ouviu mais de 45 professores de dez escolas para formar o Guia de Estudos do Enem. É um roteiro de como se preparar para a prova, com programação de abril a novembro para cada disciplina. Hoje, são liberados no site do GLOBO os conteúdos do primeiro dia de prova: Redação, Linguagens e Ciências Humanas. Amanhã, estarão disponíveis os materiais do segundo dia: Matemática e Ciências da Natureza.

O guia apresenta um levantamento dos assuntos de todas as questões do exame desde 2009, feito pelo SAS Educação, e uma seleção da Plataforma AZ dos cinco temas mais importantes de cada disciplina. Essas duas informações servem para que o estudante possa guiar suas prioridades ao longo do ano.

— A forma com que o Enem é corrigido, pela Teoria da Resposta ao Item, destaca a importância da coerência pedagógica, sugerindo que os alunos foquem nos conceitos básicos antes de avançar para temas mais complexos. Um plano de estudo eficaz pode ser dividido em trimestres: o primeiro para revisar conceitos básicos, o segundo para tópicos mais avançados e o terceiro para a resolução intensiva de questões — recomenda Idelfranio Moreira, Gerente de Ensino e Inovações Educacionais no SAS Educação.

No guia de O GLOBO, os professores de Matemática recomendam começar o ano se dedicando à revisão de conteúdos que são dados ainda no ensino fundamental. Já os de Redação defendem o estudo de questões técnicas de uma dissertação — tipo de texto exigido na prova — sem deixar de lado o aprofundamento nos possíveis temas que serão cobrados.

De acordo com o professor Daniel Bravo, do Colégio Ao Cubo, a prova de Redação, uma das mais importantes do exame, exige diferentes habilidades do candidato. Ele precisa ter bom conhecimento da realidade social brasileira e os seus principais problemas, domínio da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa. além de saber defender um ponto de vista sobre o tema proposto. É preciso organizar o texto com clareza e apresentar, no fim da redação, uma proposta de intervenção que respeite os direitos humanos.

— Considerando o perfil temático que a prova apresentou em 25 anos, o estudante pode estabelecer um roteiro de estudo que conjugue o aprofundamento temático baseado em eixos e as principais estratégias de aprimoramento da estrutura textual. Além disso, é fundamental que o candidato faça análises constantes de redações nota mil divulgadas pela própria banca com o intuito de identificar certos aspectos que costumam ser mais valorizados pelos corretores — defende o professor.

Estudar para o Enem é uma maratona, e não uma corrida de cem metros. Isso significa que é preciso manter o ritmo durante todo o ano, explicam professores especialistas no exame. O ideal é que o candidato consiga criar uma rotina de estudo. Quem precisa trabalhar, pode dedicar pelo menos de uma a duas horas por dia, de segunda a sexta-feira, e de três a quatro, no sábado e no domingo. Se for possível aumentar essa carga, vale investir tempo nisso. Mas sem exagero.

— É preciso tomar cuidado com o horário da noite, para não atrapalhar o sono. O descanso e o sono também são parte do processo e ajudam o aluno a render melhor nas aulas do dia seguinte. Recomendo que os alunos não passem das 20h ou 21h estudando — aponta Rodrigo Magalhães, diretor do Colégio e Curso AZ da Tijuca e Recreio.

Segundo Magalhães, quem puder se dedicar apenas ao estudo pode espelhar uma rotina escolar, com cerca de quatro a cinco horas por dia de manhã e outra sessão nesse mesmo período de tarde.

— Pensando num estudante que tem aula de manhã, de 7h ao meio-dia, o ideal é que ele tenha de quatro a cinco horas de estudo também à tarde. Assim, além da teoria vista de manhã, poderá praticar as questões, o que é essencial, no outro turno — afirma.

EXERCÍCIOS E INTERVALOS

Os especialistas recomendam outras dicas: dedique um período para os exercícios; faça pequenos intervalos ao longo do estudo — cinco minutos para cada 20 a 25 minutos estudados; explique o conteúdo para uma pessoa imaginária; organize um ambiente de estudo adequado; faça resumos dos tópicos estudados; e utilize mapas e imagens para melhor compreensão.

— O estudo ativo é outra estratégia importante. Você se envolve mais atentamente com questionamentos, resumos, criação de mapas mentais ou até ensinando o conteúdo a si mesmo, como se estivesse explicando para outra pessoa — afirma Flávio Rocha, diretor Pedagógico do Pro Raiz Sistema de Ensino.

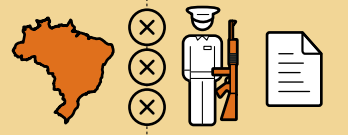
OS TEMAS FUNDAMENTAIS DE CADA DISCIPLINA

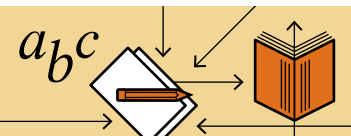
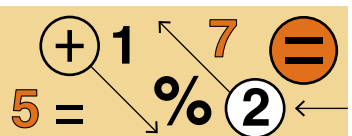
Artes
1. Novos usos e manifestações da arte
2. Vanguardas europeias
3. Arte e cultura do Nordeste
4. Arte e cultura de povos originários brasileiros
5. Arte e cultura africana e afro-brasileira

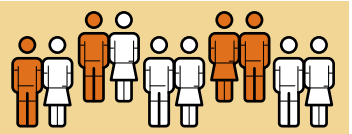
Biologia
1. Metabolismo energético: Respiração celular e fotossíntese
2. Botânica: Classificação das plantas e hormônios vegetais
3. Problemas ambientais e exploração e uso de recursos naturais
4. Principais tecidos animais e vegetais
5. Principais doenças que afetam a população brasileira: Parasitologia e vírus

Filosofia
1. Filosofia clássica
2. Ética e moral
3. Filosofia moderna
4. Existencialismo
5. Filosofia contemporânea

Física
1. Transferência de calor e equilíbrio térmico
2. Leis de Newton
3. Leis de Ohm
4. Fenômenos ondulatórios
5. Comportamento de gases ideais

Geografia
1. Globalização e divisão internacional do trabalho
2. Espaço agrário
3. Espaço urbano
4. Questões ambientais
5. Geologia e geomorfologia

História
1. Idade Média
2. Brasil Império
3. Era Vargas
4. Revoluções industriais e iluminismo
5. Ditadura

Língua espanhola e língua inglesa
1. Interpretação de texto
2. Vocabulário (expressões idiomáticas)
3. Figuras de linguagem

Língua Portuguesa e Literatura
1. Tipos e gêneros textuais
2. Função e figuras de linguagem
3. Terceira fase do Modernismo
4. Variação linguística
5. Recursos expressivos

Matemática
1. Estatística: Interpretação de gráficos e de tabelas; medidas de tendência central e dispersão
2. Funções do 1º e 2º graus
3. Razões e proporções
4. Probabilidade
5. Volumes de sólidos

Química
1. Propriedades físico-químicas dos compostos orgânicos
2. Estequiometria e cálculos químicos
3. Cinética química
4. Energias químicas no cotidiano: Energia Limpa Separação de misturas

Sociologia
1. Movimentos sociais
2. Cidadania e Direitos Humanos
3. Diversidade cultural
4. Gênero e sexualidade
5. Trabalho e sociedade

EDITORIA DE ARTE

ANTONIO GOIS

antonio.gois@jeduca.org.br

Educação na ditadura militar

Nos 21 anos de ditadura iniciada com o golpe que ontem completou 60 anos, o Brasil agravou seu atraso em relação a nações ricas e emergentes e colheu resultados pífios em problemas estruturais, como analfabetismo e repetência. Em parte, o descaso com a educação básica é explicado pela priorização do ensino superior, etapa com melhor saldo positivo (em termos de crescimento proporcional de matrículas), mas onde também a perseguição a opositores foi mais cruel.

Em sua tese de doutorado pela UFRGS, Thomas H. Kang destaca que, num primeiro momento, até 1973, matrículas e o investimento (em % do PIB) cresceram na ditadura. Porém, apesar da aprovação em 1971 da ampliação da escolaridade obrigatória (de 7 a 10 anos, passou para 7 a 14), o que se viu depois foi a desaceleração do crescimento das matrículas e a estagnação dos investimentos. Isso ocorreu não apenas pela prioridade ao ensino superior (agravando a discrepância no gasto público por aluno entre essas etapas), mas também pelo modelo econômico. "Ao invés de aumentar a taxação ou desvalorizar o câmbio, houve políticas de incentivos setoriais a exportação, baseadas em larga medida em reduções e isenções de impostos estaduais. Essa política empobreceu os governos subnacionais, responsáveis pela provisão de educação básica", explica o autor na tese.

Quando começou a ficar nítido o subfinanciamento, a ditadura tentou maquiar as contas incluindo despesas de outros ministérios (com treinamento de mão de obra, por exemplo), conforme mostram estudos de José Carlos Melchior, outro autor a identificar o prejuízo aos estados e municípios na divisão dos tributos.

Ao menos no discurso, o regime prometia grandes saltos, como a erradicação do analfabetismo com o Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização). Mas, como outros governos antes e depois, fracassou. Na década de 1970, a redução do analfabetismo adulto continuou lenta (caiu de 34% para 26%), apesar da previsão de que chegaria a 14% em 1977. As taxas de repetência — outro mal crônico — seguiam absurdas. Entre 1980 e 1985, Ruben Klein e Sérgio Costa Ribeiro mostravam que mais da metade dos alunos da 1ª série do 1º Grau (hoje fundamental) repetiam de ano.

Brasil agravou seu atraso em relação a nações ricas e emergentes e colheu resultados pífios em problemas estruturais

O atraso internacional se agravou. Um relatório do Banco Mundial de 1989 destacou que, entre 1965 e 1986, enquanto a taxa bruta de matrículas no ensino médio saltou de 35% para 95% na Coreia do Sul e de 34% para 70% no Chile, no Brasil, foi de 16% para 37%.

É fato que governos anteriores também colecionaram mais equívocos do que acertos no setor, mas, mesmo que de forma insuficiente, avançamos mais na redemocratização. A proibição de voto aos analfabetos caiu. A Constituição estabeleceu percentuais mínimos de gasto no setor para todos os entes federativos. O investimento em educação, sempre inferior a 3% do PIB na ditadura, está em 5,2%. A média de repetência no fundamental hoje é de 2,3%. O acesso a creches dos 0 aos 3 anos foi de 5% em 1989 para 37% em 2022. No ensino médio, o percentual de jovens de 15 a 17 matriculados na etapa saltou de 14% para 75% entre 1985 e 2023. No ensino superior, as matrículas foram de 1,4 para 9,4 milhões.

Houve ganhos de qualidade também. Entre 1995 e 2019, o percentual de crianças do 5º ano com aprendizado adequado em Matemática foi de 19% para 52%. Em Português, foi de 39% a 61%. Mas a aprendizagem no ensino médio permaneceu estagnada, e nosso atraso em relação aos países ricos não se alterou. Os ganhos, portanto, foram insuficientes, mas o saldo da redemocratização é muito superior ao da ditadura.

Saúde

NA WEB

REPETIÇÃO OU CARGA?
Como ganhar volume muscular
Especialistas ensinam a melhor estratégia para crescer na academia

PARA ACESSAR APONTE O CELULAR PARA O QR CODE

ENTREVISTA

Jeffrey Glenn / CIENTISTA

Virologista da Universidade de Stanford fala sobre a droga complementar à vacina que está desenvolvendo, em colaboração com brasileiros, para combater a arbovirose

‘PRECISAMOS DE UM ANTIVIRAL CONTRA A DENGUE’

DIVULGAÇÃO/ FELIPE XAVIER/CIÊNCIA PIONEIRA

RAFAEL GARCIA
rafael.garcia@sp.oglobo.com.br
SÃO PAULO

O cientista americano Jeffrey Glenn, um dos criadores do conjunto de drogas mais modernas contra a hepatite C, está agora no esforço da ciência para combater a dengue. Pela limitação que o uso de vacinas pode apresentar, Glenn defende que será preciso ter um antiviral no kit de combate à doença, e está trabalhando para isso.

Baseado na Universidade Stanford, o virologista está agora em parceria com brasileiros no desenvolvimento de uma droga que sirva para tratar quem já está infectado, não só para prevenção.

O primeiro fármaco que seu laboratório criou já será testado em camundongos neste ano. Pela explosão de casos doença, Glenn crê que as vacinas não darão conta, sozinhas, de debelar as epidemias espalhadas pelo *Aedes aegypti*. Em entrevista ao GLOBO em São Paulo, Glenn fala como pretende contribuir para atacar a dengue e outras doenças.

De onde surgiu a droga contra dengue que o senhor pretende testar agora. Ela vem de seu trabalho com hepatite C?

Indiretamente, sim. Quando estávamos estudando hepatite, há vários anos, analisamos diferentes alvos possíveis para drogas candidatas, e identificamos alguns possíveis alvos nos vírus que moléculas pequenas poderiam atacar. E aí veio a Covid-19. Retomamos então esse trabalho para ver se algumas delas poderiam ser úteis contra a Covid-19 também. Uma delas de fato funcionou bem, e vamos testá-la como droga oral contra Covid. Alguns aspectos do alvo dessa molécula estão presentes também em outros vírus, incluindo o da dengue, e tínhamos outras moléculas similares. Após uma triagem nós acabamos obtendo algumas moléculas que parecem promissoras contra a dengue.

O sr. tem parceiros brasileiros nesse projeto, incluindo Victor Guedes, bolsista do programa Ciência Pioneira, ligado ao Instituto D'Or. Como eles estão ajudando?

Essa é uma ponte que espero ver crescer. A dengue, claro, não é um problema tão grave para os EUA quanto é para o Brasil. Representa muito para nós sermos parceiros do Victor, de seu orientador e e de outras pessoas incríveis aqui, porque eles nos ajudam muito a alavancar nosso programa para dengue.

Esse antiviral contra dengue teria indicação só para casos graves? Poderia funcionar para casos leves ou até proteção pré-exposição?

Todas essas alternativas. Talvez um dia, quando eu voltar ao Brasil, eu poderia tomá-lo antes de chegar, para evitar contrair a doença. E ele poderia ser indicado também em casos graves. É difícil prever.

> **Q**
> *“Quando vamos para a guerra, não vamos só com a infantaria ou só com a força aérea. Vamos com as duas. Em saúde pública é a mesma coisa”*

Uma vacina para dengue deverá ser aplicada em grande escala em 2025. Um antiviral vai ter impacto de saúde pública mesmo que a vacina cumpra seu papel?

Vacinas são ótimas para combater vírus, quando elas estão disponíveis, e quando as pessoas tomam as vacinas, caso contrário elas são inúteis. Mas a questão não é se devemos usar uma coisa ou outra, quando nós podemos usar ambas. Quando vamos para a guerra, não vamos só com a infantaria ou só com a força aérea. Vamos com as duas. Em saúde pública é a mesma coisa. Vacinar contra dengue será muito importante, mas nós definitivamente precisamos desenvolver um antiviral. Vírus sofrem mutações e podem tornar vacinas obsoletas. Veja o que aconteceu com algumas vacinas de Covid-19. E pessoas com problema de imunidade não podem tomar vacinas. Com um antiviral, nós poderíamos tratá-las com um medicamento similar a um antibiótico, mas que ataca vírus em vez de bactérias. Quanto mais ferramentas tivermos para manter as pessoas saudáveis e para ajudá-las depois que adoecem, melhor.

Antivirais para gripe e para Covid-19 ainda estão muito caros. O que pode ser feito para o mesmo não ocorrer com essa droga?

Minha filosofia é a de que, para as drogas terem impacto clínico, temos que assegurar que elas estejam disponíveis para todo mundo, a preços que as pessoas possam pagar. Há diferentes maneiras de fazer isso. Aquela na qual estou interessado é conceito de precificação atrelada ao produto interno bruto (PIB) de cada país. O que isso quer dizer? Se entregamos medicamentos à Mongólia, por exemplo, eles têm que ficar na Mongólia. Provavelmente não vamos ter lucro na Mongólia, mas teremos grande impacto, e podemos obter lucro em países com PIB maior. É uma abordagem ganha-ganha.

Se vocês chegarem a um ensaio clínico em humanos, o Brasil seria o melhor candidato a abrigar o teste?

Certamente o Brasil seria um grande candidato. O país possui ótima infraestrutura e muita experiência em ensaios clínicos. Além disso, precisamos ir aonde a doença está. Mas há outros lugares, como o Vietnã, que também sofrem com a dengue. Com frequência testes clínicos são realizados em mais de um país.

Quanto tempo pode demorar para termos uma droga contra dengue?

O desenvolvimento de drogas leva muito tempo, e depende de muitos fatores. Por exemplo, quanto mais recursos se tem à disposição, mais rápido esse processo pode caminhar. Nós estamos trabalhando o mais rápido que podemos. Se conseguirmos mais parceiros e mais recursos, ainda podemos acelerar. E importante: queremos fazer isso não só para a dengue, mas também para gripe e outros vírus, incluindo alguns que possam surgir no futuro. Nós precisamos trabalhar proativamente, não apenas reativamente. Se o mundo tivesse gasto em pesquisas uma fração daquilo que consumiu durante o auge pandemia, nós teríamos obtido uma droga contra coronavírus antes de a Covid-19 explodir. Poderíamos ter parado o vírus ainda em Wuhan, na China. Nós devemos aprender com essa lição.

CIÊNCIA

Natalia Pasternak
Microbiologista, presidente do IQC, professora na Universidade de Columbia (EUA) e FGV-SP e autora dos livros Ciência no Cotidiano e Contra a Realidade

Perigosa negligência

A República Democrática do Congo (RDC) está enfrentando o maior surto de mpox de sua história. A doença infecciosa é transmitida por um vírus e anteriormente era conhecida como “monkeypox” em inglês, “varíola de macacos” em português. No ano passado, foram 14.500 casos suspeitos, com 650 mortes. Em 2024, até agora, 3.500 casos suspeitos e 250 mortes. A linhagem de vírus circulando agora parece ser mais perigosa do que a que se espalhou pelo mundo e alarmou o Ocidente em 2022, mostra-se muitas vezes fatal, e capaz de se transmitir por contato íntimo e sexual. A doença está aparecendo em regiões da RDC onde antes não era encontrada, e entre trabalhadores do sexo.

A mpox não é uma doença nova no Congo. O país tem 26 províncias, e em onze a mpox já era endêmica. Mas começou a viajar, atingindo um total de 22 províncias em novembro de 2023. Existem duas linhagens principais de mpox, também chamadas de clados: o tipo 1 e o tipo 2. O tipo 2 foi o que se espalhou para fora da África em 2022, causando alarme e dando origem à pesquisa de vacinas especificas para a doença. Sabe-se que a antiga vacina de varíola, que deixou de ser administrada depois que a doença foi erradicada, também oferece imunidade parcial para mpox. O clado 2 pode se transmitir por contato sexual, com registros principalmente entre homens que fazem sexo com homens. Esse fato gerou diversas iniciativas na Europa e nos EUA para proteger comunidades vulneráveis.

Quanto ao clado 1, não havia, até pouco tempo atrás, registro de transmissão por contato sexual. Mas casos assim começaram a aparecer em abril de 2023, e estão aumentando. O clado 1 pode ser até dez vezes mais fatal do que o clado 2. Nos casos recentes, mais de dois terços registrados em crianças com menos de 15 anos, faixa etária onde também se encontram 87% das mortes causadas pela doença.

> *A linhagem de mpox circulando agora parece mais perigosa do que a que se espalhou pelo mundo e alarmou o Ocidente em 2022*

Dois fatos são extremamente preocupantes nesse novo surto: a capacidade de transmissão sexual, aparentemente adquirida pelo clado 1, e a alta incidência e letalidade em crianças. Isso coloca o mundo diante de um cenário novo, que precisa ser enfrentado antes que escape do controle.

Se antes a mpox era uma doença típica das regiões rurais, mais afastadas, agora chega aos grandes centros. Reportagem na rede de notícias americana NPR mostra que a cidade congolesa de Kamituga, na província de Kivu do Sul, onde nunca houve registros de mpox, recentemente teve casos entre trabalhadores do sexo e mineradores.

Testagem e vacinação apresentam um tremendo desafio. Apenas dois laboratórios em toda a RDC fazem o teste diagnóstico, que requer amostras coletadas de lesões de pele. Agentes de saúde precisam coletar amostras e depois viajar horas, ou dias, até um dos laboratórios. Existem vacinas para mpox nos EUA, Europa e Japão, mas que foram testadas em adultos saudáveis de países ricos, e não em crianças ou adultos talvez sofrendo de desnutrição e outras condições. Essas vacinas ainda não foram licenciadas em nenhum país africano. Apesar disso, há grupos de trabalho considerando a indicação da vacina com prescrição fora de bula, e diversos países se ofereceram para doar doses. A situação política na RDC, entretanto, pode ser um entrave. Mesmo que a vacinação seja autorizada, há conflitos internos e revoltas armadas ativas no país.

A epidemiologia hoje precisa levar em conta não apenas a biologia da doença, mas o cenário social, econômico e político, tanto local quanto global. Se a pandemia de Covid-19 e o surto de mpox tipo 2 em 2022 nos mostraram algo, é que não deveriam mais existir mais doenças negligenciadas, e não só por razões humanitárias, mas porque, com a globalização, os países ricos se expõem a sério risco ao negligenciar as doenças endêmicas de países pobres.

Economia

VIRALIZOU NAS REDES

NA WEB

Alexa escuta nossas conversas?

Vídeo mostra como assistente de voz grava falas mesmo sem ser ativado

PARA ACESSAR APONTE O CELULAR PARA O QR CODE

NECESSIDADE DE DISCUTIR OUTRA REFORMA

ALEXANDRE CASSIANO

Sem carteira e sem INSS. A elevada informalidade no mercado de trabalho é um dos fatores apontados por especialistas para a relativamente baixa proporção de quem contribui para a Previdência

DEFASAGEM NA PREVIDÊNCIA

Aumento na base de contribuintes é inferior à alta no número de benefícios

GERALDA DOCA E VICTORIA ABEL
economia@oglobo.com.br
BRASÍLIA

Com o desafio de equilibrar as contas do regime de aposentadoria, o governo registrou um crescimento médio por ano de apenas 0,7% no número de novos contribuintes ao sistema previdenciário entre 2012 e 2022. Ao mesmo tempo, a quantidade de benefícios pagos no período aumentou em um ritmo três vezes maior, de 2,2% ao ano.

Os dados constam de um estudo do especialista Rogério Nagamine, com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) de 2022, feita pelo IBGE, e levam em consideração quem fez ao menos uma contribuição ao ano. Caso seja computada a média mensal de contribuintes, ou seja, os que contribuíram mais vezes, a expansão foi de 1,2% ao ano — ainda assim, abaixo da alta no estoque de benefícios pagos.

Para Nagamine, especialista em políticas públicas que foi subsecretário do Regime Geral de Previdência Social no governo passado, a baixa expansão do número de contribuintes no Brasil entre 2012 e 2022 tem relação direta com o fraco desempenho da economia no período e, consequentemente, de uma evolução pouco favorável ao mercado de trabalho.

Ele alerta, no entanto, que o problema não será resolvido se a economia voltar a crescer. Isso porque o regime de aposentadoria está estruturalmente desequilibrado devido às mudanças na demografia, com o rápido envelhecimento da população brasileira e queda na taxa de fecundidade, já que as famílias têm cada vez menos filhos.

— Os dados sobre o número de contribuintes só pioram o quadro. Como a gente vem alertando, uma nova reforma precisará ser feita para corrigir distorções — afirma Nagamine.

CARGA FUTURA PARA O BPC

Especialistas avaliam que o cenário também é resultado da elevada informalidade no mercado de trabalho, que aumentou com a chegada dos aplicativos de transporte e entrega no país, além do fato de a Reforma Trabalhista de 2017 ter ampliado a possibilidade de terceirizações. A partir da mudança na legislação, mais brasileiros aderiram a trabalhos autônomos ou abriram pequenos negócios, por meio de registros de MEI (microempreendedor individual). Para esses trabalhadores, a contribuição ao INSS é facultativa.

— Está havendo uma modificação na questão da contribuição, isso não é de agora. Isso já vem com a Reforma Trabalhista, com a terceirização, e a própria Reforma da Previdência também, que mudou bastante o direito dos segurados. Isso afasta as pessoas da contribuição e, consequentemente, elas estão modificando o seu mecanismo de contribuição — afirma a advogada previdenciária Adriane Bramante, presidente do Instituto Brasileiro de Direito Previdenciário (IBDP).

Ela aponta que o fato de mais pessoas deixarem de contribuir para a Previdência pode levar a um inchaço dos mecanismos de assistência social do governo nas próximas décadas, como o Benefício de Prestação Continuada (BPC), já que essa parcela da população poderá se tornar um contingente de idosos desassistidos.

— Se você tem pessoas se afastando da Previdência Social, vai sobrar, é claro, lá na frente, para a assistência social e para o BPC — alerta Adriane.

De acordo com o levantamento de Nagamine, o país tinha 70,7 milhões de pessoas em idade economicamente ativa que não recolhiam para o regime previdenciário. O número representa menos da metade (45,5%) da população em idade economicamente ativa, estimada em 129,5 milhões. O levantamento considera uma população entre 20 e 61 anos (mulher), e 20 e 64 anos (homem).

O estudo aponta que o contingente fora do regime previdenciário é maior entre as mulheres. Os dados mostram que apenas 25,7 milhões contribuíam para a Previdência, de um universo de 64,7 milhões. As demais 39,1 milhões estavam fora da força de trabalho (21,9 milhões), desocupadas (4,6 milhões) ou na informalidade (12,5 milhões).

Em relação aos homens, 33,2 milhões eram contribuintes do regime, de um universo de 64,8 milhões. Entre os 31,6 milhões que não recolhiam para o sistema, 9,8 milhões estavam fora da força de trabalho, 3,8 milhões eram desocupados e 18 milhões, na informalidade.

ANOS DE ESTUDO IMPORTAM

O recorte por escolaridade revela que o número de anos de estudo tem forte impacto no universo de contribuintes. Entre as pessoas sem instrução ou com pelo menos um ano de estudo, o percentual de filiação era de apenas 13,5%. Já entre os trabalhadores com curso superior completo, o percentual saltava para 72,3%.

Segundo o autor do estudo, uma das explicações é que o nível de escolaridade é determinante na inclusão dos trabalhadores no mercado formal de trabalho. Além das tradicionais políticas públicas de combate à informalidade e o desemprego, destacou Nagamine, também são importantes medidas para aumentar as taxas de participação no mercado de trabalho, especialmente entre as mulheres.

Quando se analisa o recorte por regiões do país, com base nos registros administrativos da Previdência, observa-se uma estagnação no Sudeste, a mais desenvolvida do país. O Rio foi o único grande estado da federação que perdeu contribuintes. O total de segurados caiu de 6,260 milhões em 2012 para 5,704 milhões em 2022 — uma queda de 8,9%. Outros dois estados que registraram recuo foram Rio Grande do Sul, com 0,7%, e Pernambuco, com 0,3%.

O economista e professor do Insper André Borges afirma que o cenário aponta a necessidade de o país voltar a discutir o seu sistema de aposentadorias, cinco anos depois de ter aprovado uma ampla Reforma da Previdência.

— Era sabido que a reforma, como foi aprovada, ia ajudar mas não seria suficiente. Em algum momento, não tão distante, voltaremos a ter que discutir esse tema no Congresso — diz Borges.

> *"Era sabido que a reforma ia ajudar mas não seria suficiente. Em algum momento, voltaremos a ter que discutir esse tema"*
>
> **André Borges**, economista e professor do Insper

QUADRO DO SISTEMA PREVIDENCIÁRIO

O aumento no número de contribuintes é inferior ao crescimento do estoque de benefícios

*Quando se considera mais de uma contribuição no ano, o crescimento é de 1,2%
Fonte: Estudo do economista Rogério Nagamine com base na Pnad 2022

EDITORIA DE ARTE

oglobo.com.br/economia
economia@oglobo.com.br

Diversidade na prática

Como podemos contribuir para que a inclusão de pessoas com deficiência seja efetiva e a diversidade seja abordada de maneira natural e respeitosa nas empresas? Sei que há muitas dúvidas a respeito desse tema. Acredito que uma das maneiras de tornarmos a dinâmica assertiva é expandindo o conhecimento sobre o assunto desde a gestão até os colaboradores, aprendendo a usar a linguagem sem o emprego de termos capacitistas. Somos múltiplos, e a soma das nossas diferenças enriquece os processos de trabalho e nós mesmos.

A propósito da 5ª Conferência Estadual dos Direitos da Pessoa com Deficiência, ocorrida na última semana em Teresina, no Piauí (o primeiro estado a aderir ao Novo Plano Nacional Dos Direitos Humanos – Viver sem Limites, criado em 2011 a partir da Convenção sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência da Organização das Nações Unidas, ONU), começo o mês de abril ressaltando o quanto ainda se faz necessário debater sobre práticas de diversidade nas instituições e o quanto avançamos até aqui.

Em Nova Iorque (EUA), estive na 68ª sessão anual da Comissão sobre a Situação das Mulheres (CSW68), ao lado de potências femininas, discutindo sobre equidade de gênero. Nessa ocasião, a questão da diversidade da pessoa com deficiência — em especial, as mulheres (no Brasil, há uma maioria feminina com algum tipo de deficiência) — saltou aos meus olhos. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2022, são 18,6 milhões de pessoas com deficiência no Brasil, e o acesso ao mercado de trabalho formal ainda é relativamente baixo.

Ana Paula Feminella, secretária dos direitos da pessoa com deficiência, em entrevista para o *videocast* Me Conta, Brasil, ressalta que 55% das pessoas em idade de trabalhar estão no mercado informal.

"Primeiro o empregador vê a deficiência, vê a gente como problema. A gente também tem capacidade de produzir, não é porque a gente não tem um braço, não tem uma perna, não enxerga, que a gente também não trabalha. Tem muitas pessoas qualificadas!", pontua.

Precisamos respeitar e acolher. O crescimento social e econômico do Brasil tem urgência de práticas inclusivas

A diversidade na prática é muito mais do que discursos e dados. Defendo, por exemplo, o uso da tecnologia, como já tenho falado por aqui, ações que garantam a todos os cidadãos os seus direitos de acesso (como prevê a lei). Precisamos de mais empresas engajadas na tarefa de promover não só oportunidades, mas também acessibilidade e proteção dos direitos da pessoa com deficiência.

Em 2015, cria-se a Lei de Inclusão 13.146, a qual, por meio da tecnologia, tem por objetivo eliminar barreiras e propiciar autonomia de acesso e independência social aos 8,9% da população brasileira que têm, diariamente, seus direitos suprimidos. É dever de todos nós garantir que eles tenham seus direitos resguardados.

O ambiente de trabalho é onde passamos boa parte do nosso dia e, portanto, precisa ser pensado para também ser um lugar onde é possível estabelecer possibilidades equânimes. Colaboradores diferentes apresentam e constroem tipos de saberes e ressalvas também diferentes. A lei exige que de 2% a 5% (de acordo com número de funcionários) das vagas das empresas sejam destinadas a pessoas com deficiência. Mas, ainda assim, as empresas e também a sociedade civil não têm real noção do que é preciso para validar tais direitos, fazendo com que os trabalhadores em foco se sintam parte da equipe de maneira acolhedora e natural.

É importante rever formatos e posturas da gestão aos funcionários da base, evidenciando diferenças e potencialidades, buscando sinergias e colaborações. Precisamos notar no outro suas *expertises* e validá-las. Precisamos respeitar e acolher todas as deficiências, de modo que cada colaborador se sinta em um lugar seguro, propício para trocas saudáveis e empáticas. O crescimento social e econômico do Brasil tem urgência de práticas inclusivas.

COE completa 10 anos com resultados tímidos e pouca transparência

Percentual dos que batem o CDI vem caindo. Especialistas, porém, dizem que ativo pode ser útil na carteira do investidor

COMPARE OS DESEMPENHOS

Quantidade de COEs em que o rendimento supera o CDI

Dados dos produtos emitidos por Bradesco, XP e Itaú mostram que cada vez menos produtos batem o principal índice de referência do investidor

Investimentos em Bolsa americana, Ibovespa, dólar, prefixado e IPCA+ que renderam mais que o CDI

Porcentagem de outros investimentos que bateram o CDI também caiu, mas menos que COEs

Fontes: Tabela de resultados dos COEs do Bradesco, Itaú e XP, de acordo com cada instituição, conforme Resolução CVM 8 e Fonte: Morningstar

EDITORIA DE ARTE

NATHÁLIA LARGHI
E MARCELO D'AGOSTO
economia@oglobo.com.br

Há dez anos os Certificados de Operações Estruturadas (COEs) começaram a ser comercializados pelos bancos, passando a integrar as recomendações de assessores de investimentos. Mas a verdade é que o rendimento dos COEs ainda deixa a desejar, assim como sua transparência. Se inicialmente o apelo era permitir o acesso de investidores pessoas físicas a mercados então restritos, como as Bolsas estrangeiras, hoje esse chamariz perdeu força. Por que, então, investir neles?

É preciso ter em mente que, assim como nos fundos de investimentos, o COE funciona como uma cesta, com vários tipos de ativos. Portanto, não é possível antecipar se o produto é bom ou ruim: tudo depende do que está na cesta.

Mas o COE "aposta" em um cenário para o futuro: por exemplo, a queda de um determinado índice, a alta do dólar, a valorização de certas ações, assim por diante. Além disso, diferentemente dos fundos, os COEs têm prazo de vencimento, que é o período para aquela aposta se concretizar (ou não).

O COE costuma ser vendido como uma "mistura de renda fixa e variável", porque oferece a possibilidade de um rendimento acima da Taxa Selic, mas sem haver perdas caso a aposta não se concretize — o que parece bom demais para ser verdade.

O problema é que o investidor nem sempre fica com todo o rendimento: ele pode ganhar até um determinado percentual, mas não mais do que isso. Além disso, se a aposta não der certo, o dinheiro retorna sem qualquer correção, o que acaba tendo um peso negativo, especialmente se o prazo do investimento for longo.

O resultado, ao menos por ora, tem sido negativo para os COEs. Levantamento feito pelo Valor Investe mostra que, mesmo entre aqueles que rendem alguma coisa no fim do prazo de vencimento, poucos são os que batem o CDI (indicador de referência, que segue de perto a Taxa Selic). Os dados históricos apontam que quem investiu em COE teve pouco retorno para o risco envolvido.

PROTEÇÃO REDUZ GANHO

O estudo foi feito com base nos COEs emitidos por Itaú, Bradesco e XP. Foram considerados aqueles lançados entre 2019 e 2023, no total de 3.310. Em 2019, 70% bateram o CDI. No ano seguinte, esse percentual caiu a 29%. Em 2021, foi de 13%. Já em 2022, foi de apenas 4%.

É preciso ressaltar que nesse período, devido à alta da Selic, o percentual de outros investimentos que bateram o CDI também caiu. Ainda assim, o desempenho foi melhor que o dos COEs. O Valor Investe mapeou, por exemplo, investimentos em cinco categorias: na Bolsa americana, no Ibovespa, no dólar, em títulos prefixados e em títulos atrelados à inflação. Em 2019, 84% dessas alternativas bateram o CDI. Em 2020, 50%; em 2021, 20%; e em 2022, 10%.

Segundo uma fonte do mercado que não quis ser identificada, cerca de 80% das emissões de COEs que não bateram o CDI tiveram desempenhos superiores a outras classes de ativos. No entanto, é importante lembrar que, de modo geral, os COEs têm o capital garantido, ou seja, o investidor sai, no mínimo, com o mesmo montante com que entrou. Ou seja, isso explica que eles tenham desempenho superior, por exemplo, a um ativo que teve desvalorização no mesmo período analisado, como ações que caíram.

Isso não significa, porém, que o produto é ruim. Nem bom. Tudo depende da estratégia do investidor (e do que está na cesta do COE). Embora alguns especialistas afirmem que "se não for para superar o CDI, é melhor deixar o dinheiro em algo que renda essa taxa" (caso do Tesouro Selic ou dos fundos DI, por exemplo), há quem defenda que a "função" do COE numa carteira vai além de oferecer rendimento acima do CDI. Uma dessas atribuições seria, por exemplo, proteger o capital.

Fabio Zenaro, diretor de produtos de balcão, *commodities* e novos negócios da B3, defende essa tese. Ele diz que o COE pode ser usado, por exemplo, pelo investidor que tem uma parcela grande da sua carteira exposta ao Ibovespa e quer se proteger caso a Bolsa caia (pode-se investir em um COE que aposte na queda do índice). Ou por quem quer se proteger de flutuações do dólar.

> *"Começamos bem em termos de informação. Temos, por exemplo, o DIE, no qual o banco precisa colocar os riscos e simular cenários daquele COE. (...) Então o investidor está à prova de problemas? Não. Porque se a venda de qualquer produto não é bem feita, mesmo que tenha documentos, pode ter problema"*
>
> **Fabio Zenaro**, diretor de produtos de balcão, *commodities* e novos negócios da B3

Zenaro reconhece, porém, que esse caráter mais arrojado do COE não se repete no Brasil. Aqui, explica, o histórico de juros altos e o perfil do investidor brasileiro são entraves para o COE assumir maior risco.

— Há dez anos, eu achava que o produto nasceria assim, majoritariamente de capital protegido, e depois mudaria. Mas mudou muito pouco. Hoje, 95% dos COEs têm ao menos o capital protegido, o que é muito particular do Brasil. Na Europa e até mesmo na África do Sul, China e outros países asiáticos, é muito diferente — diz Zenaro.

Essa característica do capital protegido também pode limitar os ganhos. Afinal, para obter essa "garantia", os COEs acabam sendo compostos, em boa parte, por ativos prefixados. Mas, com a oscilação dos juros no Brasil, esses ativos muitas vezes perdem do CDI, reduzindo os ganhos.

CUSTO 'OCULTO'

Outro fator limitador é que, mesmo que não haja um custo explícito, como a taxa de administração cobrada nos fundos, quem investe em COEs paga alguma coisa — que não fica clara. Isso acontece porque, na hora de estruturar o COE, o banco coloca uma "margem".

Por exemplo, para estruturar um COE que aposte na alta de uma determinada ação, o banco coloca opções de compra desses papéis. Opções funcionam como um contrato que garante que, no futuro, o investidor (no caso, o banco emissor do COE) consiga comprar ou vender aquele ativo ao preço a um preço determinado nesse contrato. O problema é que os custos que o banco desembolsou nessas opções não são claros para o cliente. E parte da chamada "comissão" do banco vem também daí.

Há outras informações difíceis de encontrar. Em 2020, a Comissão de Valores Mobiliários (CVM) propôs, no artigo 14 da resolução nº 8, que as instituições emissoras mantenham em seus sites uma seção específica que informe os parâmetros definidos para os COEs, incluindo os custos de distribuição e os resultados.

Mas não é fácil identificar essas informações no site de alguns bancos e instituições. Em alguns, a sessão para verificar esses dados era restrita a investidores que tenham conta. Outros colocavam os resultados consolidados por categoria e não por produtos específicos.

Zenaro, da B3, explica que, há alguns anos, um dos maiores problemas do COE no exterior era a falta de padronização de informações, por isso a CVM emitiu a resolução nº 8.

— A gente teve muito aprendizado com as notas estruturadas lá fora, então começamos bem em termos de informação. Temos, por exemplo, o DIE, Documento de Informações Essenciais, que é um material no qual o banco precisa colocar os riscos e simular cenários daquele COE — explica Zenaro.

Mas ele admite que isso não resolve tudo:

— Então o investidor está à prova de problemas? Não. Porque se a venda de qualquer produto não é bem feita, mesmo que tenha documentos, pode ter problema.

Zenaro ressalta ainda que, muitas vezes, não é explicado aos investidores o risco de manter um COE por um prazo grande em um ambiente de juros altos. Receber apenas o valor investido depois de quatro anos, por exemplo, significa uma perda de aproximadamente 40% do que o investidor conseguiria em uma aplicação mais simples, atrelada à Selic.

Procurada, a CVM afirmou, em nota, que "a instituição emissora é a responsável pela veracidade, consistência, qualidade e suficiência das informações fornecidas." E ressaltou que "acompanha e analisa informações e movimentações", tomando as medidas cabíveis, quando necessário.

Um ponto positivo do COE citado por especialistas é o acesso a diversas classes de ativos. Há alguns anos, por exemplo, um dos principais atrativos era a possibilidade de exposição ao mercado internacional. Mas hoje esses investimentos estão mais acessíveis.

— Em 2019, cerca de 70%, 80% do volume de COEs eram de ativos estrangeiros. Agora está mais perto de 30%, de 40%. Ainda tem apelo, porque nem todo mundo quer abrir conta lá fora, mas é menor — diz Zenaro, da B3.

Procurados, XP, Itaú e Bradesco, cujos COEs foram usados no levantamento, não quiseram se manifestar.

Leia outras reportagens sobre finanças pessoais e investimentos no site **www.valorinveste.com**

Rio

NA WEB

CORREDOR DE ÔNIBUS

Veja linhas e horários do Transbrasil

BRT tem primeiro dia útil de nova operação, com paradas em todas as estações

PARA ACESSAR APONTE O CELULAR PARA O QR CODE

GABRIEL DE PAIVA

De malas prontas. Jesuíno, que mora na Brasil, na altura de Guadalupe: ele está procurando casa para se mudar, pois arrastões e assaltos ocorrem na sua porta: 'Espio o movimento antes de sair'

ÊXODO DA BRASIL

Avenida perde quase 33 mil moradores, com violência entre os dilemas diários

SELMA SCHMIDT
selma@oglobo.com.br

Técnico de uma empresa de internet e telefonia, Leandro Jesuíno, de 30 anos, mora desde que nasceu em um prédio de frente para a Avenida Brasil, em Guadalupe, na Zona Norte do Rio. A boa infraestrutura, especialmente de transportes, manteve Leandro lá, inclusive, depois de se casar. Mas, desde o fim do ano passado, os constantes arrastões e assaltos na sua porta o fizeram refletir e tomar a decisão de procurar outro apartamento, longe dali, para viver com a esposa.

A mudança de rumo do casal coincide com um esvaziamento da maior via expressa do Rio, com 58 quilômetros de extensão, detectado pela contagem de seus moradores. O último Censo, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2022, identificou 486.195 pessoas vivendo em construções formais e irregulares, ao longo e num raio de 500 metros às margens da rodovia. São 6,3% (quase 33 mil) a menos do que os que moravam ali no recenseamento feito 12 anos antes: 519.186. Um percentual de redução superior ao da cidade do Rio, que perdeu 1,72% de sua população.

— Espio o movimento antes de sair de casa. O pessoal do Chapadão passou a roubar na frente do meu prédio. Chega até de fuzil. Não é só de pistola — conta Jesuíno. — Mesmo o aluguel sendo em conta, porque o imóvel é de um primo, não dá para ficar aqui.

PARA REVERTER O QUADRO

Moradores citam os roubos, as guerras entre facções, as operações policiais e os altos valores pedidos por donos de casas como os fatores principais pela grande quantidade de placas de "aluga-se" e "vende-se" e pela perda de população na via. Especialistas, embora façam a ressalva de que é preciso avaliar dados sobre migração do IBGE, mencionam, além da violência, questões como a falta de políticas públicas mais eficazes e a tendência brasileira de formação de famílias com menos filhos.

Um passeio pela via mostra que são dezenas de prédios abandonados ou invadidos. A ocupação do prédio da Borgauto, em Ramos, se consolidou. E, em Bonsucesso, num imóvel do estado cedido à prefeitura, há um restaurante popular no térreo, enquanto os andares superiores foram invadidos.

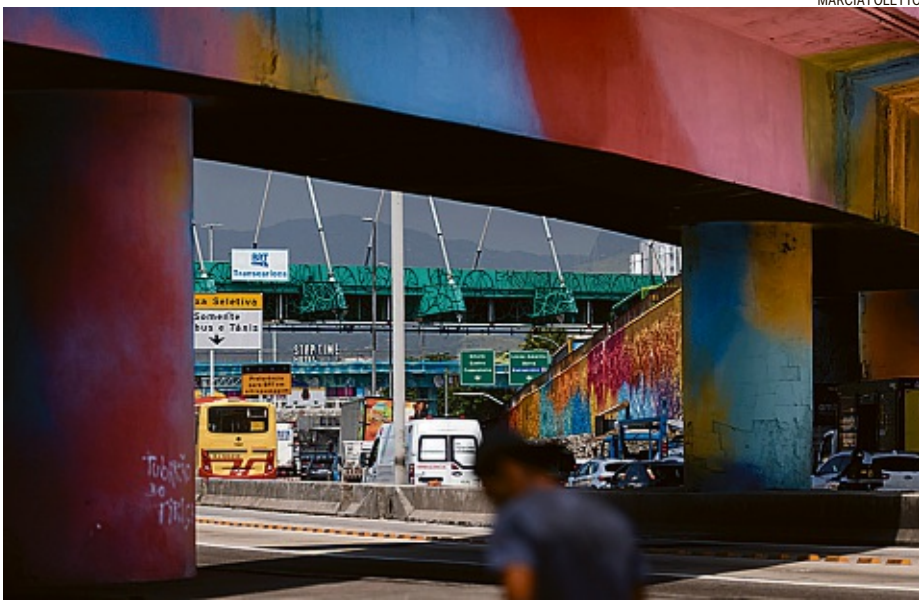
— Tem infiltração que está atingindo o restaurante — lamenta uma funcionária.

Por outro lado, recentemente, a Avenida Brasil ganhou atrativos. Com obras iniciadas há nove anos, o BRT Transbrasil foi, enfim, inaugurado. Antes de começar a operar, estações, passarelas, viadutos e pilares ao longo dos 26 quilômetros do corredor viraram uma galeria de arte urbana: receberam grafites do Projeto Cores da Brasil, com tons e formas inspirados nas obras do Profeta Gentileza.

Também o novo Plano Diretor, que teve seu último capítulo no mês passado com a aprovação do texto final da lei, criou a Zona Franca Urbanística, tornando os padrões urbanísticos para a Avenida Brasil mais flexíveis do que para o restante da cidade. Lá, o gabarito, por exemplo, pode ser de até 22 pavimentos, desde que não conflite com normas de proteção e paisagem, nem com restrições dos cones de aproximação de aeroportos. Outra lei, sancionada em janeiro, cria incentivos de IPTU e ITBI para construções na via.

Subsecretário executivo da Secretaria municipal de Desenvolvimento Urbano e Econômico, Thiago Dias espera que tais medidas estimulem a construção civil e promovam o adensamento da Brasil.

— Imagino que possa haver um movimento de interesse em construir, principalmente, nos trechos que ficam na AP1 (Centro, Caju, Benfica e arredores) e na AP3 (parte da Zona Norte) — diz ele, acrescentando que a presença de agentes do programa BRT Seguro nas estações do Transbrasil dão mais segurança ao local.

Por conta da violência, o motaxista e motoboy de aplicativo Rodrigo Santos evita fazer entrega e transporte para a Brasil. Morar nem pensar:

— Às vezes, nós nos vemos no meio de fogo cruzado, mesmo na via principal. E não entramos nas comunidades que beiram a avenida, porque os traficantes nos proíbem. Só as motos deles podem andar lá. Moro perto do Centro de Campo Grande, para fugir da milícia também.

Enquanto o número de moradores míngua, o Censo revela um contraste: o aumento das residências em 12 anos. Para o arquiteto e urbanista Washington Fajardo, os dois fatos são indicativos de "degradação urbana, insegurança e baixíssima produção imobiliária nova":

— O que pode estar acontecendo é o surgimento de subdivisões de domicílios de maneira informal. Mas, com certeza, está em curso uma diminuição de densidade populacional, o que é ruim. A Avenida Brasil é uma área com infraestrutura, com economia ainda, com emprego ainda, muito próxima do Centro, contígua a linhas de trem e de metrô. Sem contar que dá acesso ainda a centros de pesquisa, universidades e hospitais. Eu chamaria de Avenida "ainda" Brasil.

Nesse cenário, dono de um prédio de quitinetes na favela Nova Holanda — nos arredores da Avenida Brasil —, Rodrigo Oliveira encontrou uma maneira de ocupar seus imóveis: abaixar o aluguel.

— Tem muita casa vazia, porque as pessoas querem cobrar caro. Pelos quitinetes, administrados pela minha ex-mulher e mãe de meu filho de 4 anos, cobramos R$ 600 — conta ele, que é dono ainda de um sobrado na Avenida Brasil, onde tem oficina embaixo e sua casa em cima. — Quero construir mais quatro andares nesse prédio para alugar.

EXPANSÃO RUMO AO OESTE

Com os dados disponibilizados até agora pelo IBGE, o demógrafo José Eustáquio Diniz não consegue explicar a alta redução da população na beira da Avenida Brasil:

— Em 2010, havia 3,1 pessoas por domicílio. Caiu para 2,2. A queda é muito grande.

Já o economista Mauro Osorio, ex-presidente do Instituto Pereira Passos (IPP), aponta a tendência das famílias brasileiras de terem menos filhos como uma das possíveis causas da redução de população da Brasil. Mas destaca ainda a crise política no Rio, a partir de 2015, que provocou atraso de salários e consequências econômicas:

— A área da Avenida Brasil teve perda de população. Mas a cidade se expandiu para Oeste. Guaratiba, Campo Grande, que ficam afastadas do Centro e têm imóveis mais em conta, tiveram aumento de população. Isso reforça a necessidade de políticas públicas para criar moradias em áreas centrais.

Pesquisador do Observatório de Metrópoles, do Ippur/UFRJ, Juciano Martins Rodrigues ressalta que não basta ter transportes para atrair moradores para a Brasil:

— A via tem infraestrutura urbanística deficitária. Faltam passeios, calçadas, praças. Há espaços mal aproveitados.

Procurada, a PM não se manifestou.

MÁRCIA FOLETTO

Galeria a céu aberto. Viaduto grafitado: Projeto Cores do Brasil também embelezou passarelas e estações do BRT Transbrasil ao longo dos 26 quilômetros do novo corredor

519.186
Número de moradores que viviam ao longo da Avenida Brasil e num raio de 500 metros da via, segundo Censo feito pelo IBGE em 2010

486.195
Habitantes contabilizados pelo IBGE vivendo nas bordas da Avenida Brasil durante o último recenseamento, realizado pelo instituto em 2022

169.303
Quantidade de habitações existentes nas bordas da Avenida Brasil, incluindo construções regulares e irregulares, aferidas pelo IBGE em 2010

219.553
Construções residenciais permanentes existentes na Avenida Brasil e num raio de 500 metros contabilizados pelo Censo feito pelo IBGE em 2022

Tempo

TEMPERATURA	> 40º	37º/40º	33º/36º	29º/32º	25º/28º	20º/24º	16º/19º	12º/15º	< 12º
PREVISÃO	Sol	Nublado parcialm.	Nublado	Pancadas de chuva	Nublado c/ chuvas	Chuvas e trovoadas	Geada		

SOL E LUA	Nasc. 6H00 Poente 17H51	Cheia 31/03	Ming. 02/04	Nova 08/04	Cresc. 15/04
MARÉ	Hora Altura	BAIXA 0h41m 0,5m	5h51m ALTA 1,1m	BAIXA 13h03m 0,3m	18h43m ALTA 1,1m

Boa Vista 25°/33°
Macapá 24°/28°
Fortaleza 23°/32°
Natal 24°/31°
Manaus 25°/29°
Belém 24°/31°
São Luís 24°/30°
João Pessoa 23°/32°
Porto Velho 24°/31°
Teresina 24°/31°
Recife 24°/32°
Rio Branco 23°/31°
Palmas 23°/31°
Maceió 24°/31°
Cuiabá 24°/35°
Brasília 19°/28°
Salvador 25°/32°
Aracaju 25°/32°
Campo Grande 22°/30°
Vitória 23°/31°
Belo Horizonte 18°/30°
Goiânia 21°/30°
Rio de Janeiro 20°/30°
São Paulo 17°/30°
Porto Alegre 21°/32°
Florianópolis 21°/28°
Curitiba 17°/28°

BRASIL
Temporais no norte de MG, sul da BA, extremo sul do RS e no estado MS. Não chove no RJ, sul do ES e de SP. Alerta no Norte e Nordeste.

RIO
Ar seco, impedindo a formação de nuvens de chuva. Dia de sol, temperaturas elevadas e calor à tarde. Não chove em nenhuma região do estado.

NORTE
Porciúncula 28° 19°
Bom Jesus do Itabapoana 29° 20°
Itaperuna 31° 20°
Santo Antônio de Pádua 30° 20°
São Francisco de Itabapoana 30° 22°
São Fidélis 31° 21°
Campos 31° 22°
São João da Barra 30° 21°
SERRANA
Santa Maria Madalena 26° 15°
Nova Friburgo 23° 14°
Teresópolis 27° 16°
Petrópolis 26° 15°
Cachoeiras de Macacu 28° 19°
Casimiro de Abreu 30° 21°
Macaé 31° 22°
Rio das Ostras 31° 22°
SUL
Paraíba do Sul 30° 19°
Valença 29° 18°
Visconde de Mauá 25° 13°
Volta Redonda 30° 18°
Resende 30° 18°
Barra Mansa 30° 18°
Barra do Piraí 32° 19°
Mangaratiba 30° 19°
Angra dos Reis 30° 19°
Paraty 29° 18°
METROPOLITANA
Duque de Caxias 30° 22°
Rio de Janeiro 30° 20°
Niterói 28° 22°
Maricá 29° 21°
LAGOS
Silva Jardim 29° 22°
Araruama 29° 21°
Saquarema 28° 21°
Búzios 27° 20°
Cabo Frio 27° 20°

Previsão	ZONA SUL	ZONA NORTE	ZONA OESTE	SENSAÇÃO TÉRMICA/RIO	PROBABILIDADE DE CHUVA
HOJE	21°/28°	20°/30°	20°/30°	21°/31°	Baixa
AMANHÃ	22°/30°	21°/32°	21°/32°	22°/32°	Baixa
QUARTA	23°/29°	22°/31°	22°/31°	22°/32°	Baixa
QUINTA	23°/30°	22°/32°	22°/32°	23°/32°	Baixa
SEXTA	24°/31°	23°/33°	23°/33°	24°/33°	Alta
SÁBADO	23°/29°	22°/31°	22°/31°	23°/31°	Baixa
DOMINGO	26°/31°	25°/33°	25°/33°	26°/33°	Baixa

Praias - Impróprias: Botafogo, Flamengo, Pontal de Sernambetiba e São Conrado.

informações: Inea

Ondas - Ondas: 0,5 metros. Ondulação de leste-sudeste. Melhores locais: Arpoador, Macumba e Prainha.

informações: Ricosurf

Ventos - Rajadas de vento variando de 35 a 40 km/h.

CLIMATEMPO

Polícia Militar estica validade de coletes vencidos

Corporação afirma que iniciativa de prorrogar por nove meses o uso de 6.780 equipamentos de proteção contra tiros foi embasada em testes que garantiriam a segurança dos agentes; associação manifesta preocupação

THAYSSA RIOS
thayssa.rios@oglobo.com.br

A Polícia Militar do Rio prorrogou por nove meses a validade de 6.780 coletes à prova de balas que já estavam vencidos ou prestes a estourar o tempo limite de uso. A decisão foi publicada num boletim da corporação na última segunda-feira, respaldada por laudos de eficiência balística aprovados e emitidos pela própria empresa que produziu o equipamento. Com isso, coletes que tinham data de vencimento entre novembro de 2023 e maio de 2024 continuarão sendo utilizados pelos agentes nas ruas ao longo dos próximos meses. Medida que gerou preocupação da Associação dos Ativos, Inativos e Pensionistas da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros (Assinap).

— Vamos supor que o pior aconteça, e que o colete não funcione. Para quem vai esse ônus? Com certeza, para a família do policial, que foi exposto pelo Estado sem a proteção devida — reagiu Márcia Cordeiro, presidente da associação.

No boletim da semana passada, a Secretaria de Gestão Administrativa da PM tornou públicos os laudos realizados pelo laboratório NTS Belcamp, ratificados pela empresa Glágio do Brasil Proteção Balística Ltda, fabricante dos "coletes balísticos nível de proteção III". Segundo os documentos, os testes foram feitos com quatro amostras do equipamento balístico, com numerações de série pertencentes aos lotes em "uso na corporação". Diante do observado, o texto afirma:

"A solução balística licitada apresenta índices satisfatórios de durabilidade e, no atual estado, considerando os resultados obtidos, a Glágio prorroga a utilização dos coletes após o vencimento da validade por mais nove meses".

'PRIMEIRA NECESSIDADE'

Ao considerar essa renovação temerária, a presidente da Assinap questiona, inclusive, o número de coletes submetidos aos exames.

— Os testes foram feitos em apenas quatro coletes. O que, ao nosso ver, é uma amostragem bem reduzida, demonstrando a intenção econômica por trás de uma decisão com relação a equipamentos de primeira necessidade para o trabalho policial no Rio — ressaltou Márcia. — Há também que se avaliar o lado psicológico do agente de segurança pública, uma vez que a corporação, ao agir desse modo, não garante a eficácia do uso (dos coletes) em situações de extremo risco, às quais os policiais militares estão submetidos diariamente — concluiu em seguida.

A PM, por sua vez, afirma em nota que os coletes "estão em perfeitas condições", mas que os que já tinham vencido desde novembro não estavam sendo usados pelos policiais antes da realização dos testes. Além disso, diz que as avaliações para ampliar a validade foram pedidas pela corporação para "verificar a durabilidade e garantir a segurança dos seus policiais, enquanto o processo de compras dos novos coletes não está concluído". Questionada, até ontem à noite a polícia não tinha informado, no entanto, quando deve ocorrer a aquisição de outros lotes do equipamento de proteção, nem respondeu sobre um possível atraso na compra.

27-02-24/FABIANO ROCHA

Defesa crucial. PMs usam colete à prova de balas em favela do Rio: associação ressalta importância do equipamento

Vamos supor que o pior aconteça e que o colete não funcione. Para quem vai esse ônus? Com certeza, para a família do policial

Márcia Cordeiro, presidente da Assinap

Estão em perfeitas condições

Polícia Militar do Rio, em nota na qual atesta a adequação dos coletes com validade renovada

Ainda de acordo com a corporação, a Glágio do Brasil realizou quatro testes nas amostras dos coletes usados diariamente pelos policiais militares: os de eficiência balística das placas nível III frontal e dorsal com calibre 7,62 (fuzil) e os de eficiência balística painel nível frontal e dorsal com os calibres 9mm e 44 Magnum (pistola). Para a PM, os resultados apresentaram índices satisfatórios.

INVESTIGAÇÃO ANTERIOR

Já a Glágio do Brasil, procurada desde a última quinta-feira, não se pronunciou. Em setembro do ano passado, a empresa chegou a ser citada numa representação da Polícia Federal enviada à Justiça que culminou na deflagração da operação Perfídia, para apurar suspeitas de corrupção na intervenção federal na Segurança Pública do Rio, em 2018, e que tinha o ex-interventor, o general Walter Souza Braga Netto, como um dos investigados. Na época, havia indícios de sobrepreço de R$ 4,6 milhões na compra de coletes balísticos.

No centro das suspeitas estava a contratação, com dispensa de licitação, da empresa americana CTU Security LLC para fornecer 9.360 coletes capazes de resistir a tiros de fuzil, que seriam entregues à Polícia Civil fluminense. À época, foram investigados crimes de "patrocínio de contratação indevida, dispensa ilegal de licitação, corrupção ativa e passiva e organização criminosa". Assim como fraude ao caráter competitivo de licitação, em razão do conluio das empresas Inbraterrestre Indústria e Comércio de Materiais de Segurança e Glágio do Brasil Proteção Balística — a mesma que agora prorrogou a validade de 6.780 coletes vencidos —, por suposto conhecimento prévio da intenção de compra dos coletes pelo Gabinete de Intervenção Federal.

Caso Marielle: erros na investigação já na noite do crime

Cápsulas deixadas para trás no carro em que estavam as vítimas e testemunhas ignoradas integram histórico de falhas na coleta de provas

RAFAEL SOARES E VERA ARAÚJO
granderio@oglobo.com.br

Na investigação sobre a morte da vereadora Marielle Franco e do motorista Anderson Gomes não foram poucos os erros durante os primeiros cinco anos de apurações, ressaltados agora pelo relatório da Polícia Federal (PF) sobre o caso, que acusa a Delegacia de Homicídios da Capital de sabotagem. Os problemas na condução das investigações já começaram na noite de 14 de março de 2018, quando houve as execuções. Horas após os assassinatos, o recém-empossado chefe da Polícia Civil do Rio, Rivaldo Barbosa, escolheria o delegado Giniton Lages para comandar o inquérito. Os dois foram indiciados pela PF: o primeiro por planejar o crime, e o outro por associação criminosa.

Ainda na cena do crime, a polícia não fez uma perícia detalhada no local. Foram deixadas para trás cápsulas no Ágile branco do motorista de Marielle, Anderson Gomes. Testemunhas oculares foram dispensadas, e o lugar não foi sequer vasculhado para encontrar projéteis no jardim do próprio hospital da Polícia Civil, que ficava em frente ao local da emboscada, no Estácio. Só dias depois, as cápsulas foram encontradas no carro, que ficou sob sol e chuva na calçada da delegacia, na Barra da Tijuca.

Em um artigo publicado hoje no GLOBO, Marinette Silva, mãe de Marielle, criticou as falhas na investigação: "Nos prometeram justiça, mas tramaram contra a vida dela", escreveu. Já uma reportagem do GLOBO deste domingo mostrou que outros inquéritos da Delegacia de Homicídios também sofreram com omissão e destruição de provas.

Além disso, as testemunhas que estavam mais próximas do ataque a Marielle foram encontradas pelo GLOBO uma semana depois do crime. E, mesmo assim, Rivaldo não se interessou por elas. O delegado Giniton Lages, que entrou no caso por indicação do então chefe de Polícia Civil, só decidiu ouvi-las dois dias após a publicação da matéria.

DEPOIMENTO PLANTADO

Mas a maior evidência de que algo errado ocorria na apuração do caso foi quando, em maio de 2018, menos de dois meses após o duplo homicídio, uma suposta testemunha surgiu para apontar executor e mandante. Trazido para a investigação por três delegados da Polícia Federal, o PM Rodrigo Jorge Ferreira, o Ferreirinha, contou que viu o miliciano e ex-PM Orlando de Oliveira Araújo, o Orlando Curicica, e o então vereador Marcello Siciliano tramando a morte de Marielle num bar-restaurante do Recreio, em 2017.

Ferreirinha trabalhou como cúmplice de Curicica. Imediatamente, os agentes federais, que não tinham atribuição para investigar o caso na época, levaram Ferreirinha diante de Rivaldo. Em seguida, o chefe de Polícia apresentou a suposta testemunha para depor no Círculo Militar do Exército, na Urca, com o delegado do caso, Giniton, e seu chefe de investigação, Marco Antonio de Barros Pinto.

Por quatro meses, a DH se concentrou nessa linha de investigação. Até que, com a entrada das promotoras Simone Sibílio e Letícia Emile no caso, outras possibilidades de autores do crime surgiram, como o próprio Ronnie Lessa, hoje preso. No segundo semestre de 2018, um inquérito foi instaurado pela PF para apurar a versão de Ferreirinha. Logo no ano seguinte, o relatório do delegado federal Leandro Almada, responsável pelo caso, concluiu que tudo não passou de uma farsa de Ferreirinha, cujos propósitos seriam não ser morto por Curicica, que havia lhe jurado de morte, e tomar a milícia do antigo chefe.

O GLOBO fez contato com as defesas de Rivaldo e Giniton, mas não obteve retorno.

Leitores

NA WEB

ACERVO
Pesquise notícias antigas do GLOBO
Site contém todas as edições digitalizadas desde a primeira, em 29 de julho de 1925

PARA ACESSAR APONTE O CELULAR PARA O QR CODE

MENSAGENS CARTAS@OGLOBO.COM.BR

As cartas, contendo telefone e endereço do autor, devem ser dirigidas à seção Leitores. O GLOBO, Rua Marquês de Pombal 25, CEP 20.230-240. Pelo fax, 2534-5535 ou pelo e-mail cartas@oglobo.com.br

Para lembrar

Hoje (ontem) é 31 de março. Não temos o que celebrar ou festejar. Somente, lembrar. Sim, não podemos esquecer que em 1964 o país sofreu um golpe de Estado que inaugurou uma ditadura militar no Brasil e durou até 1985. Os “anos de chumbo”, como os conhecemos, foram anos de severa repressão, censura, supressão da liberdade de opinião, desaparecimento de opositores políticos, mortes e tortura. Nos dias de hoje, ainda há quem diga que “não foi bem assim”... Nega-se a História e o sofrimento das famílias que perderam entes queridos ou sofreram as consequências da repressão. Não quero estender-me, só lembrar , não deixando cair no esquecimento.

FERNANDA ROSA BORGES DE HOLANDA
RIO

Eu me lembro. Servi ao exército brasileiro em 1964 na Fortaleza de São João, na Urca. Plantei prontidão do dia 31/03 ao dia 10/04. Vi várias pessoas chegando de madrugada procurando por parentes desaparecidos. Foi uma horrível experiência.

LUIZ MOURA
RIO

O golpe militar de 1964, que, completa 60 anos, não pode ser relegado ao esquecimento. Aqueles que tombaram , lutando por um Brasil mais justo, menos desigual, em defesa da democracia, merecem ter a história de suas vidas e lutas lembradas e preservadas. Trata-se do direito à memória e à preservação dela. Enquanto o Brasil não ajustar as contas com o seu passado nebuloso perdurará sempre essa incerteza, essa falta de respostas, essa polarização e essas ameaças à nossa democracia. Devemos digerir bem o passado para dele nos libertarmos. Ditadura, tortura, golpe militar nunca mais. Sem anistia, e sim ao direito à memória.

ELIANA RACY NEMER
RIO

Míriam Leitão tem razão: o 8 de janeiro de 2023 foi uma ameaça concreta de repetição da História (“O país que não sabe lembrar”, 31/3). Há um fio entre o golpe de 1964 e os acontecimentos de agora. Em ambos eventos funestos havia vivandeiras alvoroçadas sedentas de poder, travestidas de patriotas e salvadores da pátria, evocando o fantasma do comunismo, com discurso retrógrado de falsos moralistas, que, na verdade, só visam os seus interesses mesquinhos e egoístas. Infelizmente a História da República está eivada de eventos golpistas perpetrados por militares que desde o golpe da instalação da República se arvoraram o direito de tutelá-la. É necessário lembrar para evitar que ocorram novamente, pois quem não conhece a História está condenado a repeti-la, conforme ensinou o historiador britânico Edmond Burke.

PEDRO HENRIQUE M. FONSECA
RIO

Meu erro

Lemos hoje (ontem) que “Paes admite erro ao ter nomeado Chiquinho Brazão em Secretaria” e “que quando ela ocorreu, em outubro passado, Domingos Brazão, irmão de Chiquinho, já era investigado pelo assassinato de Marielle Franco”. Em 16 setembro de 2006, o GLOBO também informou: “Eduardo Paes elogia ações de milícias de PMs em Jacarepaguá” (...). Ou seja, o passado recente e a realidade atual recomendam que, na próxima campanha para a prefeitura do Rio, Paes ratifique com mais veemência seu repúdio ao crime organizado e prometa não fazer alianças espúrias nem dar abrigo a nenhum suspeito. Pois fazê-lo somente agora, com Chiquinho e Domingos Brazão caídos em desgraça, presos em penitenciária federal, é como chutar cachorro morto. E não esquecer também que à mulher de César não basta ser honesta, tem de parecer honesta, máxima seguida pela política com “P” maiúsculo, resultando na confiança e apoio do cidadão a quem pedirá seu voto.

JOSÉ HADAD NETO
RIO

Finalmente o prefeito Eduardo Paes admitiu o erro de ter nomeado para comandar uma secretaria do seu governo, o deputado Chiquinho Brazão, suspeito de ser um dos mandantes das mortes da vereadora Marielle Franco e do seu motorista, Anderson Gomes. A pergunta é: quando é que Lula vai admitir que errou ter apoiado desde sempre o ditador da Venezuela, Nicolás Maduro? Afinal de contas, errar é humano. Insistir no erro é burrice.

MARCOS COUTINHO
RIO

Remédio salgado

O governo determinou que o aumento máximo dos medicamentos seja de 4,5%. Sabemos que é pura hipocrisia, tanto do governo quanto das farmácias. Em todas as redes farmacêuticas temos, na emissão das notas fiscais, um valor tido como original e um desconto. Esse pseudo-desconto é exatamente para se proteger de medidas governamentais como a determinação de limite de aumento ou congelamentos. Em resumo, o que vai ocorrer vai ser um desconto menor no valor original e um aumento real bem superior aos 4,5% anunciados como limite.

EDSON SILVEIRA
RIO

Transporte salgado

O Modelo Tarifário do Transporte Público no Rio precisa ser reavaliado. Os reajustes acima da inflação para a tarifa do Metrô, por exemplo, estão tornando esse modal inviável para o trabalhador autônomo e para o pequeno empreendedor. Viajar de metrô será um luxo em breve. Está se provando que o modelo mais adequado é o estado gerir a arrecadação e custos (com eventuais subsídios), pagando ao operador por quilômetro rodado e indicadores de qualidade.

MARIA CLARA MOTTA
RIO

APLICATIVO O GLOBO

O app oferece funções que facilitam a navegação, além de unir todo o conteúdo on-line e impresso. Baixe agora ou atualize o aplicativo disponível na **Apple Store** e no **Google Play**

Menu de navegação

Como navegar
A tela inicial destaca o conteúdo on-line que pode ser atualizado

Em Biblioteca, as matérias salvas do aplicativo ficam guardadas

Em Banca, o leitor pode baixar a edição impressa em duas versões: jornal e texto

Banca

Em Editorias, o leitor consegue acessar suas seções preferidas

Ao clicar no símbolo, o leitor pode salvar uma matéria para leitura posterior

O time de colunistas do GLOBO está reunido em um único lugar no app

NEWSLETTERS

Política, economia, cultura, saúde, diversão: escolha os temas de sua preferência e inscreva-se em oglobo.globo.com/newsletter para receber uma seleção de conteúdo em sua caixa de e-mail

EXCLUSIVAS
Só os assinantes têm acesso a “Dois Minutos – Tarde” (um resumo do noticiário mais quente do dia) e “Clube O Globo” (que destaca ofertas e benefícios)

Clube O GLOBO EXCLUSIVO PARA ASSINANTES

CONSULTE CONDIÇÕES DA OFERTA NO SITE CLUBEOGLOBO.COM.BR

LEV DOLGACHOV/DIVULGAÇÃO

Massagens relaxantes e estéticas com desconto

15% desconto

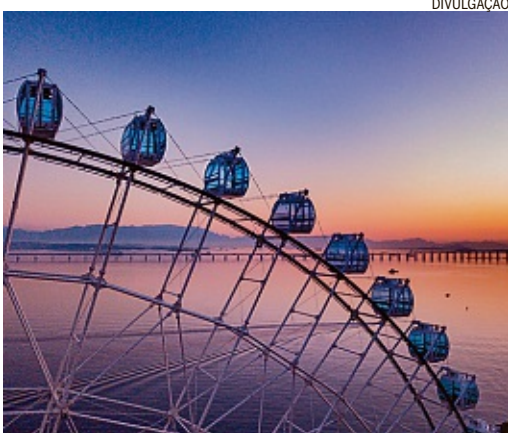
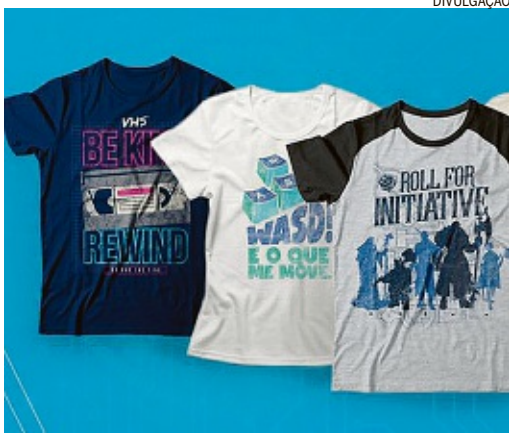
A clínica Bela Fisio oferece 15% OFF para assinantes em todos os tipos de massagens (relaxante, modeladora, desportiva e drenagem linfática). Para aproveitar, é preciso agendar pelo WhatsApp (21-97664-9025) e portar carteirinha válida do Clube (física ou digital). A lista de serviços oferecidos pelo espaço, sem o benefício, inclui também a carboxiterapia, o detox, a limpeza de pele e a lipocavitação. Com profissionais qualificados e equipamentos de alta tecnologia, homens e mulheres recebem atendimentos eficientes, permeados pela sensação de conforto. Veja mais detalhes da oferta on-line.

Camisas estampadas com ‘referências nerd’

20% desconto

O Studio Geek é um e-commerce que disponibiliza camisetas geek (“nerd”, em português) para um público apaixonado por esse universo e que tem como característica o aprendizado autodidata e tecnológico. Os produtos também são voltados para os amantes das culturas *pop* e *gamer*, bem como fãs de filmes e séries. Em produção desde 2013, as peças de roupa são feitas sob demanda, proporcionando variedade e estilo sem igual, com ajuste de modelagem em tamanhos diferentes para que todos se sintam incluídos. Assinante O GLOBO compra os itens com 20% de desconto. Veja mais em nosso site.

DIVULGAÇÃO

DIVULGAÇÃO

Visão privilegiada da Cidade Maravilhosa

Compre e ganhe

A Yup Star Rio, a roda-gigante carioca que contempla seus visitantes com uma das vistas mais completas da Cidade Maravilhosa, é parceira do Clube O GLOBO. Assinante ganha um ingresso extra na compra dos dois primeiros — para aproveitar, é preciso apresentar carteirinha válida (física ou digital). Com o benefício, é possível visitar uma das cabines climatizadas que a estrutura, instalada na Zona Portuária, alça a 88 metros de altura. De cima, é possível apreciar um ângulo inédito da Baía de Guanabara e das demais paisagens naturais e urbanas do município. Há ainda um espaço gastronômico no local. Confira os detalhes da oferta em nosso site.

HÁ 50 ANOS

Terra terá 4 bilhões de habitantes em 1975
1/4/1974

Terra terá 4 bilhões de pessoas em 75

O GLOBO

Luís Pereira, um zagueiro no ataque

Seleção vai mudar para o jogo com a Tchecoslováquia

Geisel na Tv destaca o papel da Revolução

A lua-de-mel do casal Kissinger

Responsabilidade coletiva

Limpeza de Suez começa no dia 7

Dados estatísticos das Nações Unidas divulgados ontem informam que a população mundial chegará aos quatro bilhões no próximo ano. Em Pequim, as autoridades comunistas, que condenavam o controle da natalidade, aceleram um programa para reduzir a taxa de crescimento demográfico. A meta é evitar que a população — atualmente cerca de 800 milhões — ultrapasse a casa dos 900 milhões. O metrô do Rio será o primeiro no mundo construído em área tropical. Um sistema de exaustores e mudanças no sistema de frenagem evitarão o maior problema dos metropolitanos: o calor.

LOTERIAS **LOTOFÁCIL** (concurso 3066): 01. 03. 05. 10. 11. 12. 13. 14. 16. 17. 19. 21. 22. 23. 25. **QUINA** (concurso 6403): 17. 43. 53. 55. 68. **MEGA-SENA** (concurso 2706): 10. 11. 17. 24. 30. 45.
O leitor deve checar os resultados também em agências oficiais e no site da CEF porque, com os horários de fechamento do jornal, os números aqui publicados, divulgados sempre no fim da noite pela CEF, podem eventualmente estar defasados.

INÊS 249

NEGÓCIOS&LEILÕES

JOÃO EMÍLIO
Imóveis, veículos e equipamentos

INSTA_PHOTOS/GETTY IMAGES

Formato híbrido. Transmissões on-line profissionalizadas exigem mais sofisticação dos eventos

EVENTOS VIRTUAIS AGORA EXIGEM QUALIDADE

Desgaste das transmissões amadoras, feitas em plataformas padronizadas e sem profissionalização, tem levado à contratação de serviços mais sofisticados

A realização de eventos virtuais, uma solução emergencial para o isolamento social provocado pela pandemia, acabou perdurando: muitas empresas enxergaram nos encontros on-line uma forma mais econômica de promover atividades internas e ações de comunicação externa. No entanto, o volume de transmissões e conferências por vídeo, muitas vezes sem aprimoramento técnico, vem gerando desgaste e esvaziamento dessas interações. O fracasso de produções malfeitas preocupa as organizações, que vêm buscando serviços especializados de melhor qualidade junto a produtoras.

O aumento da procura por transmissões on-line profissionalizadas exige também mais sofisticação dos eventos, que podem ser feitos de forma híbrida. É um recurso que normalmente aumenta os custos da organização, mas tem se sustentado para aumentar o alcance do público.

Segundo estudo da Associação Brasileira dos Promotores de Eventos (Abrape), entre janeiro e outubro de 2023, o setor cresceu 46,6% em relação ao mesmo período de 2022. O balanço foi feito com base em dados do IBGE e do Ministério do Trabalho e Previdência e apontou que a promoção de eventos gerou o maior número de empregos no período: 23,5 mil vagas.

Ao mesmo tempo que têm grande interesse na disponibilização de eventos na internet, as empresas estão se deparando com dificuldades técnicas: ou fazem essas atividades de um jeito "caseiro" ou investem em qualidade profissional para agregar valor à marca.

É no segundo grupo que ficam os clientes da startup Congresse.me, que inclui no orçamento uma consultoria com orientações sobre a formatação da atividade, o procedimento dos convidados e a roteirização. As empresas clientes podem se beneficiar ainda de potenciais clientes entre os mais de dois milhões de inscritos na plataforma da startup e fazer um planejamento de divulgação com foco em marketing.

— A proliferação dos eventos on-line fez as pessoas se cansarem do mesmo formato. Esse desgaste leva empresas e organizações, preocupadas com a geração de conteúdo relevante e de qualidade profissional, a repensar suas estratégias e contratar um serviço especializado. Por isso, a demanda cresce de forma orgânica e sustentável — explica Luiz Gustavo Borges, CEO e cofundador da Congresse.me, que participou da realização de um congresso da Unesco, transmitido em quatro idiomas.

DEMANDA CORPORATIVA

Outra pesquisa feita pela IbisWorld, especializada em pesquisa de mercado, estima que o setor de organização de eventos corporativos pode crescer até 4,5% até o fim deste ano.

ESTÚDIOS EM HOTÉIS

Enquanto a Congresse.me nasceu com o objetivo de fazer transmissões on-line, outras empresas de eventos investiram no formato pela necessidade de se adaptar às mudanças impostas pela pandemia. Foi caso da ComArt Eventos, que, para socorrer seus clientes naquele período, transformou espaços de hotéis em estúdios para que os *webinars* ocorressem de forma segura, mas com a qualidade de um programa de TV.

Com o tempo, os encontros virtuais foram ganhando produção melhor e parceiros que se somam aos projetos. São recursos que encarecem o evento, mas, dependendo do convidado ou do executivo da empresa que se pronuncia, levar ao ar um programa com falhas técnicas pode ser um tiro no pé.

Além de equipamentos de som, imagem e iluminação, uma conexão de internet de alta velocidade e com backups para eventuais interrupções compõe um conjunto caro em relação ao uso das webcams em plataformas como Zoom, Teams ou Meets, mas a qualidade da produção tende a compensar o investimento.

— Na pandemia e mesmo depois, era comum as empresas deixarem os eventos virtuais a cargo dos departamentos de marketing, que sequer tinham orçamento para isso. Os funcionários se viraram, mas não dá para colocar no ar vídeos com um convidado de peso sem oferecer um bom resultado técnico. Eventos sem falhas exigem profissionais especializados. E a demanda cresce por isso, principalmente em eventos híbridos — conta a diretora da ComArt, Cláudia Comar.

A sofisticação dos eventos também gera demanda para a Prima Estúdio. A cada ação promovida por uma empresa, surgem novos desafios que exigem o aluguel de um equipamento ou a contratação de um parceiro especializado para complementar os serviços. Uma multinacional, por exemplo, decidiu transmitir um evento realizado no Brasil para diversas unidades com convidados na América Latina. São situações que demandam a presença de profissionais em diversos lugares.

— Com a pandemia, muitas empresas tiveram que investir em melhorias na infraestrutura de TI, o que já ajuda bastante. Mas a decisão de contratar uma produtora especializada ainda depende da percepção de que produzir uma transmissão com qualidade resulta em vídeos que geram valor para os públicos interno e externo — argumenta o diretor da Prima Estúdio, Rubens Meyer.

Exposição de objetos de arte é destaque na semana

Agenda tem ainda ofertas de vários imóveis residenciais e comerciais, galpão e veículos multimarcas

Uma exposição de objetos de arte, peças de decoração, prataria, antiguidades e quadros de artistas de renome, entre outros itens, organizada por Roberto Haddad de quarta a sexta-feira, das 10h às 18h, é o destaque da agenda desta semana. As peças irão a leilão na semana que vem, a partir de segunda-feira, às 15h.

As ofertas de imóveis começam hoje, às 12h, pelo martelo de Jonas Rymer, que comanda pregão de apartamentos na Barra da Tijuca (R$ 1,6 milhão), em Santa Teresa (408,3 mil) e em Madureira (R$ 272,2 mil), além de cobertura duplex na Tijuca (R$ 390 mil), casa de 704 metros quadrados na Gávea (R$ 7,5 milhões) e sala comercial em São Cristóvão (R$ 121,9 mil). No mesmo leilão, ele oferta apartamentos em Icaraí (R$ 509,6 mil) e em Santa Rosa (R$ 1,17 milhão), bairros de Niterói. Os bens não arrematados voltarão a pregão na quinta-feira desta semana, no mesmo horário.

Hoje, quarta e quinta-feira, às 14h, Rogério Menezes organiza seus tradicionais leilões de veículos multimarcas, com 240 unidades de bancos e seguradoras. O primeiro pregão será on-line, os demais, on-line e presenciais.

Na quarta-feira, às 14h, De Paula estará à frente do pregão de galpão com 2,1 mil metros quadrados em Vigário Geral.

ROBERTO HADDAD/DIVULGAÇÃO

"Composição". Óleo sobre tela de Manabu Mabe, assinado e com certificado, vai a pregão na semana que vem

Paulo Botelho oferta em seu site imóveis que já estão recebendo lances: casa (R$ 4 milhões) e terreno (R$ 4,7 milhões) em Búzios, apartamentos em Jacarepaguá (R$ 900 mil), no Leme (R$ 6,4 milhões), na Tijuca (R$ 784,5 mil), na Barra da Tijuca (R$ 680 mil), em Copacabana (R$ 850 mil) e em Laranjeiras (R$ 980 mil), além de um clube na Penha Circular (R$ 5 milhões). Os leilões desses imóveis terão início na terça-feira que vem.

Ao longo da semana, Cristina Goston fará captação de objetos de arte, itens de decoração e antiguidades para a sua próxima temporada de leilões, que terá início na próxima semana. Horácio Ernani está em processo de catalogação das peças para seus próximos leilões de arte, livros e colecionismo, de gibis raros e colecionáveis e de miniaturas.

CAMPO Grande. Casa 15, da R.Dezesseis, Conjunto Campinho, Campo Grande/RJ, c/ 120m2 de terreno e 188m2 construídos. Leilão Judicial 38vc 0009569-19.2019.8.19.0001. Dia 09/04-15h pela avaliação. Dia 11/04-15h, acima de R$175mil. Leiloeiro Onildo Bastos- Tel. 96687-6276. onildobastos.com.br

Leilão

RIO Comprido. Apto.1105, bloco.1, do Cond.Edifício Jardim Tijuca- R.Aristides Lobo, 109, de fundos, 70m2, vaga, prédio c/piscina, churrasqueira, salão. Leilão Judicial 15vc 0035817-84.2004.8.19.0001. Dia 09/04- 13h pela avaliação. Dia 11/04- 13h, acima de R$ 141.392,09. Leiloeiro Onildo Bastos- Tel.96687-6276. onildobastos.com.br

Empréstimos e Finanças

Aviso

Antes de solicitar um empréstimo ou efetuar uma transação comercial, verifique a idoneidade de quem está negociando, pedindo documentos que identifiquem o fornecedor.

Negócios Diversos

Leonel CONSÓRCIOS

CONSÓRCIO Atenção! Compramos/ vendemos/ trocamos, contemplados/ não, mesmo atrasado/cancelado. Cobrimos ofertas. Autos/Utilitários/Imóveis/ Capital de giro...Melhores preços, vários planos. Leonel Consórcios 40anos!!! E-mail: leonelconsorcios@hotmail.com Tel.:(0xx21) 99695-1897 (whatsApp)/ (0xx21)97012-3333(whatsApp)/ (0xx21)96423-1303 (whatsApp). www.leonelconsorcios.com.br

O NA WEB
ELEIÇÕES MUNICIPAIS NA TURQUIA
Oposição conquista Ancara e Istambul
Prefeito reeleito é um dos nomes mais fortes em eventual disputa contra Erdogan
PARA ACESSAR APONTE O CELULAR PARA O QR CODE

BRANDON BELL/GETTY IMAGES/AFP/26-3-2024

Barreira. Migrante na fronteira do Texas; Trump relaciona recorde na entrada irregular com aumento da criminalidade

CLIMA ELEITORAL

Nos EUA, brasileiros sofrem com crescente sentimento anti-imigração

EXPATRIADOS DO BRASIL

EDUARDO GRAÇA
Enviado especial
eduardo.graca@oglobo.com.br
NEWARK, EUA

Em 18 anos em Newark, este é o momento mais crítico para imigrantes sem documentos nos EUA. A frase é de Solange Paizante, coordenadora da Mantena Global Care, referência no acolhimento de brasileiros na maior comunidade com cidadãos oriundos do país nas cercanias de Nova York. No começo do mês, 120 pessoas eram auxiliadas diariamente pela ONG, 40% delas vindas do Brasil e 60% de outros países da América Latina, notadamente a Venezuela.

— As pessoas chegam com malas, mas sem documento, contato ou lugar para ficar. Os abrigos públicos não dão vazão, e o preço do aluguel, desde a pandemia, disparou. Não é hora de os brasileiros virem para cá sem documentos, mas a cada dia aparece mais gente — lamenta Solange, mineira de 57 anos, que chegou ao país, de forma legal, no começo do século.

Há ainda o agravante de os EUA viverem disputa acirrada entre democratas e republicanos pela Casa Branca. E, em situação irregular ou não, quem vem de fora se tornou protagonista das eleições de novembro, após a entrada recorde de pessoas não-documentadas pela fronteira com o México durante o governo Joe Biden. Seu principal adversário na briga pela reeleição, o ex-presidente Donald Trump, usa o discurso anti-imigrante como um dos carros-chefe de sua campanha. As pesquisas mostram que tem dado certo.

Com 50 mil pessoas de origem brasileira — ou quase 20% do total —, Newark fica a mais de 4 mil quilômetros da fronteira sul do país, mas sofre os efeitos sociais, econômicos e políticos do aumento recente de imigrantes. Cidade mais populosa de Nova Jersey, é uma das mais antigas dos EUA, fundada por puritanos ingleses no século XVII, eles próprios imigrantes. Abriga um dos três principais aeroportos da região da Grande Nova York e outro de seus trunfos é a proximidade da maior metrópole do país: uma corrida de trem da Mantena, no bairro de Ironbound, à Penn Station, no coração de Manhattan, dá 40 minutos. Com economia diversificada, absorve pessoas em situação irregular desde a limpeza de empresas à construção civil.

SEM MORADIA

Newark é, como Nova York, uma cidade-santuário. Em seus limites, a polícia não persegue os imigrantes, que podem, inclusive, tirar a carteira de motorista. O prefeito de Nova York, no entanto, um democrata moderado, já se manifestou em defesa de uma revogação desse status, o que afetaria, frisa Solange, os imigrantes brasileiros que trabalham na metrópole vizinha.

Somados, os estados de New Jersey e Nova York têm a terceira maior população de brasileiros nos EUA, onde, segundo dados de 2022 do Ministério de Relações Exteriores, vivem 1,9 milhão de cidadãos do país — ou a maioria dos expatriados do Brasil.

Não se passa fome em Newark, mas não há moradia para os recém-chegados. Credenciada pela Imigração americana, a ONG conta com seis psicólogas, que tratam desde o trauma causado na travessia pelo deserto até casos de violência doméstica. Mas um dos focos centrais hoje da Mantena, que também funciona como agência informal de empregos, é evitar que os latino-americanos engrossem a crescente população sem-teto da Grande Nova York.

No dia em que a reportagem do GLOBO esteve na cidade, um imigrante de Minas Gerais que havia entrado em fevereiro pela fronteira do México finalmente respirava aliviado. Uma vaquinha comandada por um cabeleireiro local conseguira US$ 480 (cerca de R$ 2,4 mil) para o aluguel de um quarto. Por um mês, além das refeições na ONG, ele teria teto. O preço foi camarada, pois a senhoria é brasileira. Em Newark, um apartamento pequeno de dois quartos não sai por menos de US$ 1,8 mil/mês (cerca de R$ 9 mil) e os recém-chegados, por conta dos preços proibitivos, têm sido empurrados para endereços cada vez mais distantes do centro.

FOTOS DE EDUARDO GRAÇA

Eleição. Brasileira Claudia Gil: família votará em Trump

Sonho americano. Salvatore entrou sem documentos

R$ 120 MIL A COIOTE

Waghiston Salvatore, de 25 anos, cujo nome se pronuncia como o do primeiro presidente dos EUA, chegou do Espírito Santo em dezembro. Veio pela fronteira e aluga um quarto por US$ 750/mês (cerca de R$ 3.750). Pagou R$ 120 mil a um coiote brasileiro e chegou ao México em cinco dias, desde o Aeroporto de Guarulhos, em São Paulo.

— Passei por Guatemala, El Salvador e México. Andei de avião, barco, trem, micro-ônibus, ônibus e carro de boi. Vi adolescentes de 16 anos segurando fuzil. Mas era tudo organizado, jamais me senti em perigo real — conta.

O pior momento da viagem, relata, foi em território americano. Waghiston cruzou o Rio Grande e viveu, durante cinco dias, em um dos três acampamentos montados por imigrantes sem documentos na Califórnia, na fronteira sul:

— É quando não se pode nem ir pra frente, nem retornar. O deserto é um gelo. Não tem banheiro, comida, água, fica-se à espera das vans da polícia da fronteira, com capacidade para 24 pessoas. Como a prioridade são mulheres e crianças, fiquei cinco dias no limbo. Quase enlouqueci.

Waghiston, que trabalhava no Brasil em um escritório da Ambev, teve seu visto de turista negado pelo Consulado Americano do Rio. Juntou então, por um ano, "com a ajuda dos meus pais", a quantia pedida pelo coiote. Também guardou o valor de uma passagem da Califórnia para Newark.

RETÓRICA VAZIA

No acampamento, relata, um americano dirigindo um carro gritou ao grupo: "Vocês não são bem-vindos!". O brasileiro crê não ser esta a última vez em que será atacado ("Eles têm medo que a gente roube os empregos deles, né?"). Mas, três meses após chegar em Newark, trabalha em uma funerária e, "apesar da imensa saudade dos pais", acredita que fará a América. Sua audiência na Justiça para conquistar o direito de seguir no país está marcada para este mês.

O medo de que fala Waghiston, mostram os números oficiais, é retórica vazia em economia com desemprego de 4% e postos de trabalho dependentes de mão de obra estrangeira. Mas em uma campanha em que o tema se tornou primordial, os republicanos, sem base real, vêm criticando a política migratória do governo Biden ao conectar o aumento recorde da entrada de pessoas sem documentos com a percepção de maior criminalidade. Em comícios, Donald Trump caracteriza "essas pessoas que envenenam o sangue dos americanos" como "animais". E se vangloria de ter popularizado o termo "crime de imigrantes" para casos de violência em que os acusados são estrangeiros em situação irregular.

Discurso com aceitação até mesmo entre as próprias comunidades de imigrantes país afora. Na mesma Mantena, a voluntária brasileira Claudia Gil, 51, que vive no país legalmente, relatou caso recente de violência cometido por pessoa sem documentos em Boston. E seu efeito direto:

— Não sofro com o preconceito, mas com o aumento da criminalidade. A maioria dos que entram sem documentos é gente boa, mas Biden não controla a fronteira e estamos mais inseguros. Não voto, mas parte de minha família aqui sim, e, por isso, além do alto custo de vida, votarão em Trump.

Brasileiros aceitam privações na busca pelo sonho americano

Imigrantes em situação irregular trocaram vida de classe média por empregos nas áreas de construção civil e limpeza

EXPATRIADOS DO BRASIL

LUCIANA ROSA
Especial para O GLOBO
internacio@oglobo.com.br
NOVA YORK

Já faz 15 anos que Junior Pena, de 39 anos, escolheu o caminho mais difícil entre Minas Gerais e "uma vida melhor". Durante três meses, ele atravessou uma floresta na Guatemala, um deserto mexicano e as águas turvas que banham a fronteira sul dos EUA antes de unir-se a milhares de brasileiros e pessoas de outras nacionalidades que entram em território americano sem documentos — em dezembro do ano passado, o país registrou o recorde histórico de mais 370 mil cruzamentos irregulares a partir do México.

— Na fronteira do Texas, onde a gente tinha que atravessar só o deserto mesmo, foi tenebroso — relembra o mineiro. — A gente passou fome, sede, tinha um grupo de pessoas querendo desistir, coiote usando muitas drogas pra ficar acordado, e a gente sofre, mas todo mundo sofre [nessa situação]. Não tem jeito!

MOTIVAÇÃO ECONÔMICA

Desde que chegou, em 2009, Júnior permanece no país em situação irregular — primeiro trabalhando com construção e hoje instalando pisos de madeira — e, no TikTok, conta a mais de um milhão de seguidores como é a vida real nos Estados Unidos a partir de entrevistas com outros brasileiros que moram em Long Branch, no estado de Nova Jersey.

Uma delas é a baiana de Salvador Liliane Nunes, de 26 anos, que rapidamente entendeu que a maior potência econômica mundial — destino favorito dos expatriados do Brasil, que somam 1,9 milhão no país — não dá de bandeja o sonho americano mesmo àqueles que entram de forma regular.

Após a pandemia, Liliane resolveu entrar em um programa chamado Au Pair, um tipo de intercâmbio que mistura a prática do idioma com o trabalho como babá no exterior. Ela investiu cerca de R$ 10 mil entre passagens e documentos e, em maio de 2022, começou sua nova vida em uma casa de família em Middletown, em Connecticut.

— Você tem que ter entre 18 e 26 anos para embarcar. Não pode ser casada, não pode ter filhos e normalmente precisa ter algum tipo de formação extra também — explica ela, que é formada em psicologia.

Embora ela tenha tido uma primeira boa impressão da família que a recebeu, logo sentiu os entraves de morar em uma zona de subúrbio sem rede de transporte, em que a vida sem carro ou dinheiro suficiente para comprá-lo limita o ir e vir e cria uma dependência dos empregadores. Além disso, conta Liliane, a família exigia dela mais do que o previsto em contrato, desatando crescentes conflitos que acabaram com sua expulsão.

— Quando falei que não queria renovar com essa família, fui expulsa da casa deles às 21h30, em uma noite fria, terrível — relembra.

Atualmente, Liliane possui um carro em Long Branch, mas, em um limbo legal, trabalha como professora de inglês enquanto tenta regularizar sua situação.

Hanna Krispin, advogada que ajuda imigrantes a regularizar sua situação nos EUA há mais de 20 anos, diz que pessoas que "pensam que vão poder pedir asilo" são uma parte do alto número de brasileiros que passaram a cruzar a fronteira desde 2019, com o recorde sendo atingindo em 2021, quando 80.610 cidadãos do Brasil foram apreendidos ao tentar entrar no país. Mas a motivação econômica continua sendo a principal para a decisão de mudar.

— O termo que ainda podemos usar é o sonho americano. A perspectiva de que você aqui vai trabalhar, poder melhorar de vida e prover uma vida melhor, não só para você, mas para seus familiares.

FOTOS DE ARQUIVO PESSOAL

Au pair. A soteropolitana Liliane Nunes durante visita a Times Square, em Nova York: jovem migrou como babá

PAPEL DAS IGREJAS

Concentrados em sua maioria nas áreas metropolitanas de Miami, na Flórida; Boston, em Massachusetts; e na cidade de Nova York, no estado homônimo, muitos dos brasileiros que trocam uma vida de classe média no Brasil por empregos nas áreas de construção civil e limpeza doméstica encontram um senso de comunidade em igrejas evangélicas brasileiras que se espalharam pelos EUA, onde se prega em português e é possível conseguir ajuda para encontrar desde casa até trabalho.

Um deles é o paulista Geovanne Danioti, de 27 anos, que diz desfrutar nos EUA de uma vida tranquila, "como se estivesse no interior de São Paulo". Ele resolveu que era hora de deixar São Roque em 2020, quando perdeu o emprego de comissário de bordo durante a crise aérea da pandemia. A ideia inicial foi passar três meses na Flórida, onde a fluência do inglês é quase dispensável pela grande quantidade de falantes de espanhol. Foi no primeiro trabalho com serviços gerais em um hotel de Orlando que ele conheceu sua mulher, Diovana.

Em família. Geovanne Danioti com a esposa, Diovana, e os dois filhos

Depois de dizer adeus ao calor da Flórida, Geovanne hoje frequenta com a mulher e os dois filhos pequenos uma igreja no frio de Salt Lake City, no estado de Utah. Diovana, que imigrou aos 15 anos, obteve a cidadania quando a mãe conseguiu o green card após se casar com um americano, e agora poderá assegurar ao companheiro a legalidade.

Mas, como o processo até o visto é longo, Geovanne conta que esteve a ponto de desistir pelo mal mais comum a quem resolve deixar o Brasil: a saudade, principalmente enquanto acompanhava de longe uma doença cardíaca do pai e a deterioração da saúde da mãe. Mas, após uma melhora no quadro de ambos, ele decidiu, então, esperar a regularização para viajar ao Brasil.

Situação similar viveu Junior Pena, que pôde ajudar a bancar tratamentos caros de saúde da família com o dinheiro ganho nos EUA, mas teve de acompanhar o funeral do pai por videochamada ao decidir não viajar ao Brasil pelo risco de depois não poder regressar aos EUA pela falta de documentos.

— A única coisa que eu não posso fazer é ir ao Brasil, sabe? Porque, se eu for, depois eu não posso voltar. Mas, fora isso, eu vivo como um cidadão americano.

Milhares voltam às ruas em Israel contra Netanyahu

Manifestantes pedem libertação de reféns, eleições para Parlamento e renúncia do premier, em maior protesto desde outubro

TEL AVIV

Dezenas de milhares de manifestantes israelenses saíram às ruas ontem, pelo segundo dia consecutivo, exigindo a libertação de todos os reféns detidos na Faixa de Gaza, a realização de novas eleições para o Parlamento e a destituição do primeiro-ministro Benjamin Netanyahu, que operou com sucesso uma hérnia diagnosticada no sábado.

Os manifestantes se reuniram em frente ao Knesset, centro do Poder Legislativo do país, e bloquearam a principal estrada de Jerusalém. Segundo os organizadores, cem mil pessoas participaram dos atos ontem, o maior número desde o início do conflito com o grupo terrorista Hamas, em outubro. Muitas delas armaram tendas nos arredores do Knesset, prometendo continuar as manifestações no local até quarta-feira.

Na noite de sábado, já haviam sido registrados protestos maciços em Tel Aviv, Cesareia, Jerusalém, Raanana e Herzliya. A capital tem sido palco de manifestações semanais que pedem que o governo chegue a um acordo de cessar-fogo para libertar os reféns mantidos em Gaza, mas os protestos vêm crescendo à medida que a guerra se arrasta e a raiva contra o governo de Netanyahu aumenta.

Ontem, pais de soldados mantidas como reféns se reuniram com o premier, mas o balanço final do encontro foi, segundo eles, frustrante:

— Depois de seis meses, esperávamos e esperamos receber um pouco de ar e boas notícias sobre o progresso nas negociações, mas infelizmente não recebemos — disse o pai da refém Naama Levy, Yoni, em entrevista à rádio das Forças Armadas de Israel. — Tínhamos muitas expectativas para essa reunião, mas, infelizmente, para nós e para os reféns, não houve boas notícias.

'EXIGÊNCIAS DELIRANTES'

No fim da noite, o Gabinete do primeiro-ministro anunciou que a cirurgia terminou com sucesso e que Netanyahu "estava em boas condições". Em coletiva de imprensa antes de partir para o hospital, premier rebateu os clamores dos manifestantes pela realização de novas eleições gerais. Segundo ele, um pleito neste momento beneficiaria o Hamas.

— Isso paralisaria as negociações para a libertação de nossos reféns e poria fim à guerra antes que os objetivos fossem completamente alcançados. O primeiro a se beneficiar é o Hamas, e isso diz tudo — disse Netanyahu, reafirmando a promessa de trazer todos os reféns de volta, "homens e mulheres, civis e soldados, os vivos e as vítimas". — Não deixarei ninguém para trás.

AHMAD GHARABLI/AFP/31-3-2024

Revolta. Multidão protesta em Jerusalém no domingo de Páscoa

Netanyahu também anunciou uma nova ofensiva em Rafah, na fronteira com o Egito, último refúgio de grande parte da população de Gaza. Questionado sobre as negociações com o grupo terrorista para libertar os reféns que ainda estão no enclave, Netanyahu afirmou que "nem todas as exigências" devem ser atendidas.

— Não estou interessado em parecer que estou me esforçando [para recuperar os reféns], mas em ter sucesso [nisso] — disse. — Nem todas as exigências feitas pelo Hamas, algumas das quais são delirantes e muito perigosas, precisam ser aceitas.

Ontem, Osama Hamdan, um dos dirigentes do Hamas no Líbano, declarou que não houve qualquer progresso nas negociações para a entrega dos reféns. Em entrevista ao canal de TV catari al-Jazeera, Hamdan afirmou que Israel está procrastinando nas respostas e não estabeleceu nenhum compromisso com os mediadores para viabilizar a questão.

CLAMOR DO VATICANO

Mais cedo, em sua missa tradicional de Páscoa, o Papa Francisco denunciou que a "guerra é sempre um absurdo".

— Reitero meu apelo para garantir a possibilidade de acesso humanitário a Gaza, pedindo mais uma vez a rápida libertação dos reféns sequestrados e um cessar-fogo imediato na Faixa de Gaza.

No enclave, um bombardeio israelense contra o hospital de al-Aqsa deixou quatro mortos e 17 feridos, segundo a Organização Mundial da Saúde.

Esportes

NA WEB
CAMPEONATO INGLÊS
Liverpool assume a liderança
Empate entre Manchester City e Arsenal favorece o time de Jürgen Klopp
PARA ACESSAR APONTE O CELULAR PARA O QR CODE

RODRIGO CAPELO

Twitter: @rodrigocapelo

A distorção nos direitos de TV

O futebol brasileiro se meteu numa enrascada. Tanto se falou na criação da liga de clubes, tanto se brigou para que reduzisse o desequilíbrio na distribuição do dinheiro da televisão, o cenário atual aponta para um desfecho que não cumpre nem uma coisa, nem outra. Se a turma não dedicar tempo e boa vontade para resolver os problemas criados pela disputa entre Libra e Liga Forte União, vamos acabar sem liga e com mais desigualdade. Mas ainda dá para resolver.

O cerne da questão está nos lugares distintos em que os dirigentes foram parar. A Libra queria vender 20% de suas receitas futuras para o Mubadala, mas o fundo de investimentos queria tantas contrapartidas — até os gandulas virariam uma propriedade de comercial dos árabes! —, que acabou irritando os cartolas e brecando o negócio. Já a LFU queria vender 20% de suas receitas para os investidores coordenados por XP e Life Capital Partners e conseguiu fechar.

Já nos direitos de transmissão propriamente ditos, a Libra assinou contrato com a Globo e já está recebendo antecipação de parte da verba. As partidas de mandante de seus clubes passarão na emissora entre 2025 e 2029. A LFU agora está no mercado pegando propostas de grupos de mídia para vender seus direitos. Ou seja, um bloco vendeu os direitos, mas nenhum percentual sobre receitas futuras, enquanto o outro fez exatamente o contrário. Uma bagunça.

Em termos práticos, por que essa discrepância é negativa para o futebol? A dupla gaúcha é o exemplo mais emblemático em relação à divisão do dinheiro. Grêmio e Internacional, que sempre faturaram mais ou menos a mesma coisa da televisão, ficaram assim: o Grêmio manteve 100% de suas receitas futuras e já fechou com a Globo, enquanto o Internacional tem apenas 80%, pois já cedeu 20% para investidores, e ainda está sem parceiro para a exibição.

> ***O futebol brasileiro precisa sair da enrascada em que se meteu. Quem sabe, ainda dá para sonhar com a liga***

Digamos que a LFU consiga o improvável no mercado de mídia e feche contratos pelo mesmo valor que a Libra. Se o Grêmio arrecadar R$ 100 milhões por ano, chutando um número hipotético, o Inter receberá R$ 80 milhões. Quantos jogadores o lado azul do Rio Grande do Sul consegue pagar com essa diferença? Agora considere que o contrato colorado com seus investidores é de 50 anos. Distorções assim estão espalhadas em todos os estados brasileiros.

Ainda dá para arrumar. Como medida emergencial, a LFU precisa reduzir o percentual que vendeu para investidores. A ideia inicial era ceder 20%. Até este momento, após o primeiro pagamento, Botafogo e Cruzeiro receberam o dinheiro equivalente a 10%, enquanto Vasco, Fluminense, Inter e demais integrantes da Série A venderam 12%. É necessário frear o negócio aí. Sentar-se com os investidores, concluir que 20% é muito e brecar o contrato nos percentuais já pagos.

Em seguida, as conversas entre Libra e LFU — que já estão rolando! — precisam chegar a um modelo que aproxime percentuais. Flamengo e Palmeiras não querem vender nada, pois não estão desesperados por dinheiro imediato? Deve haver meio termo que os agrade. Assim como Atlético-MG, Bahia, Red Bull Bragantino, Santos e Corinthians, cada um à sua maneira. O futebol brasileiro precisa sair da enrascada em que se meteu. Quem sabe, ainda dá para sonhar com a liga.

As boas novidades de um título já esperado

Botafogo volta a vencer o Boavista e confirma conquista da Taça Rio e presença na Copa do Brasil de 2025. Mas destaques da noite foram as voltas de Luiz Henrique e de Patrick de Paula, que chorou após 13 meses afastado

RAFAEL OLIVEIRA
rafael.oliveira@extra.inf.br

Após os 2 a 0 do Botafogo sobre o Boavista (6 a 0 no placar agregado), ontem, no Nilton Santos, era possível ver funcionários do clube orientando os jogadores sobre como se portar na hora de receber a medalha e o troféu da Taça Rio. Não se sabe ao certo se a recomendação era para evitar uma empolgação exagerada ou o contrário: não ser indiferente demais e parecer esnobe. De toda forma, estava claro que a conquista em si era o menos relevante.

Não que ela não tivesse valor algum. O minitorneio não era prêmio de consolação. Valia a quinta vaga do Campeonato Carioca para a Copa do Brasil do ano seguinte. Agora, o Botafogo se junta a outros 18 clubes da Série A que já confirmaram presença na edição 2025 do multicampeão torneio. O único ainda não garantido é o Corinthians, eliminado precocemente do Paulista.

Com a disputa já resolvida no primeiro jogo, Fábio Matias levou a campo ontem atletas que não fazem parte atualmente do time titular. E é aí que se encontra o maior destaque da partida: o retorno de nomes importantes que estavam no departamento médico.

Quem teve mais minutos em campo foi Luiz Henrique. Maior contratação da história do Botafogo, o atacante não jogava desde o duelo com o Volta Redonda, no dia 14 de fevereiro. Atuou por todo o primeiro tempo. Foi a etapa de pior atuação do time, mas não por culpa dele. O badalado reforço foi bastante acionado pelo corredor direito, driblou e deu bons passes. Só que era um dos únicos que não estavam mal em campo. Ainda assim, deu sinais do que pode apresentar quando recuperar o ritmo de jogo. E agora com a mítica camisa 7, vaga desde a saída de Victor Sá:

— Estou feliz com essa camisa 7. Do Garrincha, que fez história com o Botafogo. Eu também quero deixar minha história aqui.

O outro retorno jogou menos, mas garantiu o momento mais emocionante da noite. Depois de 13 meses recuperando-se de múltiplas lesões no joelho esquerdo, Patrick de Paula disputou uma partida pela primeira vez. Entrou aos 23 da etapa final, correu, não evitou disputas e quase deixou seu gol. Ao som do apito final, foi às lágrimas.

Os gols saíram no segundo tempo, quando a equipe de fato se mostrou mais organizada. Aos 3 minutos, Tchê Tchê abriu o placar de pênalti. Aos 11, Kauê ampliou.

O Botafogo agora voltas as atenções para a fase de grupos da Libertadores. Na quarta-feira, recebe o Junior-COL, no que deve ser o último jogo de Fábio Matias no comando. O português Artur Jorge, esperado no Rio amanhã, pode fazer sua estreia no dia 11, contra a LDU, em Quito-EQU.

VITOR SILVA/BOTAFOGO

Abriu os caminhos. Jogadores do Botafogo festejam Tchê Tchê após ele marcar, de pênalti, o primeiro gol do alvinegro sobre o Boavista, no Nilton Santos

2 — **0**

Botafogo
Igo Gabriel, Rafael (Damián Suárez), Bastos, Kawan e Devid; Breno (Newton), Tchê Tchê, Kauê (Patrick de Paula) e Raí; Luiz Henrique (Jeffinho) e Matheus Nascimento (Janderson). Técnico: Fábio Matias.

Boavista
André Luiz, M. Ludke, Sheldon, Mizael Monteiro, Pablo Maldini e Wellington (Elivelton); W. Oliveira, Léo Costa (Erick Flores), R. Guilherme (M. Alessandro) e Crystopher; Matheus Lucas (Cristian). Técnico: José Quadros.

Gols: 2T: Tchê Tchê, aos 3, e Kauê, aos 11 minutos. **Árbitro:** Yuri Elino Ferreira da Cruz. **Cartões amarelos:** Luiz Henrique (BOT); William Oliveira, Wellington e André Luiz (BVT). **Público:** 5.434 pagantes, 6.514 presentes. **Renda:** R$ 126.200,00. **Local:** Estádio Nilton Santos.

Jade Barbosa conquista ouro inédito na Copa do Mundo

Ginástica brasileira deixa etapa de Antalya-TUR com quatro medalhas

ANTALYA, TURQUIA

Em busca da terceira Olimpíada da carreira, Jade Barbosa mostrou que está pronta para Paris-2024. A pouco menos de três meses do início dos Jogos, a brasileira conquistou ontem o ouro no solo na etapa da Turquia da Copa do Mundo de ginástica artística. O brilho veio com uma apresentação nova, sob o som da cantora pop Britney Spears.

A música escolhida foi “Baby one more time”, um clássico da artista dos Estados Unidos. A apresentação recebeu nota 13.833. Duas francesas completaram o pódio: Morganie Ramer ficou com a medalha de prata (13.667) e Melanie dos Santos foi bronze (13.600).

Definitivamente, não foi uma medalha qualquer. Jade conquistou seu primeiro ouro no solo em uma etapa de Copa do Mundo. Ela já havia conseguido três pratas: nas cidades alemãs de Stuttgart, em 2007, e Cottbus, em 2018, e na capital francesa, no ano passado.

A música escolhida carrega certo simbolismo, já que a tradução é “Baby, uma vez mais”. Aos 32 anos, Jade ainda não está oficializada em Paris-2024. Mas é nome dado como certo. Afinal, foi peça importante do quinteto que conquistou a vaga para o Brasil na disputa por equipes femininas. E vem demonstrando estar no auge da performance.

A ginástica brasileira ganhou mais medalhas em Antalya. Flávia Saraiva foi prata na trave. Com a nota 14.000, só ficou atrás da chinesa Sun Xinyi (14.267). A taiwanesa Yang Ko-Wen foi bronze (13.300).

A outra medalha das mulheres foi da principal ginasta do país na atualidade. Rebeca Andrade levou a prata nas barras assimétricas. O ouro passou perto. Ela errou uma das piruetas de sua série original, o que a obrigou a mudar a composição do resto da prova. Recebeu 14.067, ficando atrás apenas da francesa Melanie dos Santos (14.567). O bronze foi para a britânica Georgia-Mae Fenton (12.900).

Assim como Jade, Flávia e Rebeca são nomes certos em Paris-2024. Mesmo caso de Diogo Soares, que ficou com a prata na barra fixa. Ele recebeu a nota 13.800. O ouro foi para o espanhol Joel Plata (14.000). Já o bronze foi do ginasta da casa, Mert Klicer, com 13.700.

A vaga de Diogo em Paris, no entanto, é exclusiva dele, já que sua classificação foi obtida no individual geral. Ele foi 10º colocado no Mundial de Birmingham, na Inglaterra, no ano passado. Já a equipe masculina brasileira não conseguiu garantir presença nos Jogos Olímpicos deste ano.

CBG/DIVULGAÇÃO

Finalistas. Diogo, Rebeca, Flávia, Jade e Lorrane Oliveira na etapa da Turquia

RODRIGO CAPELO
Como salvar a liga de uma enrascada
PÁGINA 21

TÍTULO E VAGA NA COPA DO BRASIL
Botafogo vence e leva a Taça Rio
PÁGINA 21

HISTÓRIAS PELO BRASIL

Finais dos Estaduais indicam favoritismos, mas guardam emoções para jogos de volta

VITOR SETA
vitor.seta@extra.inf.br

O futebol brasileiro entrou de vez em ritmo de decisão. O último fim de semana trouxe 15 finais de campeonatos estaduais pelo país, todas com os jogos de volta marcados para os próximos sábado ou domingo. Para quem gosta de emoção, foram poucas as finais com definições claras — em teoria — já nas partidas de ida.

Que o diga o Palmeiras, que precisará da terceira virada seguida em finais de Estadual (como fez contra São Paulo e Água Santa) se quiser ser tricampeão paulista. Sob os olhos de Neymar — que também carregou a taça — na Vila Belmiro, o Santos fez jogo duro, e Otero, de cabeça, garantiu a vitória por 1 a 0 para o Peixe. O time, em ano de reestruturação após a queda para a Série B no Brasileiro, tenta ser campeão paulista pela primeira vez desde 2016.

Mas a missão está longe de encaminhada. Se ontem o time de Fábio Carille quebrou a invencibilidade do rival na temporada, agora precisará se tornar o segundo time a não ser derrotado como visitante neste ano pelo alviverde, que voltou ao Allianz Parque no último dia 28, na semifinal contra o Novorizontino. Apenas o também rival Corinthians (empate em 2 a 2) se livrou.

— Estamos enfrentando um dos melhores times dos últimos anos, temos que ter humildade e respeito. É uma vantagem importante, mesmo a mínima é importante — pregou Carille.

Na Bahia, que nos últimos cinco anos teve dois títulos do Atlético de Alagoinhas e outros pequenos presentes em todas as decisões, o Estadual volta a ser decidido num Ba-Vi, e em jogo para ficar marcado. O Vitória, que retorna ao Brasileirão da Série A em 2024, virou para cima do Bahia no Barradão com gol de Iury Castilho já no estouro dos acréscimos.

— A gente sempre mostra que é difícil ganhar da gente aqui no Barradão, e hoje (ontem) nós provamos mais uma vez. O próximo jogo vai ser casa neutra, e vamos fazer de tudo para sair com o título — provocou o volante Rodrigo Andrade sobre o segundo duelo, na Arena Fonte Nova. O Vitória briga pelo 30º título estadual, enquanto o Bahia busca o 51º.

JEJUM PODE CRESCER

O placar mais elástico aconteceu no Rio de Janeiro, onde o Flamengo abriu 3 a 0 sobre o Nova Iguaçu, esbanjando a disparidade técnica entre as duas equipes.

— A gente sabe que é muito difícil reverter o resultado, mas quem sabe (nós possamos conseguir) uma vitória para nos despedirmos da competição com cabeça erguida e dignidade — admitiu o meia Bill, do time da Baixada, após a partida.

Muito perto de seu 38º título do Estadual, o Flamengo deve ajudar a aumentar para 59 anos o jejum de conquistas dos pequenos no Carioca, a maior marca entre os torneios locais do país.

Quem também deu mais que um passo à frente do rival foi o Sport, que venceu o Náutico nos Aflitos e se aproximou do bicampeonato estadual em Pernambuco. O Leão é o maior vencedor isolado da competição, com 44 conquistas, e abriu 2 a 0 na primeira partida.

Com o técnico Allan Aal demitido, o Náutico joga suas fichas em Otávio Augusto, treinador do sub-20 que assumirá interinamente.

Das 15 finais em disputa até aqui, 14 serão definidas nas penalidades em caso de igualdade no placar agregado. Mas o "alerta de pênaltis" não poderá ser disparado em Belo Horizonte, já que o Cruzeiro, por ter feito a melhor campanha na primeira fase, conta com a vantagem do empate sobre o rival Atlético Mineiro.

No primeiro confronto entre os dois, na Arena MRV, sobrou emoção, com dois gols do Galo no primeiro tempo e a Raposa buscando o empate já nos acréscimos, com Dinneno.

— O primeiro tempo me deixa tranquilo. Tivemos qualidade, eles compreenderam como eu quero jogar — analisou o técnico Gabriel Milito, que fez sua estreia pelo Galo na partida.

O Atlético, que busca o pentacampeonato, terá um obstáculo a mais na decisão, já que jogará no meio da semana contra o Caracas, na Venezuela, pela fase de grupos da Libertadores. Para o Cruzeiro, a vitória seria o primeiro título da gestão Ronaldo à frente da SAF do clube após o retorno à Série A.

O fim de semana também teve placares não movimentados no clássico entre Ceará e Fortaleza e na decisão do Gauchão entre Grêmio e Juventude. No Castelão, o confronto pode valer o empate em títulos estaduais ou o pulo na frente do Fortaleza, que tem 46, contra 45 do Ceará. Já no Sul, a igualdade no Alfredo Jaconi, em Caxias do Sul, tornou mais difícil para o Juventude repetir a conquista que veio pela única vez em 1998. Para o Grêmio, que agora decide em casa, o jogo vale o inédito heptacampeonato estadual.

*Vantagem do empate do Cruzeiro

EDITORIA DE ARTE

FLAMENGO

Landim: 'Estádio com ou sem SAF'

Presidente do Flamengo, Rodolfo Landim voltou a falar, em entrevista à Rádio CBN, sobre a busca do clube por um estádio próprio. Questionado sobre o modelo do negócio, o dirigente recolocou em pauta a ideia de financiamento via SAF.

— O estádio sai com ou sem SAF. A discussão que a gente vai ter é: qual a forma de fazer isso mantendo o controle da associação desportiva sobre o futebol? Não existe a menor razão para que, qualquer que seja o projeto, o Flamengo, com seus sócios, não venha a ser o controlador do seu futebol — explicou, mencionando o caso do Bayern de Munique, de venda de 25% do futebol.

FLUMINENSE

Tricolor viaja para estreia na Liberta

Atual campeão da Libertadores, o Fluminense viaja hoje para o Peru, onde enfrenta o Alianza Lima, às 21h30 de quarta-feira, pela primeira rodada válida pelo Grupo A.

O tricolor não terá força máxima para o duelo de estreia, já que o meia Paulo Henrique Ganso não se recuperou de lesão na panturrilha direita. Por outro lado, Germán Cano, atual Rei da América, deve participar.

A programação do Fluminense em Lima conta com um treinamento no CT da Federação Peruana amanhã.

Antes da viagem, o tricolor divulgou a lista de 50 nomes inscritos na fase de grupos sem o zagueiro David Braz, fora dos planos.

VASCO

Cruz-maltino quita dívida com Andrey

O Vasco deu fim a uma pendência antiga com o meia Andrey Santos, cria de sua base e atualmente no Strasbourg, da França, via empréstimo do Chelsea. Segundo o site ge, o clube efetuou o pagamento da última parcela de uma dívida de pouco mais de R$ 662 mil, contraída entre a renovação de contrato e a ida do atleta para Londres. Nesta última parcela, o Vasco pagou R$ 85.833, em valores corrigidos. O processo será encerrado em breve.

Após a venda, Andrey ainda teve uma segunda passagem por São Januário, por empréstimo. O volante, hoje com 19 anos, somou 49 jogos e nove gols pelo Vasco.

‘AGORA, QUEREMOS A HISTÓRIA DA BABÁ’

Aposta. “Por mais que se possa ganhar uma largada, remake é até perigoso. A tendência é as pessoas se decepcionarem”, diz a autora Manuela Dias

TRABALHANDO NA ADAPTAÇÃO DE ‘VALE TUDO’, NOVELA DE GILBERTO BRAGA CONSIDERADA UMA DAS MAIORES OBRAS DA TV BRASILEIRA, MANUELA DIAS VOLTA AO AR COM ‘JUSTIÇA 2’ E DIZ QUE SE INTERESSA POR ‘EXCLUÍDOS DO SISTEMA’

TALITA DUVANEL
talita.duvanel@oglobo.com.br

Há quase 30 anos escrevendo todo tipo de programa de TV, de “Zorra total” a especial de Natal da Xuxa, Manuela Dias afirma, sem apego, que “roteiro não é poesia”.

— Você tem que escrever uma *parada* que a pessoa possa filmar, né? — diz a baiana, de 46 anos, no apartamento quarto e sala transformado em escritório, no Horto, Zona Sul do Rio.

Por isso, não viu problemas quando Barreiras, no oeste da Bahia, não pôde ser cenário de “Justiça 2” — antologia que estreia no Globoplay no dia 11 — por questões logísticas. A solução, Ceilândia, região administrativa do Distrito Federal, foi apresentada pelo diretor artístico Gustavo Fernández, aprovada pela produção e também pela autora, que não se incomodou em reescrever um bocado de cenas. Desigual e fraturada como boa parte das médias e grandes cidades do país, a localidade se encaixou perfeitamente na proposta da obra:

— Os quatro primeiros capítulos contam o crime ou o ato considerado criminoso. Os personagens vão presos, depois saem da cadeia. A série é focada no que sobra da vida das pessoas depois que a Justiça morde sua parte. É aí que tudo começa — resume Manuela.

Desta vez, “Justiça 2” tem histórias de um entregador de aplicativo (o ator Juan Paiva) acusado de um crime que não cometeu; de um dono de mercado preso por abusar sexualmente da sobrinha (Murilo Benício e Alice Wegmann); de uma mãe que mata um traficante para defender a filha (Belize Pombal e Gi Fernandes); e de uma mulher que, depois de roubar um carro, é acusada também de homicídio (Nanda Costa).

Os personagens retratados na produção e o contexto em que eles aparecem fazem parte do que Manuela chama de “contraplano histórico”. É uma alusão ao termo usado no cinema para falar do ângulo de filmagem que mostra a reação a uma cena principal.

— Não queremos mais a história de princesa. Agora, queremos a história da babá. Os excluídos do sistema são maioria. Acho que “Justiça” funciona muito nesse contraplano histórico, e é o que me importa. O status quo já tem muitas vozes e não precisa da minha — diz a autora.

Em seu segundo trabalho com Manuela (o primeiro foi na minissérie “Ligações perigosas”, de 2016), Alice Wegmann enxerga essa proposta como um amadurecimento da roteirista.

— Quando a conheci, ela estava grávida da Helena — diz Alice. — De lá pra cá, sendo mãe, acho que tudo mudou para ela. A maternidade certamente reflete na escrita. Sinto que, cada vez mais, Manu entende o que precisa ser contado e para quem.

ETERNAMENTE ‘AMOR DE MÃE’

Em “Amor de mãe”, sua primeira novela autoral — e logo para o horário das 21h —, a personagem Dona Lurdes parece ter sido resultado direto desse entendimento. Interpretada por Regina Casé entre 2019 e 2021, a babá e mãe de cinco filhos resistiu ao fim do folhetim, virou estrela de comercial de banco, tema de livro (“O diário de Dona Lurdes”) e chegou, na semana passada, ao cinema com “Dona Lurdes, o filme”.

— O Brasil é um país feito por mães que criam seus filhos sozinhas. Acho que Dona Lurdes sobrevive muito por causa dessa força e por causa da força da Regina.

Apesar da importância de Lurdes no currículo da baiana, Manuela chegou a 2021 sem aguentar mais a personagem. Pudera. As duas conviveram por quatro anos: dois de concepção, dois de obra no ar. “Amor de mãe” foi uma das produções da TV Globo mais impactadas pela pandemia. Faltavam cerca de 40 capítulos para o fim quando todas as gravações foram interrompidas e “ninguém sabia o que fazer”. A novelista escreveu e reescreveu cenas centenas de vezes enquanto a direção decidia quando, como e por quanto tempo a produção voltaria.

— Contei com uma rede de apoio intensa. Era muito difícil. Tinha uma filha de 3 anos, minha casa precisou de uma obra estrutural três dias antes do *lockdown*.

Mas isso é história — que, inclusive, arrepia a autora, quando pensa que nenhum de seus mentores (Silvio de Abreu é quem ela mais cita) transpôs um obstáculo como esse. Agora, ela encara um desafio de outra natureza. Adapta “Vale tudo”, de Gilberto Braga, considerada uma das maiores obras da TV brasileira de todos os tempos, para 2025. Sobre o assunto, ela escorrega.

— Que loucura seria isso — diz, emendando a planejada frase “estou trabalhando num novo projeto desafiador”.

Mas o tema remakes, no geral, não é proibido. Ela rechaça qualquer insinuação de que a estratégia tente aplacar uma crise criativa (“há muitas histórias novas”) e frisa que sucesso do passado não é garantia de futuro promissor.

— Por mais que se possa ganhar uma largada, remake é até perigoso. A tendência é as pessoas se decepcionarem.

‘NINGUÉM PODE IMPROVISAR’, NA PÁG. 2

PRINCIPAIS TRABALHOS

> **‘Sandy & Júnior’**: o seriado adolescente estrelado pela dupla a partir do fim de 1998 foi o primeiro trabalho de Manuela na Globo.

> **‘Justiça’**: a série, cuja primeira parte foi exibida em 2016, foi a primeira história autoral dela na emissora. “Lembro de, na hora de mandar o texto, ficar muito nervosa. Não conseguia apertar ‘enviar’ no e-mail só de imaginar que o Silvio de Abreu *(autor e então diretor de dramaturgia)* ia ler algo que escrevi. Fiquei travada.”

> **‘Love film festival’**: o filme independente, rodado ao longo de cinco anos, retrata o amor de uma brasileira e um colombiano em festivais de cinema pelo mundo. A protagonista é Leandra Leal. “Foi um dos processos mais legais da minha vida” diz Leandra, “Eram nove pessoas na equipe, incluindo elenco. Ideia que ela bancou. Selamos uma grande amizade ali”.

> **‘Amor de mãe’**: sua primeira novela autoral estreou no horário mais nobre da emissora. “Na época, falei para o Silvio: ‘Vou estrear numa novela das 21h?’. Ele foi incrível comigo. E escreveu a primeira novela que vi, ‘Guerra dos sexos’ *(1983)*.”

LUIZ FERNANDO VIANNA
Especial para O GLOBO

BEATRIZ ORLE

Parceria. Alice Passos e Breno Ruiz, juntos em "Milagres": "Ele encontra melodias e harmonias que nunca foram encontradas e se liberta das coisas mais quadradas do choro", diz ela

EXPRESSO DIRETO DO SÉCULO XIX PARA O XXI

BRENO RUIZ LANÇA, COM A CANTORA ALICE PASSOS, ÁLBUM COM LETRAS DE PAULO CÉSAR PINHEIRO E GÊNEROS ANTIGOS QUE SÃO A MARCA DE SEU TRABALHO

Aos 15 anos, Breno Ruiz conheceu o compositor e produtor Rafael Altério, que viria a ser seu primeiro parceiro. Soube que ele era compadre de Ivan Lins e teve uma ideia que lhe pareceu brilhante: compor uma canção, vender para Ivan e usar os frutos do sucesso para pagar a faculdade de música. Logo percebeu que nada é tão fácil.

— O Rafael tocou uma música dele para mim, eu me emocionei, entendi que queria aquilo para a minha vida, mas que não daria dinheiro — recorda ele, hoje com 41 anos.

O estilo marcante, mas pouco comercial, do paulista nascido em Sorocaba e crescido em Itapetininga está em dois álbuns recém-lançados: "Pequenas impressões sobre o caos", de canções com o letrista Roberto Didio, e "Milagres", de parcerias com Paulo César Pinheiro na voz da carioca Alice Passos.

'É UM DISCAÇO'

É de Pinheiro a melhor definição para o trabalho de Breno: foi do século XIX para o XXI sem passar pelo XX. O pianista que estudou no célebre Conservatório de Tatuí (SP) tem boa parte de sua obra feita de lundus, maxixes, modinhas, cirandas, valsas e polcas. Ou seja, gêneros associados a tempos bastante idos.

— Paulinho *(Pinheiro)* confirmou a minha intuição, a legitimou. Ele me mostrou que não precisa flertar com a moda, não precisa fazer nada contra a sua natureza — explica.

Alice ressalta:

— O Breno tem fundamentos de Chiquinha Gonzaga, Ernesto Nazareth, mas usa isso com a digital dele. Encontra melodias e harmonias que nunca foram encontradas e se liberta das coisas mais quadradas do choro.

As 11 faixas de "Milagres" encantaram Pinheiro:

— É um discaço. O repertório é muito bom, modéstia à parte. O Breno é um compositor singular, muito diferente do que há por aí. E a Alice está ótima.

DIVULGAÇÃO

Encontros. Capa de "Milagres"

São histórias diferentes as de Alice e Breno. Ela, de 33 anos, nasceu no ramo. Filha da musicista Ignez Perdigão e do luthier Mário Jorge Passos, afilhada de Egberto Gismonti, toca flauta, violão, cavaco e é formada em arranjo pela UniRio. Conhece a fundo a história da música brasileira, como indica seu álbum dedicado à obra de Ary Barroso, de 2020 — lançado quatro anos após o primeiro, "Voz e violões".

TIO CHAMADO LUIZ GONZAGA

Breno foi estimulado pelos pais, mas o instrumentista da família era um tio chamado Luiz Gonzaga, acordeonista amador. Ele levava o sobrinho adolescente para tocar acordeom em bailes, e acabou influenciando o rapaz.

— Meu piano está muito mais para a sanfona do meu tio e para a música que ele fazia, sem saber onde era o dó, do que para o piano do Nazareth ou do Villa-Lobos — afirma ele, que estudou numa escola por onde Villa passou durante suas viagens pelo Brasil. — Ficava tocando no piano da escola imaginando que o Villa tinha tocado nele. Essa música clássica foi formando a minha música numa relação muito mais imagética e afetiva do que técnica.

Quando a gravadora Biscoito Fino a convidou para fazer um disco, Alice pensou na obra de Breno e mergulhou nas letras de Pinheiro, com as quais diz ter "magnetismo". Tudo foi gravado em junho, com Alice grávida de sete meses — Cora nasceu em agosto e é irmã de Dorival, de 9 anos.

O álbum também conta com a participação especial de Edu Lobo em "Acalanto pra quem tem filha".

— Edu, para mim, é o cara que fez a minha cabeça quando eu já estudava música — diz Breno. — Acho que eu e a Alice não estamos preocupados em reinventar a roda. O que a gente faz, do nosso lugarzinho, é tentar seguir os passos das pessoas que nos formaram: Edu, Dori *(Caymmi)*, Chico *(Buarque)*, Guinga, Egberto.

Já "Pequenas impressões sobre o caos" é um trabalho diferente, urbano, criado em parte enquanto Breno via a cracolândia se instalar perto de sua casa, em São Paulo.

— Acabou virando uma crônica — resume.

No Rio, "Milagres" será lançado em 12 de abril, no Centro da Música Carioca Artur da Távola, e em 15 de maio, na Casa do Choro.

CONTINUAÇÃO DA CAPA

'SE NÃO QUER OUVIR CRÍTICAS, NÃO SEJA ROTEIRISTA'

Durante todos os anos dedicados ao audiovisual, Manuela Dias, de pé diariamente a partir de 4h30, arranjou tempo também para literatura. Como viver e escrever, para ela, são sinônimos, percebeu que tinha vários livros prontos no computador, prontos para ganharem leitores. No ano passado, lançou três — inclusive o infantil "Berenice e Soriano" — pela Melhoramentos, mas agora abre a própria editora, Voante. O primeiro não é obra sua, mas da poeta Priscila de Jesus, de Duque de Caxias. O nome é "Trovoada".

Essa iniciativa lembra o que diz a atriz Leandra Leal, amiga de Manu e intérprete da prostituta Kellen, a única personagem de "Justiça" que volta para "Justiça 2".

— Manu é essa pessoa que tem uma ideia e realiza, vai atrás, reúne os amigos — diz Leandra, protagonista do filme independente da baiana, "Love film festival", lançado em 2017. — É um dos projetos pelo qual mais tenho carinho.

No longa, havia espaço para improvisações, diz Leandra, algo expressamente proibido nas novelas de Manuela. Nenhum ator é autorizado a mudar qualquer diálogo. Nem Regina Casé, que a novelista considera uma das melhores atrizes do Brasil?

— Nem Regina Casé. Ninguém pode improvisar, e isso é combinado — diz Manuela, ressaltando que não tem a ver com ego. — Se o ator mudar o texto, vão achar que eu escrevi. Não é porque me acho perfeita. Você não sabe enrolar o cabo do *caboman*, então não mexe no cabo. Não sei fazer o trabalho de ninguém ali, só o meu. E isso é muito legal no audiovisual: a hierarquia não é necessariamente vertical — diz a autora, adepta da máxima "o combinado não sai caro".

Este é o único ponto inegociável. De resto, se diz disponível para selar acordos — como na troca da cidade de "Justiça 2" — e ouvir considerações. Que, por sinal, vêm de todos os lados, ainda mais em tempos de redes sociais.

— Se não quer ouvir críticas, não seja roteirista. Antes *(de ir ao ar)*, já fui criticada pelo Silvio *(de Abreu, diretor de dramaturgia da TV Globo durante a aprovação da sinopse de "Justiça" e "Amor de mãe")* e pelo Zé *(José Luiz Villamarim, atualmente no cargo)*. Os atores já deram opinião. E as pessoas acham coisas legais e chatas segundo muitos critérios. *(Talita Duvanel)*

HORÓSCOPO Cláudia Lisboa

ÁRIES (21/3 A 20/4) Elemento: Fogo. **Modalidade:** Impulsivo. **Signo complementar:** Libra. **Regente:** Marte.
Você passará por momentos de grande evidência e, por mais que ainda não se sinta pronto para expor ou lançar suas ideias para o mundo, o dia será mais que propício para tal. Expresse-se com confiança.

TOURO (21/4 A 20/5) Elemento: Terra. **Modalidade:** Fixo. **Signo complementar:** Escorpião. **Regente:** Vênus.
Será difícil colocar em palavras os sentimentos que lhe atravessarão ao longo do dia e, por mais que verbalizar seja, de fato, uma forma de dar vida às ideias, agora o melhor será senti-las. Não se cobre.

GÊMEOS (21/5 A 20/6) Elemento: Ar. **Modalidade:** Mutável. **Signo complementar:** Sagitário. **Regente:** Mercúrio.
O poder de seu pensamento lhe abrirá importantes portas, e será benéfico estar mais perto daquilo que nutre sua criatividade. Tenha em mente que as realizações dependerão apenas do seu comprometimento.

CÂNCER (21/6 a 22/7) Elemento: Água. **Modalidade:** Impulsivo. **Signo complementar:** Capricórnio. **Regente:** Lua.
Inibir sentimentos ou suprimi-los em prol dos planos alheios não fará com que eles desapareçam. Cuide de seus anseios e corra atrás dos sonhos pessoais, sem abrir mão de caminhos compartilhados.

LEÃO (23/7 a 22/8) Elemento: Fogo. **Modalidade:** Fixo. **Signo complementar:** Aquário. **Regente:** Sol.
Você sentirá o desejo de trocar e estar mais perto daqueles com quem você alcança universos distantes e ideias improváveis através das palavras. Invista nos encontros e viaje através do conhecimento.

VIRGEM (23/8 A 22/9) Elemento: Terra. **Modalidade:** Mutável. **Signo complementar:** Peixes. **Regente:** Mercúrio.
Você deverá cuidar para estabelecer bons limites para seu próprio universo emocional. Para navegar com segurança e colher bons aprendizados de seus sentimentos, será preciso manter os pés na realidade.

LIBRA (23/9 A 22/10) Elemento: Ar. **Modalidade:** Impulsivo. **Signo complementar:** Áries. **Regente:** Vênus.
O dia favorecerá a organização mental para que seu raciocínio lhe sirva como uma boa ferramenta de autoconhecimento e produtividade, e não de mera dispersão. Invista na boa elaboração das experiências.

ESCORPIÃO (23/10 A 21/11) Elemento: Água. **Modalidade:** Fixo. **Signo complementar:** Touro. **Regente:** Plutão.
Sua confiança estará pautada nos afetos e será fundamental sentir-se confortável para trocar com quem está ao seu lado em suas empreitadas, bem como na vida íntima. Descubra a força de suas parcerias.

SAGITÁRIO (22/11 A 21/12) Elemento: Fogo. **Modalidade:** Mutável. **Signo complementar:** Gêmeos. **Regente:** Júpiter.
Você se sentirá temporariamente travado, como se algo impedisse seus movimentos grandiosos e ousados. Tenha em mente que a natureza tem seu tempo próprio e receba o momento como uma proteção. Confie.

CAPRICÓRNIO (22/12 A 20/1) Elemento: Terra. **Modalidade:** Impulsivo. **Signo complementar:** Câncer. **Regente:** Saturno.
Ainda que você deseje fazer as coisas à sua maneira, as parcerias serão de grande importância neste momento. Permita-se receber quem vem até você com disposição e boa energia. A vida é melhor em conjunto.

AQUÁRIO (21/1 A 19/2) Elemento: Ar. **Modalidade:** Fixo. **Signo complementar:** Leão. **Regente:** Urano.
O momentâneo clima de tensão se dará por você não escutar com atenção o que suas emoções lhe trarão ao longo do dia. Tenha em mente que evitar os desafios só os fará crescer ainda mais. Enfrente-os.

PEIXES (20/2 A 20/3) Elemento: Água. **Modalidade:** Mutável. **Signo complementar:** Virgem. **Regente:** Netuno.
O dia trará energia de carinho e afeto até você, assim, será propício se dedicar às suas relações pessoais e cercar-se das pessoas que você ama. Fortaleça os vínculos e valorize o tempo compartilhado.

oglobo.com.br/cultura

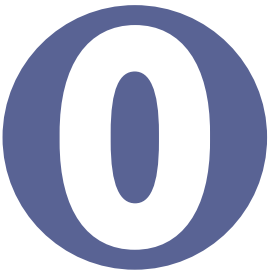
Editor: Marcelo Balbio (balbio@oglobo.com.br). **Editor assistente:** Eduardo Rodrigues (earodrigues@oglobo.com.br) . **Diagramação:** Gustavo Amaral (gdamaral@edglobo.com.br)
Telefones: Redação:2534-5703. **Publicidade:** 2534-4310 publicidade@oglobo.com.br **Correspondência:** Rua Marquês de Pombal 25, 4º andar. CEP 20.230-240

_ SEG_Play_ TER_Play_ QUA_Play_ QUI_Patrícia Kogut_ SEX_Play_ SÁB_Play_ DOM_Patrícia Kogut

PLAY

Por Anna Luiza Santiago

Com Gabriel Menezes, Tábata Uchoa, Giulia Costa e Laís Malek • oglobo.globo.com/play • anna.santiago@oglobo.com.br • colunaplay

Para "Desejos S.A.", série nacional que estreou no Star+. Com uma história muito criativa e um roteiro bem amarrado, ela prende a atenção do início ao fim.

Para o mau aproveitamento de Arlete Salles em "Família é tudo". Apesar de sua importância na novela, ela aparece muito pouco. Que pena.

Nova formação

O ator Eduardo Sterblitch e o cantor Russo Passapusso, do BaianaSystem, vão integrar o elenco do "Papo de segunda", do GNT, ao lado de João Vicente e Francisco Bosco. Eles estrearão no dia 22 de abril.

Tempos atuais

Veja só como foram feitas atualizações importantes em "Renascer". Em 1993, Venâncio por vezes chamava Buba de Alcides, seu nome de batismo. No remake, ela disse apenas que é Isabela. A cena recente da confusão mental de Inácia também mudou. Na época, a personagem era vista como "esclerosada", termo pejorativo. Leia mais no site.

Tem entrevista no site

Isabel Fillardis lançará sua autobiografia em novembro.

JUAN RIBEIRO/GLOBO

Conscientizar

Daniel Munduruku, que viveu Jurecê em "Terra e paixão", participará do especial da Globo "Falas da Terra: Selvagem", apresentado pela atriz e cantora Zahy Tentehar. Ele também foi um dos roteiristas do projeto, que irá ao ar no dia 15. "É um grito de alerta para a sociedade", opina

Em festa

O casal Murilo Benício e Cecilia Malan prestigiou o Festival de Cinema Brasileiro de Paris no fim de semana. Vilão da próxima novela de João Emanuel Carneiro, ele foi apresentar dois filmes que dirigiu: "O beijo no asfalto" e "Pérola"

DANIELA OMETTO

'True crime'

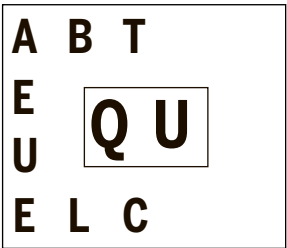
José Padilha e Marcos Prado vão dirigir uma série de ficção para a Max sobre a história do brasileiro Marco Archer, o Curumim. Condenado à pena de morte por tráfico de drogas na Indonésia, ele foi executado em 2015. Prado, criador do projeto, também assina os roteiros. A produção é da Zazen.

Para o próximo verão

Leandro Hassum participará da estreia de "Beach life", programa de Monique Alfradique no E!. No primeiro episódio, ela mostrará belezas e curiosidades do litoral de Niterói, sua cidade natal. Também estão confirmados Jojo Todynho, Klebber Toledo, Claude Troisgros e Dudu Azevedo. As gravações começarão no dia 29 deste mês.

JOGOS

LOGODESAFIO

POR SÔNIA PERDIGÃO

Foram encontradas 10 palavras: 7 de 5 letras, 3 de 6 letras, além da palavra original. Com a sequência de letras QU foram encontradas 8 palavras.

Instruções: Este jogo tem os seguintes objetivos: **1.** Encontrar a palavra original utilizando todas as letras contidas apenas no quadro maior. **2.** Com estas mesmas letras formar o maior número possível de palavras de 5 letras ou mais. **3.** Achar outras palavras (de 4 letras ou mais) com o auxílio da sequência de letras do quadro menor. As letras só poderão ser usadas uma vez em cada palavra. Não valem verbos, plurais e nomes próprios.

A B T
E
U   QU
E L C

Solução: caule, celta, culta, clube, bucal, bucle, tecla; bétula, tabule, tecelã; BLECAUTE. Com a sequência de letras QU: aquele, baque, batuque, beque, buquê, laquê, leque, qual.

Palavras cruzadas

- Bloco econômico que busca fechar um acordo com a União Europeia desde 1999
- Livro de Ana Maria Gonçalves que foi base do enredo da Portela em 2024
- Roraima (sigla)
- São removidas pelo gel esfoliante
- Superlativo absoluto sintético de "boa"
- Violência frequente em escolas
- (?) da Mentira: 1º de abril
- R E T
- Desejo intenso do ambicioso
- A ciência como a Matemática
- Comunidade de debates da internet
- Livro, em inglês
- Clube francês (fut.)
- Empire (?) Building, atração de Nova Iorque
- Formação de tumor
- (?) Jong-un, líder da Coreia do Norte
- Canal da TV a cabo
- Reside; habita
- Tempo (abrev.)
- O do BR é dominado por planalto e depressão
- Hábito de aprender sem assimilar (gíria)
- Pisa; calca
- 101, em romanos
- Matiz; coloração
- Projétil explosivo
- (?) Valença: gravou "Estação da Luz"
- Sofre de alucinações
- Vanessa-(?), violinista
- Habita o setor oriental de Jerusalém
- Palavra que indica alternativa
- Mínimo Múltiplo Comum (Mat.)
- Jean-Jacques (?), autor de "Pigmalião"

BANCO 3/mae. 4/book. 5/lille — state. 8/bullying — rousseau. 9/neoplasia.

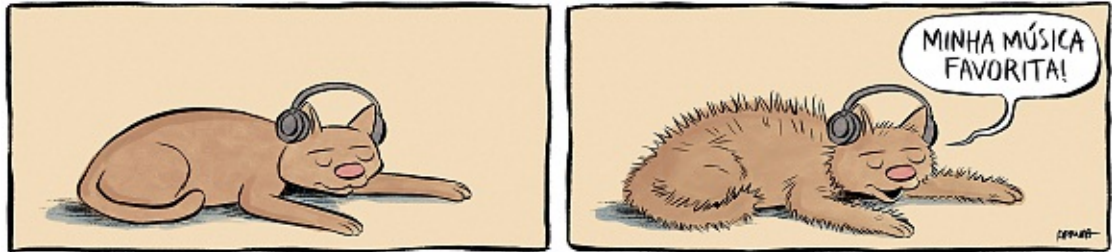
SOLUÇÃO

QUADRINHOS

MACANUDO Liniers

© 2024 KING FEATURES SYNDICATE™ HEARST HOLDINGS, INC./DISTR BY BULLS

NADA COM COISA ALGUMA José Aguiar

FORA DE FOCO Eduardo Arruda

O CORPO É PORTO André Dahmer

BICHINHOS DE JARDIM Clara Gomes

A VIDA É UM RISCO Adão Iturrusgarai

_ **SEG**_ Joaquim Ferreira dos Santos _ **TER**_ Leo Aversa_ **QUA**_ Ana Paula Lisboa (quinzenal) _ Martha Batalha (quinzenal)_ **QUI**_ Cora Rónai_ Luis Fernando Verissimo _ **SEX**_ Ruth de Aquino_Nelson Motta_ **SÁB**_ José Eduardo Agualusa_ **DOM**_Cacá Diegues

JOAQUIM FERREIRA DOS SANTOS

segundocaderno@oglobo.com.br

O BRASIL É UM IMENSO PRIMEIRO DE ABRIL

Se acontecesse hoje seria uma história típica de primeiro de abril, mas foi semana passada, ainda no calendário de março, e não havia motivo para associá-la à tradição de brincar com a mentira. A propósito, é tudo verdade.

Era um sujeito simpático, daqueles que vão logo te segurando pelo braço, e parecia sinceramente feliz pelo nosso encontro, num vernissage no último quarteirão de Ipanema. Estava, e só não lhe digo o nome porque não *lo* sei, acompanhado de uma atriz em algum momento famosa na televisão, um rostinho razoavelmente conhecido cujo nome, embora mais tarde tenha procurado localizar na historiografia das novelas, também fiquei sem saber.

"E aí", ele me cumprimentou imediatamente íntimo, "as maritacas do Jardim Botânico continuam fazendo algazarra quando passam na tua cabeça?".

Sorri ligeiro, com um leve repuxar dos lábios para o alto do canto esquerdo da boca, meio assim como o Belmondo em "Acossado", e, aflito, iniciei no hard disk interno a busca da ficha "maritaca". O Jardim Botânico soava verossímil, pois endereço de anos. Algum dia aquelas aves, notórias no silêncio do bairro, tivessem feito algazarra ao sobrevoar os raros cabelos deste então morador. O cerebelo, no entanto, mandou a mensagem: "arquivo não encontrado".

Longos anos de terapia ensinam que sabemos pouco de nós mesmos, era bem possível que eu tivesse deletado, para ocupar o espaço com algum estresse cotidiano, o tão belo e raro momento em que estive sincronizado àquela sinfonia da natureza.

Sinalizei simpatia muda ao estranho íntimo. Com um jeito fofo, assumi na biografia o alvoroço das maritacas. Fiz para o homem um jogo de ombros que não desmentia, não entrava em detalhes, não dava bandeira sobre a minha desconfiança, e soava meio um Woody Allen atrapalhado, mas gente boa — como se dissesse, "pois é, essas maritacas...".

O QUE É FICÇÃO, LENDA URBANA OU, COMO NELSON RODRIGUES GOSTAVA, O QUE É NA BATATA?

Eu tinha acabado de ouvir o podcast "Vozes da ditadura", baseado nos arquivos do Elio Gaspari, e estava atordoado pelos limites frágeis, ao sul do Equador, das noções de mentira e realidade, quase certo de que essas barreiras nos trópicos são difíceis de se cravar. O Brasil é um imenso primeiro de abril. O que é ficção, lenda urbana ou, como Nelson Rodrigues gostava, o que é na batata?

Era verdadeira, soube no podcast, a história do general em pijama e roupão de seda vermelho que, da cama, deu a ordem para o golpe de 64. Depois, bateu o telefone, abraçou o travesseiro e dormiu o sono que inaugurava o pesadelo de 21 anos.

Seria verdadeira também, ou mais um primeiro de abril, a história que o homem no vernissage contou em seguida à das maritacas? Um dia, em meio a uma reportagem, eu teria me instalado num edifício com binóculos e, ao varrer com suas lentes investigativas todas as janelas do edifício em frente, me deparei com o foco da espionagem, o sujeito também de binóculos dando tchauzinho.

Parecia uma cena de "A Pantera Cor-de-Rosa", um embaralhamento de meias mentiras com nenhuma verdade – mas vai quê?! Não obstei. Sem dar bandeira, sem deixar que o estranho íntimo atacasse com o preconceito de que depois de certa idade a memória pica a mula, sorri Belmondo, e, de boas, cantarolei nas internas uma versão do "Aquele abraço" do Gil — quem sabe de mim, definitivamente, não sou eu.

RENATA IZAAL

renata.izaal@oglobo.com.br

'VIVEMOS EM UM MUNDO ONDE TUDO É POLÍTICO'

ROMANCE DE BERNARDINE EVARISTO EM QUE PROTAGONISTA É GAY, NEGRO E IMIGRANTE CHEGA AO BRASIL DEZ ANOS APÓS LANÇAMENTO EM INGLÊS: 'GOSTO DE DESAFIAR O STATUS QUO'

DIVULGAÇÃO/JENNIE SCOTT

Pioneira. Bernardine Evaristo é a primeira pessoa não branca na presidência da Real Sociedade de Literatura: "Booker Prize mudou meu status"

"Sr. Loverman". **Autor:** Bernardine Evaristo. **Tradutor:** Camila von Holdefer. **Editora:** Companhia das Letras. **Páginas:** 328. **Preço:** R$ 89,90.

Bernardine Evaristo inicia a entrevista, por vídeo, dispensando qualquer formalidade facilmente associada a uma autora do seu status na literatura em língua inglesa. "Me chame de Bernie", diz ela, que, em 2019, venceu o Booker Prize com o inventivo "Garota, mulher, outra", caleidoscópico romance com 12 mulheres negras como protagonistas.

Bernie (já que ela insiste) lança no Brasil "Sr. Loverman", em que acompanha Barrington, um imigrante caribenho que fez fortuna em Londres, onde mantém um relacionamento homoafetivo extraconjugal por décadas até que, aos 74 anos, decide terminar o casamento de 50 para, finalmente, viver seu grande amor. Originalmente publicado há 10 anos e portanto anterior à obra mais famosa da autora, "Sr. Loverman" já contém os elementos que deram a ela prêmios e prestígio: o uso de versos livres, múltiplos narradores e uma espécie de ficcionalização da interseccionalidade, com gênero, raça, classe, orientação sexual e identidade dando complexidade às relações sociais.

DINÂMICAS DE PODER

— O Barrington me pareceu perfeito para explorar a homofobia a partir de uma perspectiva negra. Ele tem 74 anos, não é o *clubber* de 25 que a maioria compreende como um homossexual. É um cara de uma geração mais velha que é gay e que, por isso, precisa lutar muito — diz. — Ele luta, inclusive, contra as prisões que criou para si. Por que é tão difícil para ele e a mulher saírem de um casamento infeliz, mesmo vivendo em Londres onde ela é livre para se divorciar e ele para viver seu amor? — questiona.

Esse encontro entre a macropolítica e a política da vida cotidiana é uma marca da literatura de Bernie que ela faz questão de ressaltar, sem temer que seu trabalho seja rotulado como político, negro ou feminista. Afinal, ter um protagonista imigrante, gay e negro levanta quase que automaticamente questões sobre o modo como a sociedade o vê, como ele se identifica e de onde vêm seus antepassados.

— Sou uma escritora que gosta de desafiar o status quo. — afirma. — Vivemos em um mundo, contexto e estruturas nos quais tudo é político, quer as pessoas admitam isso ou não. Uma ficção política não é apenas a que lida com os grandes temas sociais do nosso tempo, é também a que trata do modo como as pessoas se movem nesse mundo, contexto e estruturas. Não escrevo pensando nisso o tempo todo, sou conduzida pela história, mas me interessa explorar as dinâmicas de poder, especialmente as existentes no Reino Unido e na diáspora africana.

Das dinâmicas de poder Bernie entende. Afinal, vive no país onde o governo conservador propõe enviar imigrantes para Ruanda, pagando ao país africano para recebê-los.

— Os conservadores estão no poder no Reino Unido há 13 anos, o que é muito tempo. Ficaram mais corruptos e extremistas, com ideias imorais, ridículas. Ninguém deve ser enviado a Ruanda, que tem registros terríveis de violações dos direitos humanos. O Brexit foi uma missão suicida, e a verdade é que precisamos de imigrantes nesse país.

Imigrantes como os antepassados de Bernie, vindos da Nigéria (sua mãe é uma inglesa branca e o pai um nigeriano), incluindo um avô iorubá aguda, que deixou o Brasil para retornar ao país.

— Quando dizem que o meu trabalho é negro, não é demérito. É uma afirmação desse lugar poderoso do qual eu escrevo. Mas há autores brancos escrevendo sobre identidade branca e não se diz o mesmo deles. Se o que eu faço é político, o que eles fazem também é. Só que quando você estudou em Oxford ou Cambridge não precisa se afirmar, já é parte do establishment. A maioria de nós tem de lutar.

De fato, Bernie já tinha 60 anos e sete livros publicados quando dividiu o Booker Prize com Margaret Atwood, em 2019. Foi a primeira autora negra contemplada, assim como em 2022 ela se tornou a primeira pessoa não branca e não educada em Oxford ou Cambridge a presidir a Real Sociedade de Literatura (até 2026).

— O prêmio mudou o meu status. Sem ele, não teria sido escolhida para a Sociedade. A literatura britânica sempre enfatizou escritores jovens, fotogênicos para as capas de revistas, mas isso mudou.

Uma conquista de #MeToo e Black Lives Matter?

— Mulheres publicando aos 60 anos é certamente pós #MeToo. Isso é maravilhoso e nos fala também sobre o tempo necessário para um autor encontrar sua literatura, especialmente as mulheres em meio a tantos obstáculos. E pensar que Toni Morrison publicar aos 39 me pareceu tardio...